

REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe



N.º 26 A — 1961 — 1965 — Vol. XXII

1962

55-20091

REVISTA

DO

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

DIRETOR RESPONSÁVEL

EPIFÂNIO DA FONSECA DÓRIA

N.º 26 — 1961 — 1965 — Vol. XXII

RETORNO À PUBLICIDADE

Por falta de suficientes recursos para sua tiragem normal esta Revista, que é o porta-voz do Instituto que a mantém, teve de ficar com sua publicação suspensa até agora. Retornando à boa liça ela pretende publicar toda a matéria ligada às solenidades comemorativas do jubileu do Instituto. A crise financeira que assoberba o país, causada pela inflação que cresce a cada dia, encarecendo tudo, atingiu vitalmente o papel de imprensa.

Dando publicidade a este volume da Revista não o fazemos sem o rigor de fortes dificuldades. E não é só a falta de recursos financeiros que nos atropela, há também a de auxiliares administrativos. Com as constantes elevações de ordenados e salários as instituições que não possuem suficientes recursos e vivem da abnegação e altruismo de poucos, correm perigo de naufrágio. Não lhes é possível na corrida de ordenados compensadores concorrer com os que pagam elevados ordenados aos que lhes servem.

A velha mentalidade resiste ao impacto das novas idéias, dos novos métodos de ação. As sociedades de natureza igual ou semelhante a deste Instituto não têm nada de interesse mútuo, não, estão a serviço exclusivo dos seus associados, que se coordenaram em seu benefício e deste modo não devem ser vistas pelos velhos prismas, sendo olhadas, quase, como se fossem sociedades mútuas.

Os sócios que as instituem e as mantêm não tiram proveitos pessoais delas. Nenhum sócio é dono de coisa alguma, se houver patrimônio; pagam contribuição, prestam-lhes serviços e quando as deixam, por morte ou por circunstância outra qualquer, nada levam consigo, se não a tradição de terem sido úteis, em benefício da coletividade e do meio. Os que se esmeram pelo progresso delas são merecedores da pública gratidão.

Elas não podem ficar à mingua do amparo oficial, das ajudas dos governos bem inspirados.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE

Epifânio Dória

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe foi fundado na capital do Estado em 6 de agosto de 1912, por iniciativa do professor Florentino Teles de Menezes. Segundo a definição dada pelo Artigo 1.º dos seus Estatutos "é uma sociedade civil de caráter litero-científico."

No dizer do Artigo 3.º dos mesmos Estatutos, os seus fins são: "promover o estudo, animar o desenvolvimento intelectual e cívico do povo sergipano, o conhecimento da geografia e da história em todos os seus ramos e aplicações à vida social, política e econômica do país, especializando suas atividades no Estado, de sua sede."

Cumprirá esses fins, (Artigo 4.º dos Estatutos), celebrando sessões e conferências públicas, onde poderão ser ventilados e discutidos os assuntos de ordem científica, literária e artística; coligindo, conservando e classificando documentos, livros, cartas geográficas e objetos outros que possam fornecer elementos de informação e devam constituir uma biblioteca, um arquivo, uma mapoteca e um museu; entretendo relações com os demais institutos ou sociedades similares; publicando uma revista e mantendo um curso de geografia e história pátrias quando possa fazê-lo."

Sua revista vem sendo publicada desde 1912, já tendo saído 26 edições.

Sua biblioteca, registada no Instituto Nacional do Livro, é franqueada ao público, e conta já 17.000 volumes, arrumados em modernas estantes de aço.

O seu edifício, cuja construção foi iniciada a 17 de março de 1934, na presidência do dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, foi inaugurado em 2 de abril de 1939. É um dos mais belos prédios do centro da cidade, possuindo um salão amplo, que é um dos maiores e o mais central da cidade, munido de piano para concêrto e um grande e artístico balcão para a diretoria, além de 582 assentos.

Por oferta do sócio beufeitor, hoje benemérito, o capitalista sergipano Francisco de Barros Melo, do alto comércio de Santos, Estado de São Paulo, possui uma grande coleção numismática de valor superior a quinhentos mil cruzeiros. À sua biblioteca foi incorporada, por oferta do sócio benemérito dr. João Rodrigues da Costa Dória, a grande biblioteca que pertenceu ao seu mano, o notável sergipano dr. José Rodrigues da Costa Dória. O Instituto foi reconhecido de utilidade pública por lei do Estado e decreto do governo federal, e de utilidade continental na América do Sul, pelo Congresso Americano de Bibliografia e História reunido em Buenos Aires, em 1916.

As suas múltiplas atividades deve-lhe o Estado a criação de um monumento ao fundador da cidade de Aracaju, dr. Inácio Joaquim Barbosa; a de uma estátua ao sábio sergipano dr. Tobias Barreto, na mesma cidade, com a transladação dos despojos do mesmo, do Recife para Aracaju; e a de um busto em bronze ao general Siqueira Menezes, no bairro Santo Antônio, ainda em Aracaju.

O seu magestoso edificio vem abrigando várias instituições de natureza artística, social e cultural, a começar pela Academia Sergipana de Letras. Acha-se atualmente na presidência do Instituto o dr. Urbano de O. Lima Neto. Ultimamente vem recebendo grandes donativos de livros, feitos pelo benemérito sergipano Orlando de Carvalho Damasceno, valendo os seus donativos milhares de cruzeiros.

Os presidentes do Instituto, desde a sua formação, foram os seguintes:

- 1.º — DESEMBARGADOR JOÃO DA SILVA MELO, eleito em 1912 e reeleito sucessivamente, até julho de

- 1916, quando renunciou por moléstia. Faleceu a 29 de outubro de 1917.
- 2.º — DESEMBARGADOR MANUEL CALDAS BARRETO NETO, eleito em 30 de julho de 1916 e reeleito sucessivamente até 1921, e no biênio de 1923-1925. Renunciou por se ter transferido para o Rio de Janeiro, onde faleceu a 16 de outubro de 1928.
- 3.º — Major, mais tarde general MANUEL JOAQUIM PEREIRA LOBO, biênio de 1921-1923. Faleceu no Rio de Janeiro a 7 de outubro de 1927.
- 4.º — ALMIRANTE AMINTAS JOSÉ JORGE, eleito em 20 de Janeiro de 1925 para concluir o biênio. Foi reeleito em 30 de julho do mesmo ano para o biênio de 1925-1927. Faleceu na capital da Bahia a 26 de Janeiro de 1945.
- 5.º — DR. FRANCISCO CARNEIRO NOBRE DE LACERDA, eleito em 30 de julho de 1927 para o biênio de 1927-1929 e reeleito sucessivamente, para os dois biênios seguintes. Faleceu em João Pessoa, Paraíba, a 28 de junho de 1935.
- 6.º — EPIFÂNIO DA FONSECA DÓRIA, eleito para concluir o biênio em 27 de janeiro de 1937. Foi reeleito em 30 de julho de 1937, para o biênio de 1937-1939. Findo esse biênio recusou sua reeleição para o de 1939-1941. É atualmente Secretário Geral Perpétuo.
- 7.º — DESEMBARGADOR HUNALD SANTAFLOR CARDOSO, eleito em 30 de julho de 1939 para o biênio de 1939-1941. Recusou sua reeleição.
- 8.º — PROFESSOR JOSÉ AUGUSTO DA ROCHA LIMA, eleito em 30 de julho de 1941 para o biênio de 1941-1943. Foi reeleito em 30 de julho de 1943 para o biênio de 1943-1945.
- 9.º — DR. JOSÉ CALAZANS BRANDÃO DA SILVA, eleito em 30 de julho de 1945 para o biênio de 1945-1947. Não foi reeleito por ter transferido sua residência para a cidade do Salvador, Bahia.

- 10.º — DR. JOÃO BATISTA PEREZ GARCIA MORENO, eleito em 30 de julho de 1947 para o biênio de 1947-1949 e reeleito em 30 de julho de 1949 para o biênio de 1949-1951. Recusou sua reeleição para o de 1951-1953.
- 11.º — DR. FELTE BEZERRA, eleito em 15 de julho de 1951 para o biênio de 1951-1953.
- 12.º — DESEMBARGADOR ENOCH SANTIAGO, eleito em 20 de julho de 1953 para o biênio de 1953-1955, sendo reeleito para o biênio de 1955-1957. Faleceu antes de concluir o mandato, a 16 de fevereiro de 1957.
- 13.º — DR. MANOEL FERREIRA DA SILVA NETO, que serviu, na qualidade de 1.º vice-presidente, a partir de 16 de fevereiro de 1957. Foi eleito, em 15 de junho de 1957, para o biênio de 1957-1959. Foi, em 15 de julho de 1959, reeleito para o biênio de 1959-1961. No termo do mandato escusou-se de aceitar nova reeleição.
- 14.º — ENG.º AGRÔNOMO URBANO DE OLIVEIRA LIMA NETO, eleito em 15 de julho de 1961 para o biênio de 1961-1963.

Breve discurso proferido pelo presidente do Instituto, Dr. Urbano Neto, na solenidade da oposição do retrato do seu antecessor na presidência, o Dr. Ferreira Neto, na galeria dos presidentes, a 3 de agosto de 1962.

Meus Senhores

Reune-se mais uma vez o Instituto Histórico para inaugurar na galeria dos seus presidentes mais um retrato, o último deles, a quem tenho a honra de suceder, o Dr. Manuel Ferreira da Silva Neto.

Sem pretender me adiantar ao ilustre orador credenciado pelo Instituto Histórico para em seu nome falar, tenho a fazer notar que, dada a excepcionalidade das virtudes do ilustre homenageado e a eloquência da amizade que êle merece de todos nós, seus companheiros de Diretoria, esta cerimônia tem para todos nós que trabalhamos nesta casa de Sergipe, uma significação particular.

Peço à Exma. Senhora Ferreira Neto a gentileza de desvelar a efigie do seu ilustre esposo

FERREIRA NETO NO INSTITUTO

J. Pires Wynne

Nada de gongórico, e nenhuma ênfase. Não é discurso o que agora faço.

Página singela e amena, sim, à semelhança do temperamento e da brandura de alma do homenageado, cujo retrato agora se inaugura (*).

*
* *

Hoje bastante alterada no seu traçado urbano, e já apresentando um outro aspecto bem diverso, principalmente na sua face, à orla do mar, na cidade baixa, cujos edifícios modernos logo surgem aos olhos de quem chega, a Bahia era, nos meus bons tempos de estudante, quase tóda a mesma do passado.

Era ainda Salvador uma cidade de feições bem antigas, com as ruas muito estreitas, em ladeira, calçadas de pedra bruta, e ora aqui, ora ali, em funil, apertando-se numa saída esconsa, sob os beirais de telhas coloniais, muito esverdeados.

As ruas, assim, recordavam, a cada instante, a passagem do sentimentalismo romântico da gente môça e velha do meu tempo, e que por elas transitava, o espírito conservador de eras bem remotas.

(*) Discurso proferido, em nome do Instituto na soenidade da aposição do retrato do ex-presidente do Instituto, Dr. Ferreira Neto, na galeria dos presidentes a 3 de agosto de 1962.

A pátina do tempo, sempre igual, e por tóda parte, envolvendo de mistério as coisas, e dando a tudo um ar de doçura mística, de espontânea e doce religiosidade, penetrava a alma dos passantes de uma música suave e adormecedora.

A primitiva Sé, já então em ruina, mas segurando-se nas paredes quatro vezes seculares, concorria para poetizar o pequenino pátio, área fronteira ao mar, e em declive, numa descida meio disfarçada.

A velha Sé, na sua postura mansa, como que se debruçava sôbre o varandim que lhe fechava o pequenino pátio, singélo e silencioso, e assim, como uma velhinha bóa, enleuada nos sonhos do passado, em cismas e saudades se recurvava, olhando lá em baixo, contemplativa, as águas verdes e claras da bahia.

E os conventos?!

O da Lapa, com as suas altas paredes brancas, e a lembrança perene e sugestiva do sacrificio de SOROR Joana Angélica no fervor imortal de sua fé.

O de S. Francisco?!

Todo esplendor, a mostrar nos relêvos e doirados, aos olhos dos fiéis, e nas minúcijs das lindas linhas caprichosas abertas em jacarandá, a riqueza histórica de um passado áureo, silencioso, na penumbra nobre e solene da nave acolhedora e discreta.

Longe, pelas praias, as velhas fortalezas, mostrando nas ameias as longas horas de vigílias amargas e de inquietas perspectivas.

As ameias!... Já sem valia, abandonadas, entregues á contemplação do povo, como restos sagrados de épocas cavalheirescas...

Logo á entrada, bem á vista, alvo, subindo nas linhas nobres e clássicas, o alto Farol da Barra, plantado na rocha, e em tórno um verde tapête de relva a descer pelas encostas, aos borrifos do mar.

O Farol da Barra!

Sentinela avançada, orientando o viajór, velando o pôrto, dominando sôbre o oceano largo, verde, da côr das esperanças, e às vêzes, tão bravio e encapelado...

Depois, com a cõr das reminiscências quase esmaecidas, o Forte de S. Pedro, e ali perto o Palácio da Aclamação, residência dos Governadores, camuflada, vista através do Passeio Público...

Pela frente, num labirinto de curvas e de arcadas, com o seu casario de feições irregulares, bem junto ao mar, a Gambóa...

Era a Bahia, a mesma Bahia de outros e passados tempos, perdidos e distantes, mas nunca apagados ou esquecidos.

A Bahia, sempre acolhedora, e firme, de pedra e cal, resistente aos apêlos renovadores.

A Bahia, enleuada, a refletir em cada face, pelos declives, nas subidas e descidas, nos velhos paredões, nos vetustos e largos portais senhoriais a sua grande e generosa alma, nas afirmações de quatro séculos...

Os primeiros lances heróicos da nacionalidade!

Os braços de uma nobreza ilustre e patriarcal!

Mas, aqui e além, também, já surtos de esporádico e impenitente bater de martelo da iconoclastia demolidõra, reajustando-a ao tempo novo, renova-lhe aspectos.

Esparsos e ainda bem raros cenários, às vezes, tão destoantes da impressão geral, apresentavam-se aos olhos da cidade sempre envõlta no seu manto de recordações, como sérias ameaças à sua beleza de velha matrona, feliz e jovial, sempre fidalga e zelosa das tradições.

E surgia a Rua Chile, moderna e principal artéria, traço simpático deixado pelo Govêrno de J. J. Seabra, a subir em leve curva ao encontro da Praça Rio Branco, quadrado regular, mostrando ao centro no pavimento de paralelepipedos uma linda rosacea aberta no granito.

De um lado, a nova Bibliotéca, e mais, na mesma linha, para o lado do mar, a Imprensa Oficial, já vistoso edificio de cimento armado.

Na encosta, bem no centro, no mesmo lugar do antigo, o novo Elevador, olhando o despenhadeiro, ligando a cidade alta e montanhosa à cidade plana e marinha, e lá em baixo o centro comercial, com as docas, o mercado, o molhe, lingueta a avançar pelo mar...

Ali perto, bem em frente, de novo, a visão do passado, e novo rosário de tradições, e a Igreja da Conceição da Práia, e a certa distância do cais o São Marcelo, velha fortaleza, ainda prestativa, com as suas muralhas à flor das águas e em forma de perfeito círculo, trazendo à contemplação do espectador, logo, num halo de melancolia, os seus bravos serviços à causa pública e aqueles inquietos instantes de Bento Gonçalves e os episódios de sua fuga.

Quando, às vèzes, do alto, debruçado sôbre a amurada que liga o Palácio do Govêrno ao outro extremo da Praça, eu me extasiava na contemplação do mar, ao vê-la, lá em baixo, sempre uma lembrança me ocorria.

Contemplando a sua forma circular, vendo-a tão rente ao mar, quase banhada pelas ondas, o que me vinha ao pensamento era a lembrança daquêle tradicional e lendário casamento que outrora se realizava em Veneza, quando festiva a cidade tôda se engalanava, celebrando as suas núpcias com o Adriático, e atirava nas águas o seu anel simbólico.

* * *

Eis, prezado Ferreira Neto, como, passados tantos anos, recomponho a fisionomia da cidade do Salvador, acolhedora e amiga, em cujo seio vivi os primeiros tempos da mocidade.

Capital do vosso Estado, a Bahia, amorável, sentimental, saudável, rica de lembranças boas e que são marcas dos anseios e da brasilidade do seu povo.

Nascido em NOVA SOURE, no Estado da Bahia, no dia primeiro de junho de 1901, sois, assim, mais velho que êste colega amigo que vos fala, e que há trinta e quatro anos, desde que aqui, esbelto, môço, e, como hoje, sempre ameno, chegastes, trazendo para Sergipe, e para alegria nossa, a vossa vontade de servir, de trabalhar, cooperando conôsko e sempre pelo desenvolvimento desta terra, e sempre sereno, e sempre retil^hneo no exercício da profissão, antes farmacêutico militar, já hoje coronel, e depois jurista, advogado militante, ativo e honesto nas caminhadas pelos corredores do FORUM, madrugador nos cartórios, discreto, co-

medido no trato das coisas forenses, modesto e distinto no convívio dos amigos e dos colegas.

Assim, sem contestação, os passos de vossa vida entre nós.

Na política, a constância na lealdade; no militar, o zelo pela disciplina, no farmacêutico a seriedade e a fuga dos negócios, e na profissão do Direito, a tendência afirmativa, mais afirmativa e evidente, toda manifestação de vontade e suavidade de coração, e por isso a vocação se revela no desejo de ser útil, fazendo o bem, e assim surge o Secretário da Associação de Beneficência — mantenedora do Hospital de Cirurgia, e assim surge o Secretário do Serviço de Mendicância, e surge assim o legionário da Diretoria da Sociedade de Assistência aos Lázaros, caminhos que buscam o mesmo fim, lembrando a lição cristã — Amai-vos uns aos outros como EU vos amei.

* * *

Homem de sociedade e de ação metódica, de conduta assim tão arejada, e, sobretudo, de passo firme, e sem alarde, aqui no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, passando pela Presidência, marco deixastes de inteligente trabalho, interessado pela vida da instituição, hoje madura, e bem mais nova que nós ambos.

* * *

O retrato que hoje aqui está, e que é o vosso retrato, recomenda o pincel do artista, e traduz o reconhecimento dos que, zelando pelas coisas do passado, nomes, tradições, glórias de Sergipe, glórias, às vezes, tão entrelaçadas, pela origem comum da brasilidade, aos anseios e rebates heróicos da gente baiana, o retrato, sim, que hoje aqui se inaugura e festeja, e que de agora em diante será patrimônio desta Casa, aqui ficará, e pelo tempo afóra dirá aos vindouros que aqui vivestes, por aqui passastes, conquistando amigos, confraternizando conosco, amando a nossa gente, e sendo, afinal, gente nossa, pelo trabalho, pela inteligência e pelo coração.

Sois, Ferreira Neto, de Sergipe, e Sergipe também é vosso.

NOTA DA REDAÇÃO

A inauguração do retrato do dr. Ferreira Neto, festividade que teve lugar, às 20 horas, do dia 3 de agosto de 1962, contou com a presença do Representante do Senhor Governador do Estado, Presidente da Assembléia Legislativa, Presidente do Tribunal de Justiça, Coronel José Brito da Silveira, Comandante da Guarnição Federal, Comandante Menandro Fraga, Capitão dos Portos, Secretários da Fazenda e da Justiça, vários desembargadores, juizes, advogados, promotores, figuras da Indústria e do Comércio, e numerosas senhoras e senhoritas da sociedade sergipana.

Parte do programa comemorativo da passagem do cincoentenário da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o ato se revestiu de grande brilhantismo pela presença de altas figuras da sociedade sergipana e, após proferir ligeiras e oportunas palavras, foi, pelo Dr. Urbano de Oliveira Lima Neto, Presidente do Instituto, concedida a palavra ao Dr. J. Pires Wynne, poeta e jornalista, e também advogado, colega e amigo do homenageado, e cuja oração foi a amena e sugestiva página — FERREIRA NETO NO INSTITUTO, trabalho que agora aqui publicamos.

Discurso proferido pelo Dr. Ferreira Neto, na solenidade da
aposição do seu retrato na galeria dos presidentes do Instituto
Histórico a 3 de agosto de 1962, agradecendo a homenagem que
lhe foi prestada.

Meus senhores:

Sinto-me, neste momento, não somente comovido, mas, verdadeiramente embaraçado.

É que sempre fui, em verdade, avesso a qualquer espécie de publicidade, ainda que desvanecedora como esta, visto como Deus me concedeu a felicidade de ter a consciência do meu nada.

Filho do nordeste da Bahia, cheguei, faz cerca de trinta e quatro anos, a esta bela e querida Aracaju, em cuja sociedade me integrei sem esforço, mercê da hospitalidade e da generosidade de sua gente, que é a mesma de todos os rincões brasileiros, onde o sorriso é a credencial dos desconhecidos.

Assim, integrado na terra, passei a querê-la e estremecê-la como o sergipano que mais o fosse, porque, para mim, não há que se distinguir entre os que aqui nasceram e os baianos, mineiros ou gaúchos uma vez que, acima de tudo, somos todos brasileiros, ligados pela unidade da língua, religião, pelos mesmos costumes, pelas mesmas tradições, e por aspirações e anseios comuns.

A minha vida, durante todo esse longo espaço de tempo é de todos conhecida e se tem caracterizado pela tranquilidade daquêles que nada mais fazem senão, só, cumprir o seu dever. Vida simples e modesta, sem fulgurações nem trevores, absolutamente normal de quem procura torná-la útil, servindo à comunidade, sem nunca insinuar-se para o exercício de quaisquer cargos.

Por isso, jamais pensei na possibilidade de vir a ser o presidente dêste Instituto, apesar de ser sócio desde muitos anos, por indicação de amigos generosos.

Todavia, sempre olhei para esta Casa com o maior respeito e acatamento, pelas suas altas finalidades culturais, sempre dirigida por figuras destacadas, expoentes da inteligência e da cultura de Sergipe.

Mas, Senhores, o meu respeito e acatamento ao Instituto eram ainda maiores pela admiração que sempre consagrei a Epifânio Dória, seu Secretário Geral e Perpétuo, muito embora não tivesse com êle grande aproximação. Conhecia, porém, a sua obra através da imprensa e por informações de amigos sabia de sua dedicação total e absoluta ao Instituto.

Dest'arte, foi, com surpresa, que recebi o seu convite para integrar a chapa da Diretoria desta Casa, em 1955, no cargo de 2.º Vice-presidente, para o biênio de 1955/57.

Relutei em aceitar a indicação e confesso mesmo que o meu primeiro impulso foi de total e absoluta recusa. Encontrava-me, então, sobrecarregado de trabalho, não somente da minha modesta advocacia, como pelos cargos que desempenhava e ainda desempenho de secretário da Associação Aracajuana de Beneficência e do Serviço de Assistência à Mendicância, (SAME), membro da Diretoria da Sociedade de Assistência aos Lázaros e outros encargos em Clubes Desportivos desta Capital.

Entretanto, não tive coragem de recusar a solicitação de Epifânio: estava deante de mim aquêle velhinho simpático, simples, humilde e bom, modesto, e que, certo, não se dava conta do próprio valor e, por isso, não pôdia se aperceber do respeito e da admiração que eu sempre lhe devotara, a me solicitar a inclusão do meu nome na chapa da Diretoria do Instituto. Como que estou ainda a vê-lo, com o seu olhar sereno e confiante, reflexo de sua alma sem mácula, pedindo-me com o geito de quem dava, procurando não ser visto!

Aquela atitude tocou-me, fundamentalmente, o coração e accedi ao seu pedido. Além disso, tratava-se de uma segunda vice-presidência que poderia ser desempenhada sem grandes trabalhos e esforços.

Fui, assim, eleito 2.º Vice-presidente, em 15 de Julho de 1955, tendo sido eleitos, então, Presidente e 1.º Vice-presidente, respectivamente, o Des. Enoch Santiago e o Cônego Domingos Fonseca de Almeida.

Aconteceu, porém, durante aquêlê biênio, o que eu não poderia ter previsto: a renúncia do Cônego Domingos Fonseca e a morte inesperada do ilustre e culto Des. Enoch Santiago, a cuja memória rendo, nesta oportunidade, a mais sincera homenagem.

Desta forma, vi-me, inesperadamente, alçado às eminências da presidência desta Casa, honra a que jamais aspirara.

De 16 de Fevereiro de 1957, data do falecimento daquêlê grande presidente, a Julho do mesmo ano, como seu substituto legal, face á renúncia do 1.º Vice-presidente, tive oportunidade de conhecer melhor o trabalho e a dedicação de Epifânio Dória ao nosso Instituto.

De sorte que, terminado o biênio 1955/57, não tive argumentos para resistir ao seu apêlo no sentido de indicar o meu nome para a presidência, na eleição que se ia realizar. Assim, fui eleito Presidente para o biênio de 1957/59 e 1959/61.

Terminado êste período, resisti a uma terceira indicação e Epifânio, compreensivo como é, concordou que outros sócios poderiam exercer o honroso encargo, com o espirito de cooperação cultural, impondo-me, porém, como condição que eu aceitasse um lugar na nova Diretoria, cujo convívio é uma honra, dirigidos todos pela figura simpática de Urbano de Lima Neto, meu dileto companheiro e amigo.

Já por estas alturas dos acontecimentos, as minhas ligações com Epifânio não me permitiam faltar ao amigo que êle se me tornara. Por êste motivo fui eleito 1.º Vice-presidente da atual Diretoria, embora me fosse preferido cargo menos elevado.

Eis aí, em largas pinceladas, a história do meu ingresso no Instituto.

O pouco, ou quase nada que se realizou na minha gestão, foi menos obra minha do que da cooperação de todos os brilhantes membros da Diretoria, aos quais sou muito grato, especialmente a Epifânio Dória, trabalhador infatigável e indefesso que me parece a própria personificação do Instituto, figura singular sobre

a qual devem recair tôdas as glórias desta Instituição nêstes seus cinquenta anos de vida.

Confesso, entretanto, meus amigos, que não me dei conta de que, ao final do meu mandato, teria de passar pelo que considero, permitam-me a expressão, verdadeira provação, qual seja a desta solenidade de inauguração de meu retrato na galeria dos Presidentes desta Casa.

Graças a Deus, sou um homem simples e despretensioso, consciente da própria desvalia, de forma que um elogio como êste que acabo de ouvir do prezado poeta e amigo Pires Winne, a quem agradeço de coração, faz-me compreender e aquilatar, cada vez mais, a generosidade dos sergipanos.

Por isso, imorredoura é a minha gratidão. Meus Senhores:

Se os que mergulharam na grande noite que é a morte, do além misterioso e insondável em que se encontram, podem divisar o que se tem passado nesta Casa, nêstes cinquenta anos decorridos, hão de reconhecer o esforço e o trabalho aqui desenvolvido no culto de suas memórias veneráveis.

É que o culto aos antepassados é um dever das gerações presentes.

O respeito às tradições é característica dos povos cultos.

As novas gerações precisam conhecer os exemplos que os nossos maiores nos legaram.

Não é necessário possuir títulos para venerar os que se foram.

Há simples e humildes com tesouros de sensibilidade e de civismo.

O nosso Instituto, dentro de suas parcas possibilidades tem sabido cumprir o seu dever.

Guarda e repositório das mais caras tradições e da história de Sergipe tem prestado grandes e assinalados serviços ao Estado e ao País.

Que as novas gerações se compenetrem do dever de mantê-lo sempre alto e incorruptível para a grandeza de Sergipe e do Brasil.

Alocução feita pelo presidente do Instituto Histórico, Dr. Urbano Neto, na sessão solene do mesmo Instituto, de 4 de agosto de 1962, em homenagem à memória do Prof. Florentino Teles de Menezes, idealizador da fundação do mesmo Instituto, e do desembargador João da Silva Melo, seu primeiro presidente.

Excelentíssimas Senhoras:

Meus ilustres Confrades:

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe que tenho a felicidade de presidir neste auspicioso evento, vê agora substituída a poeira de uma longa jornada, a patina acumulada durante meio século pelo ouro jubilar de 50 anos de serviços prestados a Sergipe, à sua história e à sua geografia.

Para fazer o relato do que foi feito nestas cinco décadas vencidas, do quanto se batalhou e do que se conquistou, ninguém dentre nós, teria igual autoridade à do orador escolhido.

Foi a testemunha dos primeiros dias do sodalício nascente, êle — que acompanhou de perto o desenvolvimento social; êle — que, com a incrível capacidade de trabalho tanto tem feito pela nossa projeção fora das lindes do Estado; — êle — o combatente de tôdas as refregas e o herói de tôdas as vitórias; êle que vivendo no Instituto faz da vida do Instituto a sua própria vida; êle que outro não é se não Epifânio Dória.

A êle, pois, as glórias dêste dia, os louros desta vitória.

**Discurso proferido por Epifânio da Fonseca Dória,
Secretário Geral Perpétuo do Instituto Histórico e
Geográfico de Sergipe na sessão solene comemorativa
do jubileu do mesmo Instituto em 4 de agosto de 1962.**

Senhor Presidente,
Digníssimas autoridades civis, militares e eclesiásticas,
Seleta assistência:

O desgaste dos anos vividos está a exigir-me retraimento.

A surdez irremediável e a crescente diminuição do poder visual reduziram-me à condição de valetudinário, numa época em que o mundo se agita mais do que nunca em busca de novos e grandes destinos, exigindo do ser humano mais ação e mais coragem para enfrentar os complicados problemas de sua própria vida e da humanidade em geral.

Todavia aqui estou cumprindo, como praça disciplinada, uma ordem de comando.

O presidente do Instituto, o dinâmico, hábil e corajoso Dr. Urbano Neto, levando em conta a minha antiguidade nas fileiras do sodalício a que me filiei em setembro de 1912, incumbiu-me de dar, nesta hora solene, uma rápida notícia da vida do Instituto, no decorrer do seu meio século de ação na vida cultural.

A história, proclamou-o Cícero, o famoso orador romano, é a mestra da vida.

Perdõe-se-me o contar, em traços rápidos e sem os viços e graças da oratória, a do Instituto, em cujo templo estamos oficiando.

Certo dia apareceu-me na Biblioteca Pública do Estado, então sob minha direção, o inteligente conterrâneo Florentino Me-

nezes, egresso, por motivo de saúde, do 3.^o ano da Faculdade de Medicina da Bahia. Queria obter, por empréstimo, exemplares de estatutos de Institutos Históricos, a fim de colher neles elementos para organizar os estatutos de instituição congênere que desejava fundar em nosso meio.

Não tive dúvida em atendê-lo, estranhando apenas que me não convocasse para ajudá-lo no elevado empreendimento.

Verificada a fundação do Instituto, em 6 de agosto de 1912, a ele associei-me em setembro do mesmo ano. De então para cá tenho dado ao sodalicio toda a minha capacidade de servir. Depois de assentada a organização do Instituto, a preocupação maior, aquela que não podia ser adiada, foi a da obtenção de uma casa para o seu funcionamento.

Recorreu Florentino Menezes ao desembargador João da Silva Melo, então presidente do Tribunal da Relação do Estado, pedindo-lhe permissão para que o Instituto se instalasse no edificio do Tribunal, sito na praça da Matriz, hoje Olímpio Campos, esquina com a rua de Itaporanga. Ali já funcionava, também de favor, o Clube Esperanto.

Não foi em vão esse apêlo ao culto e íntegro magistrado. Com a sua largueza de vistas atendeu ao pedido e deu valiosa ajuda pessoal para que o sonho de Florentino se transformasse em realidade.

Pai devotado de nossa distinta confreira Professora Maria da Conceição Melo Costa, continúa o saudoso magistrado a beneficiar o Instituto através a dedicação modelar de sua virtuosa filha, vale acentuar aqui, como um preito de justiça.

O desembargador Melo autorizou o funcionamento do Instituto na mesma sala em que já funcionava o Clube Esperanto, que veio a desaparecer depois.

Levando em consideração esse gesto do grande magistrado, os fundadores do Instituto elegeram-no seu presidente, sendo reelito repetidamente até a data do seu falecimento, ocorrido a 29 de agosto de 1917.

Ao Instituto muito deve o Estado.

Foi no seu recinto que se debateu, com calor compreensível, a nossa secular questão de limites com o vizinho Estado da Bahia.

questão que os triunfadores do golpe de 1930 liquidaram, dando ao Estado grande e rico, que não queriam vê-lo descontente, a faixa de terra que pertencia ao pequeno e pobre Sergipe, cujo descontentamento, pelo fato historiado, em nada poderia influir nas deliberações dos que comandavam a Nação.

Foi do seio do Instituto que partiu a idéia, em 1913, logo concretizada, da ereção de um monumento, em bronze, em homenagem ao "Jagunço Louro", General Siqueira de Menezes, busto que se acha chantado na colina de Santo Antônio, na praça do seu nome.

Foi também graças aos seus esforços que surgiu a idéia, logo corporificada, de um outro monumento nesta Capital, êste perpetuando a memória do fundador de Aracaju, o Dr. Inácio Joaquim Barbosa, em 1915. Tomou parte ativa na celebração do centenário da Independência de Sergipe, em 1920, bem como no da Independência do Brasil, em 1922.

Vem celebrando também vários centenários de homens notáveis e de grandes acontecimentos de nossa história, citar um por um seria fastidioso, de tão crescido que é o número.

Foi reconhecido de utilidade pública, por lei do Estado, em novembro de 1915 e por Decreto do governo federal, de fevereiro de 1920.

Pela Resolução n. 58, do Congresso Americano de Bibliografia e História em Buenos Aires, Argentina, foi reconhecido de utilidade continental, vantagem de que só êle desfruta, creio, entre os demais Institutos Históricos do Brasil.

O Instituto mobilizou-se por ocasião da ereção das estátuas de Tobias Barreto e Silvio Romero, bem com na do busto do General Oliveira Valadão.

No cumprimento de suas tarefas vem publicando a sua revista com relativa regularidade.

Isto, vale afirmar, não é história, mas simples elemento para uma futura história do Instituto. Se a história é a mestra da vida, não há como subestimá-la.

Falando em história não me canço de repetir interessante fato atribuído a Carlos V, Rei de França, cognominado o sábio, fato

referido pelo confrade Dr. Francisco Hermano Santana, do Instituto Histórico da Bahia.

Quando esse Rei se achava em Bolonha, a fim de receber das mãos do Papa Clemente VIII a sagração e a corôa de Imperador, deu-se essa curiosa ocorrência:

“Reunidas na ante-câmara do palácio, reluziam as mais brilhantes espadas daquêles sítios, cintadas pelos mais dextros e destimidos officiaes, que esperavam o momento e a graça de falar ao real Senhor, que disputavam a primazia de beijar-lhe a mão.

Chamejava ali também o mais ardente e nobre sangue de príncipes e fidalgos, e, a um canto, jazia Guicciardini, autor de uma História de sua pátria, que atravessou, sempre valorosa e apreciada, os centênios desde então decorridos para cá. Todos, ali, tinham o mesmo fito: — falar ao rei.

Sabedor êste da presença do grande historiador, mandou-o entrar incontinenti e com êle permaneceu em amistosa palestra, sentindo, por certo, a pequenez de sua magestade ante a magestade do pequeno vassalo.

Abespinharam-se, e fundamente, os representantes das gloriosas estirpes e dos sangues azues de glória, heróis e cavaleiros, Rolões e Alexandres, ante a precedência, às suas vistas, indêbita, injustificável, dada pelo néo-imperante.

— Mas, então, êles, os imperterros, os bravos, que se sacrificam pela pátria e pelo rei, que por êles dão a vida e o confôrto, seus afins consagu neos e pelo valor, serem postergados por um simples narrador de história?!

Onde, então, todos os galões pregados nos punhos a preço dos ferimentos?!

Tôda a força avida de suas jerarquias, respeitadas dos monarchas e admiradas dos povos?!

Um dos cortezãos, mais afoito e mais doido, foi ao rei e publicou-lhe as queixas derramadas.

O altivo príncipe escutou-o, e, tomando Guicciardini pela mão, assim falou aos officiaes:

— Sei, cavalheiro, que vos scandalizei, mandando entrar em primeiro lugar Guicciardini, mas rogo-vos recordis de que, em uma hora posso criar cem officiaes militaes e outros tantos nobres,

mas, um historiador como este eu não conseguiria criar mesmo que levasse 20 anos.

Ademais, de que serviriam vossos trabalhos na guerra ou ao Conselho, se os historiadores déles não conservassem memórias para os pósteros?

Porque meio sabem vós outros que vossos antepassados foram heróis se não pela história?

Não vos ofendais, pois, nem vos surpreendais do respeito que tenho para com Guicciardini. Deveis ter tanto interêsse quanto eu, de estar bem com êle.

Ai está o valor da história. Sem ella se perderia a tradição dos povos, os seus feitos, os seus triunfos e conquistas ficariam submersos no mar do esquecimento.

O nosso Instituto é um centro de estudo da história. Protejam-no quantos sabem comprehender e animar as coisas do espirito.

É talvez o sodalicio do género que possui maior biblioteca no país, biblioteca que é franqueada diariamente ao público.

Epifânio Dória.

Palavras do Acadêmico J. Freire Ribeiro, proferidas na sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico, de 4 de agosto de 1962 em homenagem à memória do Prof. Florentino Teles de Menezes, promotor da fundação do mesmo Instituto, e do desembargador João da Silva Melo, primeiro presidente do sodalício, em nome da "Academia Sergipana de Letras", na passagem do jubileu do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe:

SERGIPANOS:

Delegação honrosa do seu Presidente, Professor João Evangelista Cajueiro, escolheu-me a "Academia Sergipana de Letras", para beijar, com os lábios do Pensamento, a fronte bronzea e luminosa deste "Instituto", que, há meio século, guarda, na História que sorri do Tempo, as tradições mais aureoladas da terra e do povo que somos na Pátria auriverde, e, conosco, este tão amado e tão estremecido Sergipe-del-Rey. Assim aqui me tendes, mais pela amizade do que pelo merecimento, pois bem sei, no aquilatar os companheiros do mais alto Colégio do Pensamento e Cultura sergipanos, que outros acadêmicos melhor se haveriam na empresa em que ora me encontro nesta noite, aurora que se faz em tão re-tumbante e venerável efeméride!

O meu inesquecível amigo e saudoso mestre, Antônio Manoel de Carvalho Neto, escrevera com vero acerto que "a indiferença do meio em que vivemos mata as iniciativas mais vivedoras". Mas, meus senhores e Deus louvado, não caiu em terreno sáfaro a idéia, o sublime ideal dos que há tantos anos no pretérito plantaram a semente que se tornou esta casa a que não falta o amor de todos os sergipanos. Podemos dizer, d'alma em festa, que Sergipe, nesses últimos anos, mais do que nunca, tem trabalhado no

espírito procurando num esforço de gigante, renovar a seiva vital do pensamento, dando, na iniciativa particular e do governo, assistência às entidades que traduzem o que somos além do panorama comum da vida na luta do pão de cada dia, — trigo e suor nas naturais agruras da matéria contingente. Este Instituto, na constante assistência dos sergipanos e compatriícios à sua perpetuidade, é prova incontestante do que afirmo. Os que aqui ficaram, no ensolarado martírio da Província; os que daqui se partiram rompendo as cadeias do Caucaso do afeto à terra pequenina; os que venceram, realizaram e prosperaram, — de mãos dadivosas e semeadoras, jamais se negaram na ajuda patriótica a êste monumento da nossa grandeza, do nosso orgulho e do nosso civismo. Dai ser o Instituto, verdadeiramente, a Casa de Sergipe, o Templo de Sergipe, a pira eterna em cuja chama vencedora das tempestades, crepita e arde o amor de nós todos a esta terra assim cantada por Manoel dos Passos de Oliveira Teles, nesse livro encantador que é a "CONQUISTA DE SERGIPE", editado pela Secretaria de Educação e Cultura, graças ao seu titular, o Acadêmico Antonio Garcia Filho.

Há, meus amigos, nestes versos, o retrato da terra e a dor do grande homem no sofrimento do meio quase sempre ingrato para os que vivem pelo pensamento: Sergipe. — (diz Manoel dos Passos,)

"é o pedaço de terra onde a choupana
humilde abrigo dera-te na infância!
Ergueram-na teus pais, nela viveram,
E lá fizeram lenha para o fogo
na ladeira, que aquece, que protege.
E o amor que cultivas com desvelo,
A Lei que guardas, o calão que falas;
É o próprio jardim que teus membros cobre.
Ali tu viste a luz, bebeste esperanças,
crescendo; quererás no fim da idade
dormir o sono leve da velhice!

Ó Pátria!...

Ó terra onde nasci, eu te amo e quero!
Porém não tens amor para os teus filhos.
Desigualmente distribuis injusta
teus dons e prêmios mais subidos da alma!
De sorte que felizes uns te fruem,
Outros sentem-te apenas altaneiros
pelas agudas pontas do desgosto.
Eu sou peão, adoro-te; mas quero
morrer te amando, praguejas-te sempre.
Es a imagem da águia carniceira
que do ninho no abismo pendurada
desnaturada mãe, de garra a golpes
despede os tenros filhos inda implumes!"

João Pereira Barreto, o notável poeta do Selvas e Céus, o pensador do Moise a La Place, o encantador autor do Império da Mulher, — dizia nas melancolias crepuscular de sua tristeza, — que "Sergipe era uma Judeia que apedrejava os seus profetas..."

São João Ribeiro, João Ribeiro Fernandes, o grande João Ribeiro, o maior de nós depois de Tobias Barreto de Menezes, certa feita aborrecido com a terra, — êle que levou Sergipe nas mortalhas mais doridas do coração, — escreveu que Sergipe,

"era tão somente uma Prussia ridícula governada por três generais: Siqueira, Lobo e Valadão!"

Silvio Romero, — o imenso Sílvio, — o eterno amante de Sergipe, — Sílvio que está de pé para todos os séculos no bronze que o immortaliza, também com raiva da terra, escreveu ao Professor Brício Cardoso, venerando Mestre inesquecível, a seguinte carta:

Rio, 15 de Junho de 1895.

Carissimo Brício. Saúde. Você está doido?... Como é que me vem falar de livros para Sergipe? Pois se não lembra que a canalha a, sem tírte nem guarte, entrou a sonhar com histórias de livros e a badalar pelo mundo que me tinham dado dez contos de presente? Ora faça a ideia se pressentirem que se me falou qualquer cousa a êste respeito! São Capazes de inventar que se me deram cem ou duzentos! Vade retro! Encomende-me você o diabo para Sergipe, menos negócios de livros. Livros, não. Nada de assanhar a canalha. Do seu patricio amigo, obrigado e muito apreciador agradecido, — SYLVIO ROMERO."

Gumersindo de Araujo Bessa, o maior dos nossos juristas, muito sofreu em Sergipe...

Mas, embora estourado e vibratil, não sabia erguer a voz contra a terra que engrandecia e alumiaava, — terra tantas vézes ingrata, ingrattissima para o seu coração!

Em 1909, da Bahia, onde se encontrava, endereçou ao Poeta Artur Fortes, carta que assim terminava:

"Que sacrificio enorme a ralar-me de saudades, por êste mundo afora, no fim de minha vida!"

Amando a terra calcinada para o seu gênio, — dentro da vida "nesse perene crepúsculo interior que chama Toda, — esta carta que se engasta no precioso livro GUMERSINDO BESSA, da autoria do eminente Desembargador João Dantas Martins dos Reis, é o mapa de uma grande vida aqui vivida, — o nome lá fora, orgulhando-nos, o espirito aqui dentro sofrendo e penando até o último dia: Vou le-la para vós que me ouvis com a alma e o coração de mãos postas... É uma carta enobrecedora e santificante!... Poderia ser assinada por Francisco de Assis:

"Mucuri, 4 de Janeiro de 1904

Minha Mãe:

Tenho-me conservado silencioso, há muitos meses, porque minha vida me correu muito agra durante o ano passado. Minha saúde sofreu muitos abalos. Lucros, não os tive, nem os necessários para as despesas de boca. Trabalhos não me faltaram. Sofri ingratidões, grosserias e o diabo a quatro. Tudo isso me fêz mais ainda macambúcio. Desde o dia 12 de Setembro, vim para aqui; não só para diminuir as despesas, como ainda para descansar os aborrecimentos da Capital. Anteontem, completei, como Vmce. sabe, 45 anos. Já é começo de velhice. Creio que não terei a vida longa de minha avó e sua mãe e da mãe dela. Nem espero viver como os meus tios. E meus filhos aí estão, coitadinhos, sem educação, que lhes não tenho podido dar, porque são muitos, e os meus recursos são escassos. Tudo isto me tira o sono e me enche de cabelos brancos. Preguiçoso não sou; não há quem dê conta de uma obrigação melhor e mais ligeiro do que eu. Mas, minha sina é trabalhar sem paga quase sempre. No dia 12 dêste voltarei para Aracaju, pra tratar de arrumar os meninos para os estudos. Não fui ver Vmce. nestas férias, porque não quizei aparecer aí de bolsos vazios para fazer figura triste. Bem vontade tive de ir passar aí uns dias. Não sei o que está para me suceder. Sinto saudades daí como nunca. Antuso tem ordem para continuar a dar os 70\$000 mensais que marquei para Vmce. e para Titinha. Como o Doria vai aí com D. Zulmira, eu aproveito-o para portador desta. Ele entregará 60\$000 a Vmce., sendo 40\$000 de Vmce. e 20\$000 de Titinha, que as meninas mandam de festas. Mais não faço, não é de ruim é porque não é possível. Viva em paz com sua irmã; não incomode os vizinhos; não lhe preste atenção, quando forem grosseiros; que é para que eu não me agonie de cá. Lembranças aos conhecidos e às amizades velhas, a Lulú, Pimpim, Tervília e Antonio Pinto, a Joaquim, Miquilina e Hormindas. E Vmce. abençoe-me.

Seu filho e amigo

GUMERSINDO."

Antônio de Castro Alves, — o poeta nacional, no poema "O FANTASMA E A CANÇÃO", — assim canta no descrever velho Rei vagando à procura de sossego, de porta em porta,

"foragido, errante espectro,
cujo cajado foi cetro
e trapos manto real";

"Bati a tôdas as portas
nem uma só me acolheu!
— Entra... Uma voz argentina
dentro do lar, respondeu.
Entra pois! Sombra exilada.
Entra. O verso é uma pousada
aos Reis que perdidos vão.
A estrofe — é a purpura extrema,
último trôno, — o poema,
último asilo, — a Canção!"

Senhores: Este Instituto é o trôno, o abrigo, a canção e o poema, dos grandes sergipanos que aqui encontraram a eternidade merecida!... É Sergipe penitenciado no tempo, nos altares da nossa Justiça e da nossa História, resando a oração em louvor aos seus filhos ???, os que passaram alumando e sofrendo, elasticendo a pequenina pátria no seio do Pensamento brasileiro!... É a grande árvore, o cedro sagrado que foi um dia o sonho de Florentino Menezes, Alvaro Teles, Costa filho, Nobre de Lacerda, João da Silva Melo, Amintas José Jorge, Anfiloquio Vale e de tantos outros conterrâneos, uns ainda no Tempo, outros, lá cima, nos Países de Deus pelo Infinito!

Muito môço, na infância, passava longo tempo neste Instituto, cuja séde era ali na Rua de Maruim. Permanecia horas à fio, encantado, demorando o olhar sôbre o Tobias Barreto, de Oséas. Meu coração pulsava nos seus dias festivos... Lembro-me da procissão triunfal das Cinzas de Tobias. Impressionaram-me nesse dia longínquo, as orações pronunciadas ao pé da estátua, principalmente a de Barreto Filho, no ardor dos seus dias na mocidade

brilhante e ilustre. Tudo, tudo muito longe num horizonte de cinzas e de rosas...

* * *

Patrícios e sergipanos ilustres por aqui passaram na direção desta Casa.

Deixaram marcos indeléveis de amor às cousas sagradas de Sergipe nas religiões da nossa História e de nossa Cultura. Tudo isto que aqui vemos é a soma de muito afeto, de muita ternura, da presença dos sergipanos d'aqui e d'além Pátria que trazem o azeite do seu trabalho, do seu civismo e da inteligência à lâmpada pervigila do Altar dêste Templo!

Meus Senhores:

Há homens que são símbolos... Traduzem
o amor, o povo, o sentimento, o sonho,
a saudade, o trabalho, a dor e o canto
do pedaço de chão em que nasceram!...
Epifânio Dória, em si, encarna
o acendrado culto que devemos
aos pro-homens da terra ensolarada
de SERGIPE DEL REY!...

Desta Casa é Obreiro! Dia e noite
aqui se encontra, sempre vigilante
nas tradições augustas dêste Templo
que desafia a própria Eternidade
na lembrança dos vultos sergipanos
aqui perpetuados!...

Na mesma terra em que nasceu Tobias,
Epifânio nasceu!... Tobias, astro
de primeira grandeza, fulgurando
no Grande Céu do Pensamento nosso!...

Epifânio, luz também de estrêla
na humildade dos seus dias, todos
devotados à glória imorredoiira
da pequenina Pátria Sergipana!...

Nada mais ouve da palavra nossa
na medonha surdez que o atormenta!
É feliz, bem feliz, sômente ouvindo
a palavra da Luz no Val dos Livros
aqui vivendo diuturnamente,
alheio à vida e lutas, que, lá fóra
dilaceram a paz, — o bem supremo
que só desejam as almas luminosas!...

Humilde e bom!... Beneditino, — santo
no constante lazer dêste Instituto,
seu nome longe vai destas fronteiras
abençoadas pelas cinco estrêlas
do auriverde pendão de Serigy!..

Em nome da Academia Sergipana
aos que passaram nesta Casa, frente
dos seus destinos, nesses cinquantanos
trabalhando dia e noite, tendo
o nome de Sergipe faulhando
no coração, os filhos seus louvando
por merecidos prêmios conquistados
nos prélios do Saber, do Trabalho e Bravura.

Em Epifânio, cantamos, esta Casa,
Oficina de Glórias, Evangelho,
Altar das Tradições que são Sergipe
no seio do Brasil, — Sergipe eterno!

Sr. Presidente Urbano Neto:

Missão finda, e, ao fechar meus lábios e calar minha voz neste louvor merecido ao Instituto, receba Vossa Excelência e os Companheiros na direção dêste Templo, da Academia Sergipana de Letras, o mais alto e mais sonoro aleluia da Velha Helade aos Obreiros incansáveis do Partenón!...

Discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico pelo Dr. Antonio Garcia Filho, na noite de 5/8/62, quando se rendeu homenagem aos três Prelados sergipanos, D. José Vicente Távora, arcebispo; D. José Brandão de Castro, Bispo de Propriá, e D. José Bezerra Coutinho, Bispo da Estância.

Exmo. Dr. Luiz Garcia, Governador do Estado de Sergipe
Exmos. Srs. Presidente da Assembléia Legislativa
Presidente do Tribunal de Justiça
Professor Lacombe
Presidente da Academia Sergipana de Letras
Desembargador Carlos Vieira Sobral
Diretor da Faculdade de Filosofia
Comandante da Guarnição Federal e do 28 B. C.

Exmos. e Revs. Srs. Arcebispo D. José Vicente Távora e Bispos D. José Brandão de Castro e D. José Bezerra Coutinho:

Maior do que a honorabilidade hoje recebida por Vs. Excias. no diploma dêste sodalicio, é a responsabilidade de que se vê investido, de agora por diante, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

É que o gesto da indicação de tão augustos nomes, delicadamente desfechado, qual brisa vespertina nas velas de uma embarcação, trazendo as maiores expressões da Católica Igreja entre nós, atualizando o sentido, catalizando o dinamismo, objetivando os itinerários dêste histórico Instituto.

Em nome da Casa apresento os meus saudaes a Vv. Excias com aquêle espírito paulino de entusiasmo e arroubo ao dirigir-se aos irmãos das Igrejas.

Nesta saudação, quero também, pelo sentido das palavras, e não pela necessária beleza literária, infelizmente aqui carente, expressar meu desagravo à IGREJA padecente, no tempo e em alguns pontos do mundo atual, quer em si mesma ou em sua hierarquia. Sob as mais falsas acusações, e os processos mais torpes, perseguem-se os seus amados filhos, fecham-se templos, nacionalizam a Igreja immanentemente universal, desfigurando-lhe a doutrina. Assim pretendem substituir a Vida pela submissão; inventar conceitos e forjar fatos irreaes, tentando anular a verdade; estabelecer itinerários adremente calculados, para tornar esquecido o CAMINHO.

Ingênuos!

O Cristo é universal na unidade!

Ele preenche tôdas as coisas e as coisas tôdas falam dêle.

O CAMINHO é êle.

Ele é a VERDADE.

É êle a VIDA.

Isto quer dizer que, por mais ardeios, ou atalhos, ou rotas, que se nos impuzerem, a dimensão do Caminho estará sempre presente na perspectiva do Homem.

Dom José Bezerra Coutinho:

A presença de V. Excia, neste cinquentenário Instituto empresta-lhe um cunho de autenticidade nos seus desígnios.

O "tom genuinamente evangélico", de que fala o biógrafo de Giuseppe Sarto, caracteriza a sua personalidade.

Bispo da recém-creada Diocese de Estância, soube refloreecer a Fé naquela região.

Quando Estância passava a sua fase católica mais amargurada, ali estive com os companheiros da Ação Católica, discutindo e suscitando debates, entre os homens e os intelectuais, sôbre o problema religioso.

Ali, como alhures, era preciso santidade; porém mais santidade.

Sômente comprovada virtude e largueza de espírito poderiam servir de exemplo.

São Pio X, o Sarto a que me referi, parece ter gravado em V. Excia, o estatuto da Bula "Exortação ao Clero Católico",

sintetizada na frase lapidar: "Só a Santidade nos pode fazer tais como reclama a nossa divina vocação".

Agora renasce na Diocese de Estância o equilíbrio da Fé que o seu digno povo tanto almejava.

D. José Bezerra Coutinho:

No espírito de José Sarto, a síntese da biografia de V. Excia.

O homem não se completa sem o devido preparo da alma.

É ele um complexo de corpo e alma. Tratar do primeiro desprezando o segundo, é espontaneamente nivelar-se aos porcos sem ao menos ter as oportunidades do Filho Pródigo.

É um sepulcro caiado.

Cuidar do segundo desprezando o primeiro, é renegá-la ao abandono, como a pobre flor que murcha em vaso d'ouro.

Por isto que a Educação não poderá ser integrada sem o ensino religioso, não apenas do catecismo na idade pré-escolar e escolar, porém nos diversos graus e ramos do Ensino, inclusive o Superior, preenchendo os anseios da adolescência e formando o caráter, a virtude e a base do CONHECIMENTO nos Universitários.

O ensino religioso não visaria inculcar a Fé — dom gratuito de Deus — mas evitar os desvios de quem já possui a Fé, dar a base doutrinal necessária aos defensores e futuros seguidores da Fé, deixar preparado o terreno da Razão para as incontáveis oportunidades que o futuro trará para a aceitação da Fé, e atender ao chamado que o Creador fez pela boca do profeta Zacarias:

"Volvei para mim os olhos que eu me volvei para vós".

Sobretudo nesta fase em que os homens, para galgarem ou manterem posições de maior relêvo — econômicas, sociais ou políticas — perdem a noção da dignidade, expõem-se ao ridículo nas praças públicas com calúnias e mentiras, chicanas e vitupérios.

A mesma queixa do Profeta Osias.

"Não há verdade, não há misericórdia, nem há conhecimento de Deus nesta terra. A maldição, e a mentira, e o homicídio, e o adultério inundaram tudo".

Pio X, ao comemorar um outro cinquentenário, o da Proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, trouxe do Génesis, ao falar dêstes tempos, a esperança reconfortadora no símbolo da Virgem:

“Porei o meu arco nas nuvens, e êle será o sinal da aliança entre mim e a terra”. “E o arco estará nas nuvens, e eu me lembrarei da aliança eterna”.

Sergipe é uma pequenina particula do mundo, porém os seus mais responsáveis não descuraram o problema. A Constituição faculta o ensino religioso nas Escolas em geral, porém a regulamentação entravava a faculdade prescrita.

Ora, quem faculta deve facilitar os meios para a escolha, porque, do contrário, criando embaraços, já não faculta senão proibe.

A interpretação de que é vedada, pela Constituição, a subvenção de Cultos ou da Religião, não é procedente para impedir o ensino religioso por professores pagos pelos cofres públicos. Porque o Ensino Religioso não é o Culto, não deve ser a catequese, não é Religião.

Sendo inata no homem a inclinação para Deus, sendo um direito natural o preparo do seu espirito, sendo, e agora mais racionalmente, o conhecimento religioso uma indagação de quem estudou o Homem, o Mundo, a Ordem das Coisas, o Movimento e a Vida, uma indagação, repito, de quem foi iniciado na Filosofia, como então interceptar o ciclo de verdades que completam a formação do Homem?

A interpretação proibitiva é apenas uma manifestação de materialismo.

Graças a Deus, seguindo o programa do Governador Luiz Garcia, que já defendera na Câmara a família cristã brasileira contra o divórcio, pude, como Secretário de Educação e Cultura levar a S. Excia o Decreto que normalisava a situação do ensino religioso em nosso Estado, em quaisquer níveis ou graus, sem ferir a Constituição e abrindo às diversas Confissões Religiosas o privilégio outorgado.

Dom José Brandão de Castro:

A modéstia aliada à vivacidade de espirito, a bondade e compreensão dos anseios do povo, que lhe são tão inatas, parecem estampadas em seus traços, gestos e atitudes.

Lembro-me quando vínhamos acompanhando o Núncio Apostólico, ainda no avião até Aracaju, do interesse que despertava em V. Excia, desprezenciosas informações minhas sobre o que eu julgava do ambiente educacional, moral e sócio-econômico da Diocese que poucas horas após seria instalada e por V. Excia dirigida.

É com mais emoção, no percurso em automóvel quando, ao penetrar nos limites da diocese de Propriá, o olhar de V. Excia se ampliava, de um lado e de outro, a abençoar os futuros diocesanos, ovelhas aflitas do pastor, à margem da estrada, para conhecer-lhe a presença.

De V. Excia, trago a biografia que o chamado Teóforo, na Epístola aos tradianos, sintetizou em Polibio:

“Acolhi e tenho junto de mim o exemplar da vossa caridade, na pessoa do vosso bispo, cuja conduta já é uma grande lição e cuja brandura é força; julgo que os próprios pagãos lhe prestam reverência”.

* * *

Dom José Vicente Távora:

V. Excia, é a Ação.

Não fôra a questão social erigida como problema entre nós, desde Leão XIII com a “Rerum Novarum”, Pio XI com a “Quadragesimo Anno”, a Rádio-mensagem de Pentecostes de 1941 de Pio XII e agora com a “Mater et Magistra” de João XXIII gloriosamente reinante, eu diria que V. Excia, absorveu as disposições de Timóteo, antevistas e a todos os Bispos recomendadas por Paulo Apóstolo.

Há uma seqüência e um entrosamento de conceitos em todos aquêles documentos pontifícios. Se alguma mudança surgiu foi a das condições atuais.

O mundo adquiriu novas relações; o homem ao influir no meio ambiente fêz surgir circunstâncias especiais que, pela novidade, teriam de lhe ser impostos conceitos atualizados.

O que era subjetivo tornou-se exigência de socialização, e o que se prendia a um individuo, ou grupo, tornou-se possível, pela ciência e pela técnica, a todos os homens. Era necessário um novo documento que, baseado nos primeiros, estivesse de acôrdo com os novos tempos.

Senão vejamos.

Não o que eu digo mas o que a citada Encíclica justifica:

“A descoberta da energia nuclear, nas suas aplicações para fins bélicos e a sua utilização na Paz, o avanço da ciência química, a modernização agrícola, a rapidez dos transportes e a conquista dos espaços interplanetários; a previdência social, o movimento sindical e suas implicações nos grandes problemas econômicos e sociais; “a crescente mobilidade social e a conseqüente remoção das barreiras entre as classes”, a divulgação fácil dos acontecimentos mundiais e nacionais e a participação na vida pública de maiores e mais variados setores humanos, sem falar na independência conquistada pelos povos da Ásia e África e a tendência a serem organizados “critérios supranacionais” no terreno econômico, social, cultural e político.

A socialização democrática é o caminho a seguir.

A Igreja nunca foi instrumento de regimes políticos.

Tem assistido a evolução de todos êles sem se apegar a nenhum — da escravidão ao feudalismo, dêste ao Capitalismo e ao Imperialismo sob tôdas as suas formas, até os sistemas de socialização atual.

O que Ela não admite, sem o conseqüente protesto e luta, é o materialismo e o ateísmo.

Os comunistas, ora zangados, ora enciumados, queixam-se da Igreja que não lhes dá trêguas em combate de frente. Não pelo que possam fazer em benefício de uma melhor distribuição dos bens materiais mas porque, usando dêste pretexto, laiciza os or-

ganismos, naturaliza as relações da pessoa humana, racionaliza a Moral, pretende arrancar a Fé dos corações, afastando Deus de quaisquer cogitações humanas, centraliza o Poder numa Ditadura desvirtuando a Democracia.

O Episcopado brasileiro, na 5.^a Assembléia Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos, depois de assinalar a presença do Santo Padre através expressiva Carta que termina por apontar a "Mater et Magistra" com a atualização da doutrina social da Igreja, convoca tôdas as fôrças vivas para a união e ação pastoral, inclusive a família, a escola, a imprensa, aos homens de tôdas as classes e aos govêrnos, exaltando a Democracia contra os sistemas totalitários de govêrno que procuram se infiltrar em nossas instituições, apontando a esperança que se avizinha do Concílio Ecuménico Vaticano II, que estende o manto fraterno a outros irmãos também fervorosos na Fé porém ainda cindidos por incompreensões de ordem histórica.

D. José Vicente Távora: no espírito social de João XXIII, a síntese da biografia de V. Excia.

Exmos. Príncipes da Igreja:

A saudação que o Instituto Histórico faz a Vv. Excias, nesta hora em que os recebe como seus membros honorários, considera em "estado de Concílio", conforme preceituação do Episcopado.

Isto é, em união, ação e fraternidade.

"Estado de Concílio", fase excepcional da vida religiosa do mundo em que a Justiça e a Equidade andam de mãos dadas com a oração e a contemplação.

"Estado de Concílio" que nos leva à meditação e a um maior respeito às coisas sagradas, e em que a Esperança retoma a sua verdadeira significação teológica.

"Estado de Concílio" que representa a tranqüilidade do católico ante as investidas das fôrças do mal.

"Estado de Concílio" que nos arma para os cruciais embates do futuro, cuja vitória será da Igreja, mesmo que tenhamos de empunhar o "Apocalipse".

Tenho dito.

Discurso proferido por D. José Bezerra Coutinho, Bispo da Estância a 5 de agosto de 1962, agradecendo a homenagem prestada aos Prelados de Sergipe D. José Vicente Távora, Arcebispo de Aracaju, D. José Brandão de Castro, Bispo de Propriá, e D. José Bezerra Coutinho, Bispo da Estância, que foram agraciados com o diploma de sócio honorário.

Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Levantamos neste instante glorioso de nossa vida de arautos de DEUS, a voz da inteligência entrelaçada com a do coração para vos trazer o testemunho eloqüente de nossa eterna e imorredoiira gratidão.

Não a nós, mas Àquele que em nós se faz humilimo pregador de uma doutrina de vida é que se dirigem as palavras generosas do Prof. Antônio Garcia Filho espalhando na fragância de vossos corações adamantinos, o carinho, o afeto, o conforto e o amor de seres imersos no mar da sabedoria humana.

Permiti, nesta hora de gratas efusões aos vossos novéis irmãos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe lançarem um olhar ligeiro sôbre esta veneranda e profícua entidade, que há 50 anos vem brilhando como estréla de primeira grandeza no firmamento cultural de nossa bela Aracaju.

A inelutável Lei do progresso e do desenvolvimento gravou-se de uma maneira acentuada no coração do homem. É colocado no ápice da escala dos seres criados, não por meios evolutivos, mas como corôa dos entes animados, o homem cujas fronteiras se rasgam para o infinito, não poderia fugir à Lei natural do desen-

volvimento. Não é preciso apenas viver, mas viver bem e em plenitude o que nesta vida o homem só encontra na sociedade e comungando com seus semelhantes. O isolar-se é uma anomalia que o leva quase sempre ao ato puramente animal. Isolado o homem não se basta, por mais perfeito que seja a plenitude e perfeição da natureza humana.

A inteligência embora brilhante, perspicaz e arguta, sem o concurso de esforços, jámais regulará convenientemente a vida humana.

Tinha razão o grande Doutor da Igreja Santo Tomaz de Aquino que via não na pobreza humana, mas na sua generosidade a mais profunda razão da sociabilidade. "Magis Homo est communicativus alteri quam quodcumque aliud animal quad gregate videtur."

Eis porque nos planos da Divina Providência têm seu lugar as sociedades humanas. DEUS as quer para que o homem atinja na sua plenitude, o seu desenvolvimento.

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, cuja origem, longe de depender de uma paixão, foi uma exigência lógica do dinamismo de homens responsáveis e cultores da Verdade, é uma Sociedade que tem por objetivo permitir e estimular o pleno e harmonioso desenvolvimento da vida humana principalmente no que tange ao conhecimento da História e da Geografia. É uma entidade constituída de homens "valores máximos" da intelectualidade de nossa Terra, os quais através dos tempos têm elevado a vida cultural de nosso Estado como o sol a espargir raios cintilantes. Esta Sociedade em terras sergipanas e, porque não dizer?, do Brasil, espalha em larga escala a ciência, cultuando a Verdade, tornando-se assim um centro de cultura digno de encômios e do mais profundo respeito.

A História que transmite de geração em geração os acontecimentos demonstra aos olhos do público o valor dêste Instituto que, qual viga mestra do Edifício do Saber, se há imposto como sólido estêio a desafiar os tempos, buscando a glorificação de nossa Terra pela conservação e transmissão de tudo que fale de nosso passado glorioso. Olhando para o tempo que já se vai na

curva do passado e penetrando na história com olhos de quem deseja investigar criteriosamente, vemos a larga fôlha de Serviços prestados pelo Instituto em fatos que enriqueceram a nossa cidade como autêntica e pura demonstração de ação nobilitante em prol do progresso de Sergipe.

Não é sonho nem devaneio o que ora vos afirmo. A revista histórica do Instituto, jóia de literatura, obra de grande valor pelos princípios e artigos substanciosos que apresenta, as sessões de alto nível realizadas nesta casa sôbre assuntos literários, artísticos, econômicos sociológicos, históricos e geográficos tudo isso é, não podemos negar, uma das provas incontestes da firmeza de luta pela elevação cultural de nossa sociedade. E porque não dizer que esta casa é também um centro de ciência. Pelo ensino, pela técnica e pela política a ciência vem a nós. Ela investiga a verdade a respeito do mundo intelectual e da vida, criando um bem-estar para o homem. Está na nossa vida, nos objetos de uso, na imprensa e na arte de governar os povos.

Deseja um homem novo, evoluído, capaz de agir com segurança em tôdas as esferas humanas, quer a verdadeira ciência, uma vez que o homem não se desfaz da necessidade do absoluto, o conhecimento dos meios, dum novo princípio, da descoberta de uma nova vida que o conduz ao Infinito. O bem-estar que se alicerça antes de tudo na felicidade, é um dos frutos da ciência que o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe proporciona aos seus sócios e a todos que o procuram dentro de suas altas finalidades. Não é egoísta, a visão, que tem das coisas e dos homens, é larga, nobre e elevada. Uma coisa domina a vida de seus membros, a aceleração do progresso, a compreensão dos mistérios da idéia, o incentivo da cultura, o amor à ordem e à fraternidade entre todos.

É uma instituição que enobrece sobremaneira a nossa Terra, cantando as glórias do passado, vivendo a hora do presente na solidez de seus princípios, na expressividade literária e no gênio poético e filosófico de seus sócios. Nisto está sua glória, o espírito autêntico de cultura dos que desde o início de sua existência constituíram e consolidaram o quadro dos seus associados, a página filigranada da história viva do nosso povo.

Já dissera o Pe. Valdivino Nogueira, a voz alada da Terra alencarina, que, na obra sapientíssima do Universo não há criatura de mais aprumada altivez, de mais solene envergadura, nem de maiores e mais elevados destinos que o homem. Porisso quando o homem pensa iluminam-se os abismos do mundo, quando o homem quer muda-se a face da Terra, quando o homem age transformam-se os destinos do Universo. E daí conclui-se que de fato e de direito o homem é o rei da Criação Rei pela força de vontade, rei pelo poder do pensamento, rei pela supremacia eterna da virtude. E é estribado nesta sublime trilogia: **pensamento, vontade e ação** que os egrégios componentes dêste Instituto, podem pedir ao passado o solene testemunho do seu extraordinário vigor e dar ao presente a suprema garantia do seu esplendoroso futuro.

É tu, Aracaju, que te constituís a atalaia gloriosa do Estado de Sergipe. Tu, que possuis uma entidade de alto valor cultural — Instituto Geográfico de Sergipe, que és o centro gravitacional das 62 cidades dêste grande Estado pequenino. “Olha para o teu passado jaspeado de glórias, conquista teu lugar de honra, valoriza esta opulência com que te fadou a natureza, cobre-te com o pálio de luz de uma cultura calcada nos princípios racionais da Liberdade do Direito e da Justiça. Hasteia na torre da Matriz Universal do Pensamento, — a Ciência a bandeira alvinitente da civilização cristã, porque um Povo cuja Bandeira é não só e encarnação da ordem e do Progresso mas sobretudo a cristalização triunfante do Amor e da Paz na esfera luminosa da Religião Cristã, um povo assim é por Fôrça um grande Povo, porque não teme a morte pela honra da Pátria nem recusa o martírio pela Glória de DEUS”. E Permita a Divina PROVIDÊNCIA que o Brasil, Nação talhada para as conquistas definitivas da Civilização e do Progresso seja sempre Cristão e jámais se afaste da senda esplendorosa da Fé católica e que a Bandeira Brasileira osculada por tôdas as brisas da Terra, possa dizer a todos os povos civilizados do Mundo, que nos corações brasileiros, vivem juntos numa harmonia infinita de um amor sem limites, a Religião e a Pátria, DEUS e o Brasil a cultura e a fé.

É agora, antes de nos despedirmos, permiti que aqui deixemos para cada um de vós a expressão do nosso agradecimento: ao Exmo. Sr. Presidente do Instituto, espírito dinâmico, forte e denodado em prol desta obra cultural, às autoridades civis e militares pelo brilho que deram a esta solenidade, ao orador que com seu verbo grandiloquo e altiloquente fêz a assistência vibrar nas asas do entusiasmo, ativando nossos corações e nos prendendo ao elo da lógica de suas idéias e de seus admiráveis raciocínios, nosso reconhecimento inesquecível; à imprensa que se fêz presente, aos sócios do Instituto, nossos irmãos na luta pelo ideal que nos empolga, o testemunho de nossa gratidão fraternal. A todos que direta ou indiretamente participaram desta homenagem, curvamo-nos gratos e cordialmente.

Em suma, volta-se o nosso pensamento neste instante para DEUS, para DEUS que nos une, tornando-nos mais fortes, mais ardentes e mais zelosos no trabalho que visa a grandeza de Sergipe, o bem da Pátria e a vitória da civilização cristã.

A todos, o obrigado, o muito obrigado, o muitíssimo obrigado dos Bispos, que hoje foram solenemente empossados como sócios honorários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Dom José Bezerra Coutinho

Bispo de Estância

O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE
SERGIPE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO
XX. Conferência realizada pelo Dr. José Ca-
lazans Brandão da Silva, convidado especial,
na sessão solene comemorativa do jubileu do
Instituto Histórico a 6 de agosto de 1962.

Sergipano ausente, menos por vocação do que por destino, perfeitamente integrado no seio da comunidade que me acolheu, porém sempre e sempre com o pensamento voltado para o pequenino e estremeado berço-natal, é com imensa satisfação que acudo ao chamamento do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe para participar das festivas comemorações do seu cinqüentenário.

Esta nobre Casa de Sergipe, que o idealismo de Florentino Menezes plantou no longínquo 1912 e a dedicação beneditina de Epifânio Dória tanto contribuiu para fazer crescer grandiosamente, foi, durante algum tempo, parte de minha própria vida, aqui decorrendo minha modesta atividade de pesquisador provinciano, desenganadamente voltado para a história e os costumes do meu povo. A alegria desse reencontro é, por isso mesmo, igual a honra que me confere a Diretoria do sodalicio, no momento presidida, mui oportunamente, por um sergipano autêntico da primeira metade do século com a necessária sensibilidade para compreender a significação da efeméride, o dr. Urbano de Lima Neto, a quem estou ligado por velhos e fortes laços de sincera estima.

Sumamente desvanecido e imensamente satisfeito, retorno a este amplo e magnífico salão do meu Instituto, repleto para mim de indeléveis recordações, onde deparo, como o poeta, "em cada canto uma saudade". Saudade que tem força bastante para me

mpregnar da ingênua e amável ilusão de ir escutar, ainda uma vez, como outrora, aquelas palmas vibrantes, generosas, entusiásticas, contagiantes de José Felizola e José Francisco de Oliveira, amigos desaparecidos, aqui invariavelmente presentes no tempo de minha presidência.

Que deveirei dizer? indaguei a mim mesmo, quando recebi a incumbência de falar neste memorável 6 de agosto. A quem caberia o uso da palavra? Ao catedrático de História Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia ou ao sergipano ausente, tantíssimas vezes nostálgico, em que se vai acentuando, com o perpassar do tempo, o gosto de recordar fatos e figuras da terra natal, tendência que, por certo, a deformação por assim dizer profissional do ensinador de história ajuda a aumentar consideravelmente. Evidentemente, a palavra foi concedida ao sergipano, ao consócio, não para recapitular a história do Instituto, tarefa entregue a Epifânio Dória, que melhor do que ninguém pode executá-la, mas para evocar um pouco da vida cultural de Sergipe na primeira metade do século, período em que surgiu e floresceu o nosso Instituto. Assim entendendo e fiel ao ensinamento de Lemaître, segundo o qual história entre contemporâneos é conversa, situarei esta despretenciosa oração no campo mesmo de conversa, nas reminiscências do sergipano ausente, eterno enamorado do regional, sem pretender enunciar um juízo crítico, e sim prestar, talvez um depoimento pessoal. Depoimento de um sócio do Instituto, três anos mais moço do que a instituição, cuja aprendizagem de rebuscador de documentos antigos foi animada pelo exemplo daquêles que, imbuidos de um sadio sergipanismo, procuraram estudar e interpretar o passado de Sergipe. Este homem fecundo sergipanismo, de que o Instituto se fez arauto, defensor e guia, nos 50 anos de sua benemérita existência. Sergipanos que se caracteriza, no meu modo de ver, não simplesmente pelo exaltado e as vezes até agressivo amor a terra natal, pelo nosso proclamado bairrismo, mas, sobretudo, pela confiança na capacidade intelectual do sergipano, que os nossos patricios da primeira metade do século — para que tentarei evocar — invariavelmente manifestaram. Amor à terra e crença na força inovadora da inte-

ligência de seu povo, na mensagem renovadora dos seus grandes filhos, eis as características dêste sergipanismo, a que bem se pode acrescentar o orgulho que sentimos pelo labor anônimo, incansável e eficiente do sergipano que emigrou, que fêz a civilização do cacau, batalhou nas seringueiras do Amazonas, colabora para o engrandecimento de S. Paulo, Ilhéus, Itabuna, Santos ates'am nossa condição de exportadores de trabalho. Por outro lado, o Brasil inteiro comprova a assertiva de Hermes Fontes, tão grata ao nosso sergipanismo: Sergipe exporta talento. Trabalho e talento, eis o que temos dado ao Brasil. Estado minúsculo, integrado numa região pobre, esquecido, outra coisa não tem feito senão servir à Grande Pátria, através da ação dos seus filhos, trabalhadores de grandes empreendimentos materiais ou líderes notáveis de movimentos intelectuais. Considero que aquela tão repetida afirmação de que Sergipe serve para se nascer, não deve ser entendida como um desabafo. Ela vale o reconhecimento de uma destinação. É como se estivéssemos asseverando que nascemos para servir ao Brasil, onde quer que êle nos chame. Estamos sempre de sôbre aviso para ouvir a chamado da Pátria.

O culto da inteligência e da cultura, a que se tem dedicado, neste meio século de vida, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe é uma admirável constante da nossa gente. Carvalho Neto, em memorável saudação a Laudelino Freire, na Academia Sergipana de Letras, exaltou, eloquentemente, "o Sergipe imortal, o Sergipe da inteligência, que nos vinga de tantas humilhações e sarcasmos pungentes". O Sergipe de que falava Hermes Fontes a exportar talento; o Sergipe "pátria da filosofia brasileira", no julgamento de Pinheiro Machado. É justamente êsse Sergipe, intelectualmente tão conceituado, que se deve manter, conservar, revigorar, como condição mesma da nossa existência de povo. Não sei de outra preocupação mais legítima, ao ensejo do cinquentenário de uma casa de história, de geografia, de cultura, do que a de se fortalecer, no vigoroso espirito de sergipanismo, o culto da inteligência.

Que teriam feito, em favor do Sergipe intelectual, do Sergipe pensamento, os homens que viram o Instituto despontar ou acompanharam seu evolver nestas cinco décadas? Suponho que

possamos distribuí-los, atendidas às circunstâncias de suas formações intelectuais, em cinco grandes grupos: os bachareis do Recife, os doutores de Bahia e do Sul, os egressos da Escola Militar, os padres de D. José Tomás Gomes da Silva e os poetas do Aracaju.

Grandes figuras, sob vários aspectos, aquêles ilustres bachareis do Recife, discípulos de Tobias Barreto, falando, com entusiasmo e orgulho, das admiráveis lições do mestre de Escada, das suas polémicas, do seu papel renovador na cultura brasileira. Isolados em Sergipe, vivendo da magistratura ou da advocacia, atuando na política, cultivavam a filosofia, estudavam o direito, pesquisavam o regional. Gumersindo Bessa, Manuel dos Passos de Oliveira Teles, Joaquim do Prado Sampaio, Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, e tantos outros que ouviram as lições do grande mestre ou freqüentaram os bancos acadêmicos quando ainda ressoava o calor da sua eloquência, marcaram, sem dúvida alguma, uma época em Sergipe. Em alguns daquêles bachareis ao lado da influência que chamei universal de Tobias fêz-me sentir também o gosto pela literatura brasileira, pela pesquisa folclórica, pelo sabor local, bebido na obra de Silvio Romero, outro grande nome do Recife, outro sergipano de incontestável valor e projeção no panorama cultural do Brasil. O universal e o regional, o europeu e o sergipano estão presentes, em doses equilibradas, na obra dêsses escritores da Província. Neles, Tobias Barreto e Silvio Romero se completam admiravelmente. Prado Sampaio estuda o monismo e ensaia um estudo sobre a literatura sergipana, Manuel dos Passos escreve sobre a poesia popular de Sergipe e cultiva o grego; Nobre de Lacerda dedica páginas a história política do Estado. Nestes trabalhos vislumbramos a presença da Província, o interesse científico do seu reconhecimento, o tom sentimental indispensável à boa concretização da tarefa objetivada. Intelectuais que falam de monismo, comentam Haeckel, discutem Augusto Comte, negam o direito natural, riem da metafísica, porém não coram de escrever sobre coisas do povo, sobre cacumbis e taieiras, lendas de S. Cristóvão ou da serra de Itabaiana, compõem poemas épocas versando a conquista de Cristóvão de Barros. Estes bachareis merecem um estudo espe-

cial e aprofundado. Parece-me que se revestiria do maior interesse cultural para Sergipe, hoje que nos apresentamos tão pouco tobiáticos, uma pesquisa a respeito do papel que os bachareis do Recife exerceram na vida sergipana, trabalho que podia ser levado a bom termo por um jovem da capacidade de J. Bonifácio Fortes, que tão feliz tem sido na interpretação de certos aspectos do nosso passado. A influência do Recife, a melhor dizer de escolatento sergipana do Recife, denominação irônica de Carlos de Laet transformada em bandeira de luta pelos seguidores do poeta de "Dias e Noites", é um capítulo interessantíssimo de nossa evolução intelectual, marcando um comportamento, fixando mesmo posições sergipanas, vamos dizer assim, em face de alguns valores nacionais. O caso de Castro Alves, por exemplo. Minha geração, que ainda alcançou e ouviu os derradeiros sobreviventes dos velhos do Recife, foi levada a indagar quem teria sido maior poeta, se Tobias ou Castro Alves; indagação que, é óbvio, não poderia ter ocorrido em outros Estados da Federação. Demos ênfase a fatos de menor significação, estabelecemos paralelos inexistentes. A rivalidade literária existente entre Castro e Tobias, agravadas pelas suas inclinações amorosas, a luta entre o sergipano Tobias Barreto e o baiano Augusto de Freitas, o Freitinha, por uma cátedra da Faculdade de Direito, as posições antagônicas dos estudantes sergipanos e baianos nos acontecimentos acadêmicos do Recife, para aqui foram transplantados, contribuindo para se criar, sobretudo na área de influência dos bachareis procedentes de Pernambuco, uma zona de atrito com a Bahia, a que a questão de limites entre as duas unidades da Federação incutiu forte alento. É mister observar que a reivindicação territorial mobilizou, de nossa parte, valorosos elementos, que se inclinaram afanosamente para o debate histórico e jurídico da pendência lindeira. Nenhum outro tema sergipano foi tão estudado até hoje. A bibliográfica da questão de limites é a mais rica que possuímos. Manuel dos Passos, Pereira Barreto, Carvalho Lima Junior, Ivo do Prado, entre outros, dedicaram ao assunto anos inteiros de estafantes pesquisas. Pernambuco substituiu a Bahia no terreno das nossas simpatias. Somente algum tempo depois, à medida que aumentava nos nossos quadros di-

rigentes a presença dos doutores da Bahia — médicos, farmacêuticos, dentistas, bachareis, engenheiros agrônomos, — a situação se foi modificando. As nossas unidades de ensino superior na Bahia, a maior aproximação entre os dois Estados com a inauguração da estrada de ferro em 1913, a leitura quase que diária dos jornais da vizinha capital se encarregaram de transformar, sensivelmente, as relações entre a Bahia e Sergipe, enquanto diversos fatores iam deixando o Pernambuco tobiático cada vez mais distante, à proporção que iam falecendo os bachareis do Recife e os novos cultores do direito recebiam formação baiana. Com a edição das obras completas de Tobias Barreto, uma das muitas realizações do governo civilizador de Graco Cardoso, as novas gerações tomaram contacto com o pensamento do escritor dos Estudos Alemães. Não se observou, todavia, um renascimento tobiático, embora houvesse atualidade nas páginas reeditadas, como sustentou, em 1933, um moço de idéias avançadas, Sinval Palmeira, um neo-tobiático atuante nos seus tempos de académico.

O Instituto, até certo ponto, é em sua origem, um fruto daquela mentalidade que chamarei recifense, uma vez que, seu idealizador, Florentino Teles de Menezes, era de formação tobiática, embora não fôsse um bacharel do Recife. Os bachareis do Recife, a começar pelo primeiro presidente da entidade, João da Silva Melo, estão presentes e ativos na história desta grande Casa.

Foi ainda um bacharel do Recife, que se projetava no cenário nacional, tribuno íamoso com incursões bem sucedidas na seara filosófica e no reino das musas, Fausto de Aguiar Cardoso, heróicamente sacrificado numa praça pública de Aracaju, defendendo uma causa que se lhe afigurava ser a da liberdade, quem iria dar conteúdo político ao sergipianismo. Desde 1906 — e por muito tempo a inteligência passou a ter seu respaldo heróico. O intelectual sergipiano não era unicamente capaz de se entreter com as musas, de locubrações filosóficas, de inovações literárias. Podia dar outros exemplos ao Brasil. Aquele bravo "girondino extraviado numa época amorfa", na frase de Agripino Grieco, soubera imprimir com o seu verbo ardoroso e seu sangue uma página dramática numa fase mediocre. A liberdade só se prepara

na história com o cimento do tempo e o sangue dos homens, dissera êle, que ia dar seu sangue de orador, de filósofo, de poeta, de intelectual, ensinando com o próprio exemplo o caminho da luta. O nome de Fausto, aureolado pelo heroísmo, veio ocupar, ao lado de Tobias e Silvio, um lugar de realce no panteon sergipano. Fêz-se nosso herói imortal. A época que vivemos não criou nenhum outro nome capaz de superá-lo. O sacrificio do intelectual valorizara a ação política, o que muito agrada ao nosso modo de ser. Aliás, diga-se de passagem, até a implantação do Estado Novo, a política sergipana sempre se processou no sentido de atrair, de considerar, os expoentes da intelectualidade. Os exemplos não numerosos e convincentes. Escritores, cientistas, e poetas sergipanos receberam mandatos do seu povo para representá-lo nas câmaras da República. Silvio Romero, Fausto Cardoso, Gumercindo Bessa, Rodrigues Dória, Manuel Bomfim, Gilberto Amado, Amando Fontes, Carvalho Neto, Barreto Filho obtiveram postos de representação política. Moreira Guimarães, Jackson de Figueiredo, Hermes Fontes, invocando a condição de vozes da inteligência e da cultura do Estado, credenciadas no âmbito nacional, também quizeram merecer os sufrágios do eleitorado. A credencial de todos êles era exclusivamente a da inteligência, tão prestigiada em tempos que já vão ficando distantes, em virtude das novas solicitações dos dias correntes.

Gilberto Freyre observou, numa visita feita ao nosso Estado, o culto do bacharel. A noção de inteligência, entre nós, realmente, como de resto no próprio Brasil, como que esteve sempre identificada com o bacharel em direito, no cidadão capaz de escrever e sobretudo de falar facilmente, improvisando, imaginoso. No caso sergipano, o prestígio dos nossos bachareis estaria perfeitamente explicado pela posição que os bachareis do Recife, mestres e alunos, ocuparam a partir do derradeiro quartel do século XIX. É, portanto, lógico entender a dificuldade dos outros diplomados, dos doutores da Bahia e do sul, numa tomada de posição no campo das atividades intellectuais. O caso dos médicos é elucidativo. Inúmeros facultativos, intellectualmente bem dotados, contemporâneos dos bachareis do Recife, deixaram de participar mais intensamente da vida intellectual do Estado por causa, talvez,

dêste preconceito. De um modo geral, no comêço do século actual, graças a influência de Francisco de Castro, escreviam melhor do que os bachareis, geralmente mais preocupados com as sutilezas do raciocínio do que com os segredos do vernáculo. Em verdade, querendo localizar a acção dos velhos médicos, talvez apenas o nome de Helvecio Andrade mereça referido pela sua acção constante de actividade literária, pelos seus bons estudos sobre os problemas médicos e questões educacionais de uma época. Foi, acima de tudo, um estudioso, a quem Garcia Moreno já fêz o devido elogio, quando asseverou que Helvecio de Andrade não fechava os livros ao abrir o consultório. Dos médicos sergipanos da primeira metade do século presente, alguns vindos da era oitocentista e outros diplomados no novecentos, bons conhecedores dos clássicos, talvez que muito e muito tivéssemos a respigar nas cartas que escreveram, possivelmente já a esta altura perdidas por inteiro, correspondência que comprovaria o bom gosto literário de muitos deles, tornando público no caso de Augusto Leite, a quem uma intensa actividade profissional, correndo parrelha com extraordinária capacidade administrativa, prejudicam, senão mesmo sacrificou, uma verdadeira vocação de homem de letras.

De relação aos doutores da Bahia e do Sul, na classificação incluídos médicos, bachareis, engenheiros, farmacêuticos dentistas, agrónomos, formados na Bahia, no Rio, em Ouro Preto, o que se tem a focalizar, no ponto de vista da cultura regional, é aquele sentido de visão nacional que êles nos trouxeram. O deslocamento da arêa do Recife nos deu, incontestavelmente, uma maior compreensão dos problemas gerais, e, em consequência, proporcionaria á nossa elite intelectual uma maior aproximação com os centros culturais do País, o que se foi tornando cada vez mais fácil em virtude dos novos meios de transportes e comunicações. A presença de médicos da Bahia e do Rio de Janeiro, de engenheiros da Bahia e de Ouro Preto, de bachareis do Rio, do Recife e da Bahia, embora com uma indiscutível predominância baiana, dava mais vitalidade, como resultante de um saber provindo de pontos diferentes e diferenciados.

Na paisagem cultural da Província, principalmente no setor educativo, os antigos alunos da Escola Militar da Praia Vermelha,

figuram destacadamente. Merecem, sem dúvida, referência a parte. Estado pobre, de alta densidade populacional, as possibilidades de emprêgo sempre foram reduzidas. Não possuindo escolas superiores, Sergipe via o estiolamento de muitos dos seus mais legítimos valores, obrigados a permanecerem na terra, terminados os estudos secundários, por lhes faltarem os recursos para a formação acadêmica no Recife, na Bahia, no Rio. O caminho do pobre era a carreira das armas. Assentando praça no exército ou na marinha, o sergipano encontrava os meios necessários à sua própria manutenção e tinha diante de si um futuro assegurado, se vencesse o "cano de fogo" e não fosse envolvido nas frequentes rebeldias da caserna dos primeiros anos da República. Assim fora sempre. Tendo o sentido ateniense da vida — que concluía a ação das armas com o trato das letras — o sergipano — soldado andou sempre às voltas com a literatura. Nossos generais da primeira metade são homens de letras, escritores, até poetas. Moreira Guimarães, Ivo do Prado, Siqueira de Menezes, Oliveira Valadão, Pereira Lobo, Firmo Freire, João Pereira foram, ou procuraram ser não vem ao caso, dentro de suas naturais limitações, cultores das letras, o que evidencia, em verdade, aquele traçado marcante da formação sergipana, que venho procurando focalizar. Os nossos militares nunca se deixaram dominar pela simples ideia da "ordem unida" ou de "meia volta, volver". Indo correr a sorte das armas, o sergipano levava consigo o que havia de mais intelectualizado na sua própria formação.

No começo do século, em virtude de algumas quarteladas da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, muitos daqueles jovens esperançosos e capazes atraídos pela carreira militar tiveram matrícula trancada e retornaram ao Estado de nascimento. Intelectualmente habilitados, com o espirito de disciplina haurido na carreira, muitos destes môços abraçaram a nobilitante profissão do magistério. E foram, alguns deles, não apenas professores, porém sim grandes professores, cujos nomes podem figurar, com brilhantismo, em qualquer periodo da história educacional de Sergipe. Pronuncio, com o maior respeito, com admiração, emocionado seus nomes: José de Alencar Cardoso, Abdias Bezerra, Artur

Fortes. O primeiro é o mestre escola, o fundador do Colégio Tobias Barreto, ensinando e educando durante uma longa vida, disciplinando, formando uma mentalidade cívica, fortemente brasileira e sentimentalmente sergipana. Os outros dois, ilustres e respeitáveis aglutinadores, deram à cátedra secundária uma dignidade, uma força moral, uma compostura incomum. Creio que interpreto o sentir de minha geração agradecendo a Marte nos ter devolvido aqueles soldados futurosos, que o tempo transformou em mestres excepcionais.

Agora, os padres de d. José Tomás Gomes da Silva, primeiro bispo da diocese de Aracaju, criador do Seminário do Coração de Jesus. O Seminário, aparecido em 4.4.1913, é uma força nova, destinado a preparar os sacerdotes de Cristo, com a finalidade especial de servir à Igreja é certo, mas também com o objetivo de ser um poderoso e atuante instrumento de ação cultural, numa terra de poucas e deficientes fontes próprias de estudo e de saber. Homem clarividente, o saudoso prelado de 1912 conhecia a estrada meritória que estava abrindo e previa, como deixou expresso numa pastoral, o papel que o seu Seminário estava fadado a bem desempenhar. Acertou plenamente. A palavra do Seminário foi ouvida e entendida. Os padres de d. José ou melhor talvez, os mestres e alunos do Seminário, o núcleo novo dedicado à formação de gente de nível superior, o primeiro que se organiza no Estado, desenvolveram ação firme e tiveram postos definidos no Estado e no Brasil. O Seminário, com o devido respeito, exportou príncipes da Igreja, D. Adalberto, d. Juvêncio, d. Mário, d. Avelar, professores e alunos do Seminário representam o Sergipe d'El Jesus no quadro episcopal do Brasil. A partir da década de 20, não foi mais possível prescindir da colaboração daquele celeiro do primeiro prelado. José Augusto da Rocha Lima, José Olinó de Lima Neto, Carlos Costa, Alberto Bragança, Mário Vilas Boas, Domingos Fonseca, Avelar Brandão, Luciano Duarte, mestres conceituados, oradores, jornalistas, líderes católicos, dão uma ideia bem clara, através do que valem e representam, do que foi para a cultura sergipana a sementeira do Seminário.

Vimos, no decorrer desta arenga, os homens de ideias, os homens de ação. Bachareis, doutores, professores, sacerdotes

desfilaram, mais na minha saudade do que na minha critica; O quadro, porém, não estará completo, as tintas não se apresentaram bem nítidas, se eu não dedicar algum tempo aos poetas do Aracaju. Começo por declarar, paradoxalmente, que os poetas não são unicamente os poetas e que, talvez, fosse mais exato, sob certo sentido, chama-los genericamente de literatos. A expressão poeta contudo tem, no meu entender, um sentido regional bem definido, perfeitamente caracterizado, que atende aquele grupo que pretendo enfiocar. Os poetas do Aracaju são os melhores de todos os sergipanos, apaixonadamente ligados à sua terra e à sua gente cantando suas belezas, participando de suas alegrias, de suas desditas, sergipanos presentes, quase fincados no chão, vivendo das areias do Aracaju, com os seus coqueiros e cajueiros. Poeta do Aracaju foi Garcia Rosa, plantado no Santo Antônio, localizado bem no alto como se quizera sentir mais apaixonadamente a poesia da cidade, do Estado. Nenhum outro intelectual, nesta fase que estamos a recordar, se mostrou tão retintamente sergipano e tão decisivamente influente no processo intelectual de Sergipe. Dando a impressão de um distanciado, de um ausente, de quase um exilado. Garcia Rosa mareou, de modo profundo, a paisagem mental de Sergipe, menos talvez pela sua poesia, dos melhores que produzimos aliás, porém pela sua forte e aglutinadora personalidade intelectual, pela sua capacidade dialética, pela sua fidelidade à terra natal. Um como que extranho e singular chefe carismático que se esforçava para fazer prosélito argumentando e convencendo. Sua influência se fez sentir em quase todos os grandes sergipanos deste século. Gilberto Amado, Jackson Figueiredo, Lourival Fontes, Amando Fontes, Barreto Filho, Jordão de Oliveira, entre outros, já tiveram oportunidade de assinalar as impressões guardadas em todos eles. Gerações sucessivas, fizeram do Santo Antônio e Meca da inteligência e da cultura. Garcia é bem um símbolo. É o poeta do Aracaju, homem-mitra de um grupo numeroso, sonhador, a esbanjar talento, vivendo e morrendo nesta cidade tão clara, onde há delírio de luz todos os dias, segundo o verso de Ribeiro Filho.

Nestes 50 anos de vida, o Instituto animou, a colheu, proporcionou meios de ação a toda gente que participou da atividade

intelectual do Estado. Nunca, jamais suas portas estiveram fechadas a quem quer que fosse. Ao lado dos intelectuais, também os pintores, os artistas em geral, os colecionadores, os políticos, os patriotas, sempre e sempre aqui tiveram guarida. Sua revista — que bem podemos chamar sua grande revista — recolheu um acervo magnífico de documentação e interpretação histórica, geográfica, cultural, cada vez mais útil ao conhecimento da realidade sergipana. De certo modo, o Instituto substitui, na difusão cultural de que se encarregou, no documentário histórico e etnográfico que conseguiu reunir, a Universidade que esperamos. Considero, porém, que responsabilidades maiores estão reservadas no período que agora se inicia. Não sei se laboro um equívoco — quem dera que eu esteja realmente enganado — quando julgo ameaçado o rádio sergipano de que falei. Ai de nossa gente, quando se perder a crença no valor eterno de sua força espiritual. Ai de Sergipe quando não acreditar mais na mensagem renovadora da inteligência dos seus filhos. Cabe às gerações de hoje, aqui presentes nesta memorável data da nova história cultural, traçar o plano da boa batalha. Nenhum povo se recomenda por desconhecer o seu passado. Pensemos dedicadamente na mesma letra, falando as nossas gerações, constantemente, dos vultos notáveis que deram a Sergipe um lugar ao sol no panorama intelectual do Brasil.

O papel do Instituto, quase diria sua obrigação, agora, é convocar os melhores elementos da nossa intelectualidade, velhos e moços, presentes ou ausentes, todos quantos se sintam animados do mesmo desejo, sincero e ardente da sobrevivência da cultura regional e daqueles poderosos focos intelectuais que marcaram a posição bandeirante de Sergipe em muitos setores da vida nacional. Que sejam convocados igualmente os homens de imaginação, que vêm na terra sergipana meios para a medida de tôdas as coisas, como aquele poeta anônimo, referido por Alberto Deodato, que versejou assim, mui sergipanamente:

Doninha o nosso amor
É grande que não se acaba
Direitinho Itabaiana
Mais maiô do que a Miaba.

4.^a EXPOSIÇÃO FILATÉLICA SERGIPANA

Ulisses Siqueira de Jesus

Revestiu-se de grande sucesso a 4.^a Exposição Filatélica Sergipana montada pelo Núcleo Filatélico de Aracaju, nos salões do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Esta Exposição, que fêz parte dos festejos comemorativos do Cinquentenário daquele Instituto, estêve franqueada de 1.^o a 7 de agosto corrente e o interêsse demonstrado pelo grande público que ali ocorreu, e especialmente pelos nossos escolares, foi uma prova incontestante da curiosidade que desperta em nosso povo as manifestações de arte e cultura. Sua abertura se deu no dia 1.^o de agosto, às 20 horas ocasião em que o Presidente do Núcleo Filatélico de Aracaju, por quem ora vos fala, proferiu as seguintes palavras, em presença de grande número de autoridades, convidados e visitantes:

“Exm.^o Sr. Dr. Marques Guimarães, representante do Exm.^o
Sr. Governador do Estado,
Exm.^o Sr. Desembargador Waldemar Fortuna de Castro,
Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de
Sergipe,
Exm.^o Sr. Horácio Dantas de Gois, Presidente da Assem-
bléia Legislativa,
Ilm.^o Sr. Dr. Urbano de Oliveira Lima Netto, Presidente do
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
Demais autoridades, companheiros filatelistas, minhas senho-
ras, meus senhores,

“Resumirei nestas poucas palavras o significado desta simples e despretenciosa Exposição de sêlos, que o Núcleo Filatélico de Aracaju organiza, e que dentro de breves instantes será inaugurada.

“A data que hoje se comemora é por demais grata para nós sergipanos, pois vemos passar o Cinquentenário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nestes 50 anos de existência dedicada à nossa história, de organização da documentária da vida de Sergipe, esta Casa tem em seus arquivos e na sua biblioteca um tesouro valioso para nós sergipanos que amamos o nosso torrão natal, e dêle sempre nos lembramos onde quer que estejamos.

“O Núcleo Filatélico de Aracaju que tem em seu quadro social uma pleiade de estudiosos e amantes da filatelia, não podia deixar passar tão grata data sem uma manifestação especial. Por grande coincidência, temos a registrar que o 1.º de agosto é o dia dedicado ao sêlo brasileiro, pois, nesta data, em 1843, circulava no Brasil os nossos primeiros sêlos — os Olhos de Boi — e foi o Brasil o primeiro País das Américas a emitir os seus sêlos postais.

“A filatelia que hoje avança no campo da pesquisa e da história, tem uma relação e identidade de princípios com o nosso Instituto. Ela está onde estão as causas da história da humanidade e da geografia dos povos, pois, nestes pequeninos retângulos de papel colorido vemos passar como num filme cinematográfico, a fundação e a queda de impérios, os vultos famosos, os costumes dos povos, e a manifestação das ciências e das artes.

“Como acima citei, esta Exposição simples e despretenciosa tem um objetivo especial. Ela é a manifestação de apreço e admiração que temos ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, e a oferecemos como colaboração e cooperação pelo sucesso das festividades que, iniciadas hoje, marcarão na vida desta Casa mais um grande passo na conquista do saber e da cultura.

Parabenizamos sua atual Diretoria por lhe caber comemorar este cinquentenário, e solicitamos do Sr. Presidente do Instituto que inaugure esta 4.ª Exposição Filatélica Sergipana”.

Em seguida o Dr. Urbano de Oliveira Netto, Presidente do Instituto usou da palavra para agradecer a colaboração do Núcleo,

ressaltando que, efetivamente fortes laços uniam os princípios do Núcleo aos princípios do Instituto, razão porque aquela Exposição se enquadrava perfeitamente no programa dos festejos daquele Sodalício. Parabenizou os expositores pelo carinho e cuidado com que apresentaram seus conjuntos filatélicos, dando verdadeiras aulas de história e geografia, de botânica e ciências, e de conhecimentos gerais. Ali nos sêlos também estavam representados vultos sergipanos como Silvio Romero e Horácio Hora. Terminando sua oração com palavras sinceras de agradecimento, o Dr. Urbano declarou inaugurada a 4.^a Exposição Filatélica Sergipana.

Em 36 quadros de eucatex, de 1,20 x 0,80, doze expositores apresentaram o seguinte material:

Dr. Manoel Ferreira da Silva Netto — "Marmorizados do Brasil"

Quase completa, esta coleção apresentou em unidades, pares e quadros, novos e usados, os sêlos marmorizados do Brasil, em variedade bastante procurada, tem preocupado os colecionadores brasileiros.

João Barbosa dos Santos — "Nações Unidas"

Bonita coleção, completa, de sêlos novos, trazendo em resumo a história de todos os departamentos da ONU, representados nos sêlos.

Antão Correia de Andrade — "Era Atômica"

Apenas um quadro da belíssima coleção de Antão foi apresentado, mostrando foguetes, sputiniks e vários sêlos com motivos alusivos a Era Atômica.

Dr. Fernando Porto — "Orquídeas"

Belos sêlos de orquídeas com sua classificação e procedência, foram apresentados em um bem montado quadro deste colecionador caprichoso.

Ulisses Siqueira de Jesus — "Império do Brasil"

Coleção contendo todos os exemplares do Império do Brasil, novos e usados, unidades, pares e quadros, com a história dos nossos correios desde o seu início até os últimos dias do Império, como também sobre as emissões, sua origem e motivo dos seus lançamentos.

Ulisses Siqueira de Jesus — "Alemanha"

Coleção quase completa da Alemanha Império, Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental, com indicação dos motivos e origens de suas comemorações.

Prof. Jacques Ramondot — "França e Colônias"

Belíssimos exemplares dos selos franceses e colônias, inclusive a apresentação de fotografias que deram origem ao desenho de algumas emissões destacando-se ainda provas e ensaios de comemorativos da França.

Prof. Jacques Ramondot — "Aviação e Satélites"

Bonito conjunto de selos mundiais alusivos à aviação e satélites, inclusive envelopes dirigidos ao expositor, de vários Países com selos comemorativos destes motivos.

Hormindo Menezes — "Cruz Vermelha"

A história da Cruz Vermelha esteve exposta neste grande conjunto, contendo selos de todos os países do mundo que fizeram emissões alusivas.

Antonio Newton de Oliveira Porto — "Mamíferos"

Bonito conjunto de selos mundiais apresentando exemplares de vários animais, contendo sua classificação, origem e história

Carlos Henrique de Oliveira Porto — "Aves"

Este colecionador junior, expôs um quadro com selos de aves, com sua história e classificação. Bem montado e cuidado.

Dr. Carlos Fernandes de Melo — "Rotary"

Deste Rotariano 100%, sua coleção despertou grande interesse, pois ali estavam a história e os princípios do Rotary Internacional. Grande conjunto.

Dr. Carlos Fernandes de Melo — "Malária"

Belíssima coleção deste novo tema que é a Erradicação da Malária com um histórico do combate que se dá a malária em várias regiões do mundo.

Ana Maria Magalhães de Melo — "Escotismo"

Esta jovem colecionadora, chefe de grupo bandeirante em Aracaju, apresentou vistoso conjunto de selos universais alusivos ao Escotismo e Bandeirantismo, com uma descrição completa deste belo Movimento que instrue e educa a nossa juventude.

Núcleo Filatélico de Aracaju — "Realizações" — "Homenagem"

Em dois quadros o Núcleo fez uma apresentação de suas realizações filatélicas — exposições e mostras, folhinhas e carimbos, selos comemorativos. Em outro quadro foi feita uma original homenagem ao Sr. Epifânio Dória, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no qual foi apresentado um conjunto de envelopes dirigidos ao Epifânio, com uma variedade interessante de títulos que lhe outorgaram os seus correspondentes.

O encerramento da Exposição foi feito no dia 7 de agosto após a conferência pronunciada pelo Desembargador Lourenço Mario Prunes, de Porto Alegre. O Presidente do Instituto, Dr. Urbano de Oliveira Netto, após agradecer a colaboração do Núcleo Filatélico de Aracaju, fez entrega aos expositores de um Diploma de Participação, sob grande salva de palmas. Não houve júri nem premiação, uma vez que a Exposição teve um fim especial de homenagear o Instituto no seu Cinquentenário.

Aracaju, agosto de 1962.

DIÁRIO DO IMPERADOR D. PEDRO II NA SUA VISITA A SERGIPE EM JANEIRO DE 1860 (*)

11.1.1860

O **Apa** largou à 1 menos 12 minutos da madrugada. Muita chuva e mar [?], que levou o xadrez de diante de uma das rodas, 8 1/4 altura da praia de Peba. Avista-se a enseada de Aracaju, 11 menos 20 minutos. O vapor de reboque saiu fora e falamos com o capitão do pôrto, de vapor a vapor às 2 menos 20, atravessamos e o **Apa** rolou até ter água para entrar às 4 horas menos 20. Atalaia de pau pintado de preto, falta de um farol, canal que dá uma grande volta e é tortuoso e estreito, havendo arrebentação de ambos os lados, Aracaju não é feio com seu grande coqueiral defronte na margem esquerda do Cotinguiba. Desembarcamos às 6 e tanto, bastante Guarda Nacional de jaqueta e calças brancas, e poucos de azul e com armas. Matriz bonita, mas simples ca-

(*) O original deste Diário encontra-se no Museu Imperial de Petrópolis, do qual foi extraída a cópia que aqui publicamos, favor que devemos à bondade do Dr. Lourenço Luiz Lacombe que no-la prometeu quando de sua visita a Sergipe por ocasião da celebração, em agosto de 1962, do jubileu da fundação deste Instituto.

A propósito transcrevemos, como elemento informativo, a carta que o Dr. Lacombe endereçou ao Presidente do Instituto em 6 de setembro de 1962.

Eis o interessante texto da referida carta:

Petrópolis, 6 de setembro de 1962.

Ilm.º Sr.

Dr. Urbano de Oliveira Neto

DD, Presidente do Instituto

Histórico e Geográfico de Sergipe.

Meu prezado Dr. Urbano,

Conforme lhe havia prometido aqui vai a cópia do Diário de D. Pedro II em sua visita a Sergipe. Como verá, não primava o imperador pela perfeição da

pela, grande indolência nos padres. Te Deum e cerimônias que nunca se acabavam; sermão mediocre do vigário de S. Cristóvão, Barroso, contudo o presidente disse que tendo desabado o telhado da matriz e S. Crist. êle exortou o povo, e tudo até meninos trabalharam, estando a igreja pronta para meu recebimento. Ouvi ao mesmo Galvão que a cidade é agora salubre sendo o termo médio da longevidade maior que no Rio? — 1:33 no Rio e 1 para 37 aqui? — que a água de que bebo, e é bem ruim, vem do rio Pitanga, daqui a 2 léguas, indo barco buscá-la saindo a barca daqui. O povo bebe das bicas públicas ou cacimbas onde a água é côr de xerez, preferindo a algumas pessoas, fervendo uma — particular de uma Guerra, cuja água é melhor porém toldada não perdendo esta, nem a outra, a côr pelo descanso. Que agora é que botaram terra sôbre a areia das ruas; não contavam com a chuva de hoje que formou bastante lama, e que as ruas de Maroim acabaram de calçar-se por causa de minha visita; que o vigário daqui é moral, sendo o único ilustrado o de S. Cristóvão.
.....
... que a barra tornou-se agora muito funda, e nós passamos com efeito com vinte palmos d'água.

O Freitas Gomes, juiz de Direito das Laranjeiras, disse-me que o júri julga menos mal; porém não se mostrou satisfeito com o fôro da comarca.

O presidente queixa-se da indolência do povo, talvez por que êle peca por precipitado. Não foram canoas ao encontro, e as

frase, nem da grafia, motivo pelo qual figura como ilegível quando não foi possível decifrar a palavra, e, um ponto de interrogação(?) quando surgiram dúvidas quanto a interpretação da letra imperial.

A transcrição foi feita com o máximo cuidado, só sendo adaptada a ortografia oficial, conforme o método aqui adotado.

Esta é uma colaboração do Instituto Histórico de Petrópolis ao seu congênere de Setúbal, e um pálido agradecimento dos obséquios de que minha mulher e eu fomos alvo em Araguaçu.

Peço transmitir meus melhores cumprimentos ao Dr. Neto e aos bons amigos que aí deixamos e aceitar os protestos do meu apreço. (A.) **Lourenço Luis Lacombe.**

jangadas só aparecem pelo norte, e diz que o Aracaju não tem razão de reclamar pelo lado de poucas obras gerais.

12

6 1/2 h. saída; obra nova do quartel arrematada pelo Dr. Guilherme Pereira Rebelo. Já recebeu 8 contos pelos alicerces com 8 palmos de profundidade até encontrar terreno de piçarra segundo disse o fiscal da obra, engenheiro Pereira da Silva. Há de receber 19 contos da 2.^a prestação pelas paredes até 30 palmos de altura. Começou a janeiro de 59. A pedra é calcárea e lamelar vindo do lugar de Sapucaí daqui a 2 léguas. Perto de Maroim há melhor pedra mais espessa. A 6 léguas de S. Cristóvão, rio acima, margem esquerda, do (Itaporanga?) Vasabarris, certamente há mármore com veios. Fonte-poço de Fonte do Barão de Maroim no início de A. J. Ribeiro Maroim pública; água amarela; mas o gosto é melhor que a que bebi ontem de noite, ou quase bom, e dizem que é saudável, e pode guardar-se 30 dias. Sto. Antônio do Aracaju, antiga povoação de Aracaju, num alto a 1/4 de légua, donde se goza de boa vista, vendo-se taboleiros de salinas, que é gênero de bastante comércio neste rio. (Capitania do Pôrto, pequena casa. O capitão do Pôrto, capitão de fragata Moreira, é o dono do poço de água branca e o único que planta verduras no Aracaju. Tem casa e horta próprias, lamentando ter gasto aqui os contos que trouxe de Pernambuco donde é filho). Cemitério num alto, menos mal situado e com cerca só de paus e telheiro capoeira [?], a cerca tem grandes abertas [sic]. Túmulo do Dr. Barbosa no fundo da matriz rodeado de flôres num canteiro; o monumento de mármore é simples e bonito. Obra do Palácio arrematada pelo tenente-coronel Carneiro; os alicerces até encontrar terreno de areia dura, 12 contos, e a 2.^a prestação, até 25 palmos de altura da parede, de 25 contos, a mesma pedra e apenas os alicerces começados, principiou em março e abril de 59. Alfândega está de empréstimo na casa da Mesa de Rendas porque a casa dela prepara-se para o baile sendo a sala de dança no edifício antigo do tempo do Barbosa, e a da ceia no novo.

Tarde perto de 5.

Aula de meninas regida por J.^a Maria da Trindade — 70 matriculadas — não muito bem escrito o livro de matrícula. 1.^a lê sofrivelmente livros, e menos mal em gramática — divide bem e sabe tirar a prova real. Freq. 1 ano e 4 meses, mas já tinha estudado pouco — segundo diz a professôra, que parece boa — noutra escola 2.^a lê sofrivelmente, gramática mal, divisão com 2 letras no divisor, porém mal ainda. Doutrina sabem as rezas, mas as explicações não são exatas tôdas, apesar da professôra contentar-se com elas. Letra das meninas sofrível.

Aula de história do Brasil, nas Vilas-Boas. 15 matr. Não gostei.

Aula pública de meninos de Inácio de Sousa Valadão — matr. 86. O livro de matrícula não parece bem feito, mas a letra do professor é sofrível.

1.^o lê sofrivelmente — gramática muito atrasado, não sabe dividir tendo errado tôda a conta. Desde 19 de fevereiro de 1859 aqui tendo já estudado 10 meses em Sergipe. 2.^o lê mal; gramática apenas começou — êste que é o melhor divide bem; mas vagarosamente, e não se lembra da prova real da divisão.

Doutrina mal sabem as rezas e o professor está muito atrasado parecendo mau. Letra dos meninos pior que a das meninas.

Certamente as observações que se seguem referem-se ao antigo edificio da Alfândega. Êste vai bem construído e compõe-se dum grande armazém separado em 3 por duas arcarias e a porta que vai até 20 e tantos palmos de fundo, na praia e 15 no baixo e mantendo-se fincado as últimas estacas do lado do rio até 20 palmos do fundo, não as batendo, mas enterrando-as pela ponta aguçada que fazem oscilar fincada no leito do rio. O Inspetor parece inteligente e zeloso, ainda que rispido demais com os empregados sendo despronunciado por ocasião da falta de que o periódico Época o acusa — chama-se Herculano P.^a de Sampaio, genro do visconde de Cabo-Frio.

O oleiro Cristóvão de Mendonça morreu com 137 anos e há trinnetos ou tetranetos dêle, morava para o lado do vale cuja abertura esgotando um alagadiço ao N. do povoado melhorou muito a salubridade do lugar. Casa da Câmara próprio Municipal, pequena.

11 horas.

Tesouraria Geral. O Inspetor é surdo, mas o presidente abona. Escrituração atrasada por falta de tomadas de contas algumas de 20 anos, é melhor começar escrituração nova, e concluir a antiga quando fôr possível. Livros escritos limpamente como na Alfândega. Chove dentro, está ai de empréstimo paga de aluguel 40\$000 mensais.

Corpo Policial. O comandante parece muito bom; mas o Corpo tem falta de quase tudo apesar das repetidas instâncias daquêle. Não arrancham; pano mau, não se dando fardamento ao soldado ao assentar praça; mas terminado o ano; sapatos maus; comprados na Bahia, por escolha da Tesouraria Provincial daqui; armas de 14 anos e mais; tarimbas fixas; presos aglomerados no xadrez que chama de casa de detenção aqui, indo depois para a cadeia de S. Cristóvão cujo é reunido a êste para a vara de Juiz Municipal.

Correio em mesquinha acomodação, poucos empregados; gasta 2 a 3 horas a expedir as malas. Ajudante general-delegado —, ainda não tem livros para a escrituração apesar de tê-los pedido por diversas vêzes; o oficial que serve interinamente parece pouco inteligente; capitão Manuel Agostinho da Silva Moreira.

De tarde depois das aulas fui à repartição da instrução pública provincial. Casa pequena, e êste ramo de serviço está péssimamente montado na provincia. Há um colégio particular na Estância com professóres e casa pagos pela provincia, espécie de empreitada.

Depois do almoço também visitei a Tipografia Provincial, onde há 7 compositores e mau prelo que dá 250 exemplares de 2 a 3 horas. Diz o presidente que o estabelecimento é proveitoso para a provincia; mas creio que só lhe acarretará despesas. O Dr. Alvares dos Santos, da Bahia, aproveitou as férias para contratar a redação do **Correio Sergipense**, trabalho principal da Tipografia Provincial durante a minha visita. O administrador veio da Mesa de Rendas da Estância para dirigir a Tipografia, onde já vence há anos.

Nasbun argelino judeu; tem boa cara; mas olhos demasiadamente espertos; é vice-cônsul do Uruguai; está há 18 anos na província e chegou ao Rio em 1840 onde esteve um ano.

Depois do almoço vi as obras do hospital da cidade. Aproveitaram uma casa particular destinado o hospital para os marinheiros (impôsto marítimo geral, e o hospital feito a custa da província) e Corpo Policial, ainda há que fazer antes que sirva, estando aí aquartelado um Corpo de G. N.

13

7 1/2. Quartel e hospital militares. Ruas da Jabutiana (caminho de S. Cristóvão) e dos Músicos. Tesouraria e Mesa de Rendas provinciais, obra da cadeia. De tarde dança dos índios na barra dos Coqueiros. 9 e 40 baile.

Tem-se gasto com a cadeia já 12 contos, falta obra de 60 — 3 seções. Há já grades compradas; arrematante Te. Corol. Carneiro, que como o da Alfândega, José Valente de Queiroz, e da outra obras, [sic] Rebelo, são os que arrematam tôdas, chamando-os aqui Mauá Mac-Gregory e Comp.

17 [sic]

S. Cristóvão.

Aula de meninos de Francisco José Gomes 81 matr. a letra do livro má — freq. de mais de 40. 1.º lê sofr. nada sabe de gramática. Sabe alguma coisa de regra de 3, e divide bem, sabendo a prova real. Há mais de ano, tinha já estado noutra escola. 2.º lê sofr. nada sabe de gramática; divide bem, não sabe a prova real. O mesmo que o outro quanto ao tempo. 3.º chamado por mim, lê menos bem que os outros — gram. id. — está principiando a dividir subtraindo logo. Sabe mal o Padre Nosso e os mandamentos da lei de Deus. Explicação da doutrina quase nenhuma. Letra sofrível — Professor mau.

Aula de latim 15 matr. muito atrasados; professor, pelo menos, acanhado.

Aula de meninas letra má do caderno de matrícula — do mapa consta que há 28 e a letra que não é da professora é boa. 1.^a lê sofr. pouca gramática talvez por acanhada. Não pôde fazer a divisão; desde outubro parando; mas já estivera na aula 3 anos — teve interrupção de 2 anos. 2.^a lê menos bem; pouca gramática; não soube dividir. Há 3 anos. 3.^a lê mal; multiplica já; há 3 anos.

Doutrina — rezas quase nenhuma explicação, e a professora pouco sabe. Letra má.

Aula de menino do Pe. José Antônio Corrêa 42 matr. freq. 30 e tantos. 1.^o lê quase que bem; gramática sofrível — o professor teima que o futuro do subjuntivo do verbo vir é vires; sabem alguma coisa de frações. Há 4 anos. 2.^o id. divide mal; sabe tirar a prova real. Responderam bem sobre doutrina. Letra sofrível.

Matriz desabou o telhado no dia 12 de dezembro, e o povo construiu-o de novo; um servente que estava na cortija veio abaixo; mas não morreu apesar da altura não ser pequena. A igreja é sofrível e mudou-se o sacramento para ai em 1706.

Misericórdia teve doação de terras em 1608 — três enfermarias sendo a melhor a do militar no 1.^o andar. — 15 doentes sendo 8 mulheres; igreja pequena.

S. Francisco de 1659 boa igreja, bonita capela, mas não rica dos Terceiros.

Rosário, Amparo, S. Miguel, Carmo e convento com igreja grande tendo se reparado o telhado do corpo da igreja há 11 para 12 anos, e arrumado o da capela-mor de 1600 e tantos Terceiros.

O Senhor das Misericórdias em construção, assim como a Conceição — ambas paradas.

De tarde.

Cemitério bem situado e sofrível aberto a 4 de setembro de 1859 já se enterraram 59 — Praça do Mercado, perto do rio, que estava seco mesmo para canoas — o vapor vem até as ilhotas, a 1/4 de légua e depois segue-se em canoa ou escaler; mas não no baixa-mar. Depósito de artigos bélico inútil — Quartel-cadeia com 108 presos e portanto muito mal acomodados. Quase todos cozinham na prisão, e uma das enxovias tem horrível bafio, pouco segura; livro das entradas com pouca ordem. Posição da cidade

boa num alto dominando, por um lado, uma várzea extensa, boa água e fresca. Talvez tivesse sido melhor abrir canal reunindo o Vasa-barris ao Cotinguiba do que mudar a capital, inutilizando-se quase tantos edificios. O palácio onde estou, e serve para a Câmara, é sofrível. Ruas quase tôdas calçadas mal. Hino à noite. O caminho do Aracaju para S. Cristóvão é bonito, depois do arco das Salinas — Campo-Grande, mato assombrado — Poxim-mirim; Poxim-açu carecendo ambos de ponte para as cheias. Pitanga perto da cidade de S. Cristóvão. Salinas perto da cidade além do Mercado.

14

Maroim

Aula de meninas 47 matr. freq. 30 a letra da professora é sofrível. 1.^a lê sofrivelmente, apenas gramática, sabe só multiplicar. Há menos dum ano tendo estado noutra aula; mas não sabendo nada, segundo a mestra. 2.^a lê melhor, gramática quase nada; começa apenas a dividir. Esta que uma das mais adiantada mal sabe o credo. Há um ano mas já tinha estudado antes, mas quase nada, segundo a professora. Letra sofrível. A professora parece não servir.

Aula de meninos 113 matr. freq. 56 a 60. 1.^o lê sofrivelmente, apenas começou gramática mas a nada respondeu talvez por acanhado. Sabe só multiplicar. Há mais 2 anos freq. outra. 2.^o, o mais adiantado, lê sofrível, e nada respondeu sobre simples perguntas da gramática. Dividiu bem e mal sabe a prova real. Há mais de 2 anos quase 3. 3.^o lê mal, nada de gramática, sabe só multiplicar. Há quase 3 anos mas já tinha estudado noutra aula; falta muito por ser a mãe pobre. Quase nada sabem de doutrina e o professor creio que nada sabe de doutrina. Letra sofrível assim como a do professor, que parece, pelo menos, mediocre. Saída para Maroim. Pirajá largou às 6 e 20, não pôde seguir pouco além do Porto das Redes, — povoação com algumas casas e com trapiche do Schramm. Maroim, 8 1/2. — Igreja feita pelo Maroim etc. Capela da boa hora, casa do Schramm. Casa da Câmara; de //

pósito dos presos; escolas; o professor de latim não tem discipulos há mais de ano. Água de cisternas e poços, boa na Taboca, engenho do irmão do Barros Pimentel a 1/4 de légua; a do Siriri a uma légua é boa, mas o Galvão prefere a do Pitanga. Feira aos sábados principalmente de gêneros alimentícios — a beira rio.

Conserva com o juiz de Direito Tibúrcio Ferreira Gomes — fator das notas do Dr. Ladisláu e juiz de Paz da capela — Escrivães.

Larga a galeota às 7 menos 10. Mala da Côrte pouco antes da praia do Trapiche — **Pirajá** mais em baixo do Pôrto das Rêdes por causa das voltas — 10h. passâmos para a galeota. Laranjeiras — belo aspecto com os archotes e luzes; bela recepção. Água pior que a de Maroim comum. Ruas calçadas com pedras grandes como Maroim.

15

Laranjeiras

Aula de meninas 94 matr. freq. 60 a 70 a letra do livro que é da professôra. Possidônia M.^a de St.^a Cruz Bragança, não é má. 1.^a lê quase que bem, alguma gramática. Dividiu bem e sabe a prova real. Há 2 anos e veio com princípios conforme a professôra. 2.^a lê sofrivelmente; pouca gramática. Dividiu bem, e sabe a prova real. Há 2 anos veio com princípios. 3.^a lê sofrível quase nada ou nada de gramática; divide mal e sabe a prova real. Há 2 anos; já tinha estudado antes. Casa bem arranjada. [Ilegível] trabalhos de bordado. Receberam-me com um hino de estilo religioso em francês. Sabem as rezas e doutrina mas não vejo que a professôra seja muito capaz de dar explicações. Letra muito boa.

Aula de filosofia e geografia de Tito Augusto Souto de Arquimedes. 4 de filosofia e 4 de geografia; 2 presentes de que um de ambas e o outro de geografia somente. Respondem sofrível sobre filosofia, idem sobre geografia. Não parecendo o professor não tem idéias muito exata sobre a parte astronômica [sic].

Aula de meninos de Manuel Cândido da Cunha Drumond Rocha, 71 matr. 50 de freq. 1.^o lê quase que bem, não sabe gra-

mática, dividiu bem por um método menos livre de engano e sabe a prova real. Há 5 anos, muito pobre Manuel Francisco de Oliveira, 2.º lê sofrível não começou gramática dividiu bem e sabe a prova real. 3.º lê quase que bem, nada de gramática, principiou a repartir. Há mais de 4, pobre como o 1.º, de quem é irmão. Pouco sabem da explicação da doutrina, porque mesmo o professor não a sabe. O livro de matrícula mal feito e a letra do professor má, sendo a dos meninos sofrível.

Aula de latim — sofríveis estudantes e professor.

Aula de meninos de José Constituíno Teles — Quadro em papel da matr. 33 — 20 e tantos freq. letra do professor boa — Só um apareceu; o professor disse que não recebeu aviso. Lê mal e não sabe ainda contas. Há um ano.

A outra professora disse que não pudera reunir as meninas Cidade com bastante habitantes, falam de 9 mil.

Maroim, 2 mil e tantos e 4 mil e tanto a freguezia, segundo o vigário que é bom, e o município 18 engenhos.

O vigário de Laranjeiras apesar de ser hoje domingo bebeu água depois de meia noite; mas o coadjutor disse a missa conventual. Segundo o vigário a cidade tem 7 a 8 mil águas [sic].

A água melhor é dum poço público a pouca distância da cidade; não seca com nascença há mais outro, e poços sem água de nascença, e bebem também do rio no baixa-mar.

Laranjeiras à margem do Cotinguiba; o Comandesoba ou Lendergun lança-se no Cotinguiba acima da cidade e torna salobra a água do rio.

Peixe petrificado nas lages da calçada perto da cancela do fundo da casa onde moro, que é a da Câmara acrescentada — a pedra veio da margem do rio.

Petrificação que me trouxe um homem, tendo lhe sido dada por outrem, apanhada não sabe onde — parecia dum pitu — espécie de camarão — quebra-se caindo segundo elle me disse.

Igreja do Bom Jesus. Certamente, trata-se da Igreja do Bomfim. — bela vista — cemitério por detrás, ainda não se usa; enterra-se atrás da matriz.

Saimos de Laranjeiras às 9. Meteoro às 9 3/4. Chegada ao Aracaju a 1 e 20 da madrugada.

6 e 20 — barra do Japaratuba. 8 3/4. Pôrto Grande 9 — 10 3/4 saída — 11 canal — 12 menos 4 Ponunga. — Fundeámos Aracaju 6 1/2. Fretos muito ásperos do Ponunga, coroas — canal quase direito porém muito estreito e com pouca profundidade; falta de ponte defronte do povoado de Curralinho; tombadouro para o corte de madeira do lado direito do canal vindo ao longe.

Margens muito altas; alguns ou antes tabibuias que dão pau de 100 palmos de comprimento. Necessidade de barca de excavação para o Ponunga. Melhoramento da barra do Japaratuba facilitado por uma espécie de recife na foz do rio, dentro bastante fundo; já entraram sumagrinhos.

No caminho para Japaratuba almecega selvagem, e camomila nas margens do rio; caranguejo grauçá que corre com grande velocidade. Apicum com sal preparado pela natureza.

Planta aquática que entrança de modo a dentro em 3 meses poder se atravessar por cima do rio a pé.

O canal já dá vasão a 8.000 caixas.

Laranjeiras perto engenho Cajus de José Nunes que já foi deputado em 1827. 2.000 pães de 4 a 5 arrobas com 50 escravos. A Guarda Nacional apenas a jaqueta branca e alguns dos oficiais do batalhão, que tem alistadas 900 praças não se fardaram ainda.

Uvas de Maroim; em Laranjeiras não há uma laranja; guabiobas de Aracaju fruta diferente da guabioba amarela e com bom gosto.

Engenho de Antônio Dias Coelho Melo. Sai às 6 cheguei aí às 7 3/4 dando uma volta e passando duas vezes só para ver Itaporanga onde domina completamente o coronel de antigas Milícias, Domingos Dias Coelho Melo, pai do dono do engenho, sogro Boto e tio do senador Dinis.

Antes de passar o Vasa-Barris atravessei os canaviais do irmão e genro do Dinis, Silvio Anacleto de Sousa Bastos, que estudou na Escola Central de Paris, assim como o irmão, dono do engenho Escurial, onde estive. Ambos plantam com arado,

e nisso copiaram principalmente, pois a fábrica do Antônio Dias Coelho Melo é quase da primitiva fazendo no **maximum** 10 mil arrobas. O irmão deste José Rodrigues Dias Coelho Melo, mal encarado, passou por assassino do Dr. Ladislau, secretário do Governo, no tempo do Zacarias.

Depois de atravessar 2.^a vez o Vasa-Barris, passei pelo engenho Quindongá do Boto. Tudo por aqui é gente do Boto, e ninguém pode fazer eleitores no distrito de Itaporanga sem licença da família, sobretudo do Domingos Dias Coelho Melo, que passa por boa pessoa, e é um velho forte de 70 e tantos que ainda se segura muito bem a cavalo. O filho Antônio está arredado da enredada.

9 e 35 — 11 e 10 m — Alto do Castigo, bonita vista rio comprido água muito cristalina; ponte de pedra sobre o rio logo adiante e para a direita do Mercado arruinada, exigindo que se lhe acuda — passei por ela indo para o engenho Escurial, é estrada de Itaporanga. As canas não são boas; as secas duram até 5 anos. As melhores canas que vi foram as da Paraíba; terra boa.

S. Cristóvão 4000 habitantes. Muita pobreza. Um sobrado aluga-se por 3\$000 ao mês; 3 ovos por vintém.

4 h. saí de S. Cristóvão vim pelo caminho do Mundé da Onça. É mais curto; porém muito acidentado. Alto do Joaquim Major Bela Vista; este Joaquim era um desertor que fazia dêsse ponto atalaia, morando aí. Passagens do Poxim; barra com corda presa a postes no rio — leva 10 minutos a ir e voltar. Depois da passagem a pouca distância começa a areia até Aracaju na extensão de légua pequena, como dizem. Chegada a Aracaju às 6 3/4; o caminho não deixou galopar tanto como o outro. A obra da [ilegível] na passagem do Poxim é muito ordinária, antes atravessassei numa ponte de pau sem guardas, apesar de estar alto o Pitanga. O Ponunga quando vasa em cima já começa a encher em baixo de modo que tem sempre a mesma água. O Japarutuba apresentou o ano passado mais de uma vez o fenómeno de vasar, encher e tornar a vasar quase de repente. Observou nessa ocasião um nevoeiro do lado do mar.

O **Apa** largou às 8 3/4; 10 1/4 barra fora; 11 3/4 altura do Vasa-Barris; 1 1/4 entrada da barra do Rio Real; no banco 6 braços sem a arrebentação costumada, que se via de ambos os lados; 2 menos 8, lugar dos mangues secos, praia do Mangue seco, trapiche da companhia baiana, margem direita, e pouco adiante, entra o rio de Abadia. Certamente o Real. Currais. 3 menos 5, fundeia o **Apa** na foz do Guariba. 4 h. menos 5 largou, 5 e 10 chegou.

20 — Estância

Aula do professor Isaias de Sousa. 55 matr. freq. 30 e tantos. Falta utensílios e antes de minha visita liam só cartilha; não escrevem 15 dias por falta de papel. 1º lê sofrível pouca gramática. Divide bem sabe a prova real. Há 7 meses tendo estado noutra aula ano e meio. 2º id. divide menos bem e sabe a prova real. Está desde janeiro de 1859, tendo estado já antes aqui talvez 1 ano. Sabem as rezas mas pouca explicação; todavia o professor é habilitado para dá-la sabendo que o julgar os vivos e os mortos do Credo que dizer os que **estão em graça e os pecadores**; parece melhor neste ponto que os outros. Letra dos meninos menos boa, assim como a do professor no livro da matrícula.

Internato — só tem 6 internos, os mais externos, casa mesquinha 58 estudantes — estudantes de geometria 2 fracos, 2 de latim sofríveis, 2 de francês bons, parecendo-me bom o professor — 1 de geografia pouco adiantado, o professor não é bom.

Aula de meninas de Leopoldina J.F. da Rocha 34 matr. 1ª lê sofr. não sabe regras mas sabe tãda a gramática de cor. Ainda não divide correntemente sabe a prova real: Há 3 anos já tinha estado noutra. 2ª lê sofr. gramática idem. Não pôde dividir talvez por atrapalhada. Sabem as rezas; mas a professôra não sabe explicar como o professor Isaias; antes foge de explicações; porque as ignora. Letra mais que sofrível.

Ponte da Cachoeira 9 pegões sôbre o Piauí que é o que subimos para a cidade. Depois da confluência com o Piauitinga; aspecto lagado do rio na Cachoeira. Cemitérios novo em constru-

ção, e velho onde enterram e achei vacas pastando; casa que serviu de lazareto para os bexiguentos que foram 135 morrendo 11. Chácara, ou antes sítio do Monsenhor Silveira, agora de outro — boas plantações de plantas úteis a até de flôres — cafés muito carregados de flôres dando muito bem aqui assim os vi também em S. Cristóvão no caminho para o cemitério.

Igreja do Bonfim em obras, do Amparo. Boa água para beber, mas não é a mesma de todos os lugares segundo me tem parecido ou talvez dependa a melhoria de ser dormida. Guarda Nacional mal organizada como em outros lugares; falta de instructores. Não conhecem no Guariba; mas um lugar Biriba. Boas laranjas. A matriz tem sido reparada. O local da cidade parece-me excelente. A ponte da Cachoeira começou em 1854 e acabou em 1857.

De tarde.

Pensão má do Miranga. Aula do Florêncio; professor particular. 1.º lê sofr. sabe alguma coisa de regra de 3, não sabe dividir parece, que por turbado; gramática bem 2 anos e tanto. 2.º lê menos bem, gramática bem; dividiu bem, sabe a prova real. Sabem mal a doutrina. É do mesmo tempo. Letra menos má.

Aula de meninas do mesmo. As aulas trabalham na mesma casa em 2 salas separadas, dividindo o tempo o professor que parece bom.

L.^a menina lê sofrível não sabe ainda gramática divide menos mal e conhece a prova real. Há 2 anos; mas muito doente. 2.^a lê sofrível principiou gramática. Divide menos; não se lembra da prova real. Tem o mesmo tempo; e também doente. Sabem só as rezas e não muito bem, letra menos má.

Quartel e cadeia pequena casa; paredes finas e mal feitas começou em 1857. Igreja do Rosário obra quase nova bem adiantada, com uma nave, e outras duas meias naves, tendo se gasto de dinheiro só 5 contos; ficará o melhor templo. Aula de Moreira Queiroz 28 matr. letra do professor sofrível, 20 e tantos. 1.º lê sofrível principiou a regra depois de decorada tôda a gramática, divide sofrível sabe a prova real — 2.º lê menos bem; principia a regra como o outro; reparte só com uma letra no divisor. O 1.º

está aqui há 8 meses, mas já esteve noutra aula; 2.^o há anos. O professor não sabe interrogar em doutrina sôbre o Credo, e parece atrasado nessa matéria como os alunos. Letra sofrível.

Aula da professora Adelaide Serafina d'Ávila Ribeiro. 46 matr. 20 e tantos de freq. a letra da professora é sofrível 1.^a lê menos mal; muito pouco de gramática. Divide bem, sabe a prova real. Há 2 anos; já tinha estado noutra aula — 2.^a lê menos bem que a outra; nada disse em gramática; divide mal; não se lembrã da prova real. Há ano e meio já tinha estudado. A professora também foge do que é explicação de doutrina; contudo poderá passar no geral das matérias se estava acanhada. Letra sofrível.

Padre Quirino vida exemplar, curso de Seminário.

21

6 e 5 minutos — **Apa** 7 hs. 20 m. largou às 9 menos 20
11 1/4 da noite farol da Bahia.

O PALÁCIO OLÍMPIO CAMPOS

1855 — 1964

URBANO de Oliveira Lima NETO

Antes do assunto

Para atender a um pedido de informações sobre a história do Palácio do Governo de Sergipe, o Sr. Governador Celso de Carvalho recorreu ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, ao qual tem dado generoso apóio. Nada havia organizado que pudesse oferecer os necessários dados. Tivemos então de empreender em tempo exíguo uma pesquisa sobre os fatos do secular edifício. Esta circunstância de par com o estado precário em que se encontram os nossos arquivos não permitiu ao trabalho que se segue maior perfeição. Não foi possível encontrarem-se certos documentos como plantas, projetos, orçamentos, textos de contratos etc., que prestariam substancial ajuda na investigação procedida. Foi, pois, com esforço algo notável que conseguimos levantar esta memória, de cuja imperfeição está certo o seu autor, que não visou mais que a realizar um trabalho que possa servir subsidiariamente a quem pretenda estudar melhor o assunto.

Aracaju, 20 de setembro de 1964

URBANO de Oliveira Lima NETO

O Palácio Presidencial da cidade de S. Cristóvão era tido como um dos melhores palácios presidenciais do País. Esta foi razão muito invocada pelos que combatiam a mudança da capital da província, que teve origem na antiga capitania de Francisco Pereira Coutinho e também o foi, certamente, para que na nova capital se cuidasse logo no seu início da construção de tal edifício, encargo pertencente então ao Governo Imperial.

A planificação da cidade do Aracaju não parece ter sido cuidada muito antes de 17 de março de 1855, quando nasceu a nova capital. Pelo contrário, tudo leva a crer que o trabalho confiado ao engenheiro Sebastião Pirro sómente tenha sido iniciado depois de sancionada a Resolução mudancista, votada no engenho Unha de Gato, propriedade do Barão de Maruim.

Para abrigo do Governo Provincial, enquanto da Córte não chegassem as necessárias providências e até que em definitivo se resolvesse a localização mais conveniente, o presidente Inácio Joaquim Barbosa decidiu-se pela construção de uma residência provisória no ângulo nordeste da atual praça Fausto Cardoso, justamente o local agora ocupado pela Delegacia Fiscal e que passou a ser conhecida com o nome de Palacete Presidencial.

Pouco depois, em outubro do mesmo ano, falecia no Palácio da Estância o desventurado fundador, mal logrando ver delineadas as retas dos primeiros alinhamentos da sua capital nascente.

Sucedeu-lhe um outro ilustre presidente, o Dr. Salvador Correia de Sá e Benevides e éste, antes de vir assumir o seu novo cargo, no dia 15 de abril de 1856 demonstrou ao então Ministro do Império "a urgente necessidade de construir-se nesta Capital um Palácio para a respectiva presidência", conforme se lê do relatório pelo mesmo apresentado à Assembléia Provincial, em 11 de abril de 1857. Neste mesmo documento dá notícia o Dr. Benevides de que acabara de receber do Ministro da Fazenda a autorização para levar a efeito a construção do Palácio por arrematação ou empreitada, conforme planta juntamente enviada e que para tal fim havia sido consignada uma verba de 20.000\$000. Em obediência à mencionada autorização ministerial, encarregou aos engenheiros Francisco Pereira da Silva e Sebastião Pirro, engenheiros a serviço da Província, da elaboração do orçamento da

despesa que a execução de tal construção houvesse de exigir juntamente com as observações que os referidos técnicos julgassem convenientes.

Em 26 de fevereiro de 1859 o engenheiro Francisco Pereira da Silva, como encarregado das obras na Província, informou em relatório ao Governo Provincial que em 1856 apresentara ao então Presidente da Província um projeto para o Palácio do Governo. Este projeto foi remetido ao Ministro do Império para a necessária aprovação e dele não se teve mais notícia. Em lugar do mesmo um outro foi enviado pelo Ministro ao Presidente, que já nesse tempo era o Dr. João Dabney de Avelar Brotero, trabalho de autoria do Dr. Galvão, engenheiro residente no Rio de Janeiro. Não impressionou bem ao Dr. Brotero o projeto recebido da Côrte e submeteu-o à consideração dos engenheiros encarregados das obras da Província. Objetaram êstes profissionais que "a planta fôra levantada sem que se tivesse em vista o local" e "sem que se guardassem certas dimensões ou repartimentos, quanto ao exterior do edificio. "Participaram, pois, os engenheiros Pereira da Silva e Pirro da opinião do Presidente. Isto, por certo, sugeriu ao administrador de Sergipe dirigir-se em officio de 11 de agosto de 1857 ao seu colega da vizinha Província da Bahia, solicitando-lhe encomendar "a algum arquiteto civil de sua confiança a fatura de um novo projeto, bem como o orçamento respectivo" pelos preços ali ocorrentes, enviando conjuntamente, o projeto recebido do Rio de Janeiro e o parecer dos engenheiros da Província.

Aquiesscendo o Presidente da Bahia, encarregou do trabalho o arquiteto Lenoir e êste, não dispondo das informações indispensáveis, fêz apenas um plano preliminar que remeteu ao presidente de Sergipe. De posse desse plano, o presidente Brotero devolve-o juntando a planta do local e suas adjacências a fim de que o citado arquiteto pudesse traçar o projeto definitivo.

Estavam as coisas neste pé, quando, adoecendo o Lenoir, foi, procurar melhores ares nas montanhas do Rio de Janeiro e de lá, segundo informa o Pereira da Silva, para a Europa, donde não consta haver voltado, ficando assim Sergipe privado de uma colaboração altamente valiosa. Êle, certamente originário da França, onde de há muito já existiam magnificos palácios, cuja

arquitetura influiu nas construções dèsses edificios em várias partes do mundo, tinha, conseqüentemente em seu favor as vantagens resultantes da observação dèsses monumentos.

Quando o Dr. Manoel da Cunha Galvão assumiu a presidência da Província logo procurou remover os óbices que vinham impedindo o início da construção em tela. Temendo que a verba de vinte contos para esta construção consignada caísse pela terceira vez em exercício findo, tomou a deliberação de mandar que o engenheiro Pereira da Silva elaborasse um novo projeto, o que fêz por officio em 4 de outubro de 1858. Terminando êste trabalho, o engenheiro aludido o entregou ao Presidente em 1.º de março de 1859, sendo logo remetido ao Rio de Janeiro para a aprovação do Governo Imperial e, em seguida à Tesouraria da Fazenda para promover a arrematação da empreitada, na conformidade das instruções ministradas.

Não se sabe ainda se apareceram licitantes para a arrematação. Se os houve, não tiveram aceitas as suas propostas, pois, como se vê no livro "Viagem Imperial à Província de Sergipe", "obra mandada publicar pelo Dr. Manuel da Cunha Galvão", cuja autoria se atribui a Mondim Pestana, no dia 10 de janeiro de 1860, o Imperador "foi visitar a obra do palácio novo que está sendo feita sob a direção do engenheiro capitão Pereira da Silva". O Pereira da Silva, que era um dos engenheiros encarregados das obras na Província, não poderia, por esta razão, dirigir essas obras senão como preposto do governo. Seria irregularíssimo se o fizesse como contratante.

Início da construção.

1.ª secção das obras.

Nas investigações procedidas não se logrou encontrar nenhum dado pelo qual se possa precisar quando foi começada a construção do palácio. Considerando-se, porém, que, quando da visita imperial, as obras se encontravam sob a direção do engenheiro Pereira da Silva não tendo, portanto, atingido a fase em que as mesmas se encontravam a cargo do tenente coronel Antônio Car-

neiro de Menezes, contratante da segunda secção, é de concluir-se que em 10 de janeiro de 1860, os serviços estavam ainda na fase das fundações, ou alicerces que, por certo, compuseram a 1.^a secção. Por conseguinte acreditamos terem começado os trabalhos no último trimestre de 1859.

2.^a secção das obras.

As fontes de informações são sempre precárias. Se existem ainda plantas e projetos bem como alguns dos contratos lavrados, não se sabe onde encontrá-los. Tem-se, pois, de apelar frequentemente para o processo dedutivo para chegar-se ao conhecimento de muitos fatos relativos à construção d'este edificio.

O projeto, segundo o qual foi iniciada a construção só previa certamente, um único pavimento, que foi o objeto da segunda (2.^a) secção das obras.

Esta parte foi orçada em 25:545\$850 e foi contratada, como já dissemos pelo tenente-coronel Antônio Carneiro de Menezes pela quantia de 23:968\$000. Estavam a terminar os serviços desta secção, quando o engenheiro Pereira da Silva, certo de que o plano inicial teria de ser alterado, determinou, por officio de 29 de agosto de 1860 à requisição da Tesouraria Geral, a paralização das obras até que o Governo Imperial resolvesse em definitivo o caso. Desta providência resultou uma economia para a Fazenda do valor de 858\$600.

O Tenente-Coronel Antônio Carneiro de Menezes, tendo concluído no prazo certo o serviço contratado, recebeu a quantia de 23:190\$400, por ter sido abatida a importância de 858\$600 relativa à cornija e ao fogão que, por ordem do Governo, deixara de construir em vista da modificação do plano inicial.

Foram fiadores do contrato da obra da 2.^a secção o Sr. Antônio Luiz de Araujo Maciel e sua Mulher.

3.^a secção das obras

"Reconhecendo-se", diz o engenheiro Pereira da Silva, em relatório apresentado ao Presidente Tomaz Alves Júnior em 12

de fevereiro de 1861, "que se a conclusão desta obra fôsse feita conforme o seu plano primitivo, organizado e mandado executar pelo Sr. Dr. Manoel Galvão, autorizado pelo aviso do Ministério da Fazenda, em 23 de março de 1857, ficaria o edificio acanhado e sem beleza, mandou o Governo Imperial que se fizesse o orçamento para que o mesmo edificio fosse de sobrado, cujo orçamento importou em réis 79:301\$134."

Naqueles tempos ninguém fazia economia nos serviços das fundações e assim os alicerces feitos na previsão de um só andar continuaram servindo perfeitamente à construção do edificio de dois pavimentos.

Encontrando-se em Aracaju o engenheiro Pedro Pereira de Andrada, propôs ao Presidente da Província fazer a obra por contrato. A proposta foi encaminhada à Tesouraria da Fazenda para a devida informação e obteve parecer favorável. O Governo autorizou lavrar-se o contrato, ficando dependendo da aprovação do Governo Imperial as condições e orçamento apresentados.

Do atendimento dessa exigência legal e da ausência do engenheiro contratante que viajara para o Rio de Janeiro, resultou mais uma protelação.

Na presidência da Província o Dr. Tomaz Alves Júnior recebeu do Ministro do Império o aviso de 8 de novembro de 1860, com a aprovação necessária. Apresentando-se em Aracaju o engenheiro Pedro Pereira de Andrada, foi com êle celebrado o contrato em 31 de janeiro de 1861 pela quantia de 75:000\$000, ficando estipulado o prazo de dezoito meses para a conclusão, a contar da data da aprovação do instrumento contratual pelo Presidente da Província.

"Com a obra assim modificada," disse o presidente Tomaz Alves Júnior, "acreditar ficar o edificio em condições de satisfazer tôdas as necessidades, porquanto, no pavimento térreo poderão ser acomodadas a Sala de Ordem, Secretaria, Tesouraria Provincial e Correio e no superior existirão cômodos para uma família numerosa."

Em 1.º de março de 1862, o Dr. Joaquim Jacinto de Mendonça, que sucedera no Governo Provincial ao Dr. Tomaz Alves Júnior, no relatório da abertura da Assembléa Provincial, informa en-

contrarem-se em andamento as obras da construção do Palácio do Governo, obras que na forma do respectivo contrato deveriam ficar concluídas em agôsto daquele ano. Entretanto, em face da alegação de razões atendíveis por parte do contratante, depois de ouvida a Tesouraria da Fazenda, concedera a prorrogação do prazo por mais três meses.

Posteriormente, no ano de 1863 à frente da administração sergipana na qualidade de vice-presidente o então comendador Antônio Dias Coêlho e Melo distendeu o prazo por mais quarenta e cinco dias, a fim de que o contratante pudesse construir ou apenas concluir a escadaria em alvenaria do Palácio.

Não sabemos até quando o engenheiro Francisco Pereira da Silva ligado a esta realização governamental desde o seu início, assim permaneceu. Na mesma mensagem do comendador Coêlho e Melo, que foi depois Barão da Estância, diz que, logo haver assumido a administração da Província, o que ocorreu em 21 de junho de 1863, o 1.º tenente do Corpo de engenheiros Manoel Gomes Borges lhe pedira exoneração da comissão de que se achava encarregado visto terem-se concluído as obras do Palácio da Presidência e do Quartel de 1.ª linha que se achava sob sua inspeção, e que deferira tal pedido.

No meado do ano de 1863, depois de vencidos tantos obstáculos, estava afinal concluído o Palácio Presidencial da nova Capital de Sergipe.

A obra concluída em 1863

O Palácio teve tôdas as suas paredes construídas em pedra e cal com a pedra calcárea abundante na Cotinguiba, que chegava à nossa capital por via fluvial.

As suas paredes externas mediam, como ainda hoje, 29 metros na frente e no fundo e 35 metros nas fachadas laterais.

O pátio interno existe desde êsse tempo; o mesmo não acontecendo com os terraços situados aos lados do salão de jantar.

À vista de fotografias antigas podemos levantar a descrição que se segue:

Na fachada principal, no pavimento térreo, na parte central, no lugar do portão em tríptico de hoje, existiam três largas portas que serviam como entrada principal do edifício. De cada lado do conjunto formado por estas três portas ficavam três janelas que, como tôdas as portas e janelas existentes na construção, tinham a parte superior em arco pleno. No pavimento superior, nove janelas com sacadas providas de grades em ferro forjado, coincidindo os eixos destas janelas com os das janelas e portas do pavimento térreo. Nas fachadas laterais, que eram, como a da frente e a do fundo, corridas, sem nenhuma saliência, contavam-se as mesmas janelas e portas ainda existentes em número de 10 em cima e 8 janelas e 2 portas em baixo. Sòmente as janelas da frente do pavimento superior, eram providas de sacadas. As vidraças destas últimas janelas eram em portas de duas fôlhas com vidros de cêrca de 40 x 40 centímetros.

As vidraças das demais janelas eram do tipo "guilhotina" com vidros de 20 x 20 centímetros aproximadamente. As bandeiras de tôdas as janelas eram de vidros cortados em triângulo que se ajustavam ao semi-círculo dos arcos plenos destas aberturas.

Nos quatro ângulos do edifício, como cunhais, pilastras que serviam de suporte à cornija que contornava todo o bloco quadrangular e sôbre cada pilastra um pequeno acrotério marcando os ângulos da platibanda, que eram simples muros de pouca altura, sôbre os acrotérios, modestos finais construídos com massa de cal.

Na parte central da fachada principal e sòmente no pavimento superior, emoldurando o conjunto formado pelas três janelas aí existentes, duas únicas pilastras pouco salientes, sustinham um frontão em tímpano triangular que, interrompendo a platibanda, elevava, razoavelmente a sua empena, com o que se produzia a culminação da fachada.

No centro do frontão via-se o braço imperial em baixo relevo composto na massa do revestimento.

Do ângulo noroeste partia um muro de alvenaria fechado e alto que se prolongava até encontrar o alinhamento leste da atual praça Olímpio Campos, formando com semelhante muro neste

alinhamento e o do alinhamento sul, o quintal da residência presidencial.

* * *

Conquanto das proporções lhe resultasse alguma imponência, não passava de um exemplar de arquitetura pobre e desgraciosa. Aliás, eram mais ou menos assim os palácios que existiam no Brasil por êsses tempos. O da nossa antiga capital que ainda hoje conserva a sua feição primitiva, era tido, como já foi dito, como um dos melhores dentre êles. Quando se cogitou da construção dêste palácio ainda não haviam decorrido cinqüenta anos da chegada de D. João VI ao Brasil e daí para cá é que êstes edifícios começaram a merecer maior interêsse. De épocas anteriores muito pouco há que citar; apenas parecem dignos de menção os de Friburgo e o da Boa Vista, que Maurício de Nassau fêz construir sob a direção de Post no Recife e o do Conde dos Arcos, na Bahia, que, no seu tempo, não deixava de ser obra impressionante no meio. Igrejas, já as tínhamos boas por tôda a parte, com magnificas obras em talha dourada ou em jacarandá e trabalhos de torêutica realizados no país ou além-mar. A antiga Igreja do Colégio dos Jesuítas na Bahia, que é a catedral de agora, ainda é considerada como um dos melhores exemplares do barroco jesuítico no mundo inteiro. A do Convento de S. Francisco, ainda na mesma cidade, goza de igual reputação dentro do seu gênero. Em Minas Gerais o Aleijadinho já havia produzido vários trabalhos com os quais se afirmou como arquiteto de admirável bom senso. No Rio Grande do Sul, nas ruínas da Missão de São Miguel, ficou um grande documento. Rio de Janeiro, Recife e Bahia já ostentavam vários templos que ainda hoje enriquecem o tesouro de arte sacra.

Com o palácio imperial de Petrópolis, cuja construção terminou justamente no ano em que em Sergipe se mudou a capital, e os melhoramentos realizados no palácio da Quinta da Boa Vista, é que os nossos palácios começaram a ter melhores feições.

Da parte interna, onde as divisões têm sofrido ligeiras alterações, ou, melhor, simples adaptações, nenhum documento en-

contramos capaz de orientar uma descrição reconstitutiva. Sabe-se apenas o que se pode recolher da tradição oral.

O saguão era pavimentado de mosaicos hexagonais, talhados em uma pedra que não era o mármore e, certamente importado de fora de Sergipe.

A escadaria, em alvenaria, tinha as mesmas disposições da atual.

No pavimento superior, sobre bom vigamento de madeira de lei, largas tábuas de jequitibá e outras madeiras nossas, compunham o soalho.

As paredes de alguns dos compartimentos eram forradas de papéis estampados, muito em voga na época.

Nos portais dos salões, arandelas de bronze e cristal.

No tecto, os forros eram em tábuas comuns e não consta ter havido neles nenhum artifício especial.

O madeiramento do telhado não foi, por certo, de boa qualidade, pois cinquenta anos depois já se encontrava completamente arruinado, a ponto de inspirar receio de desabamento.

No comêço dêste século possuía o Palácio iluminação a gaz acetileno.

* * *

No período compreendido entre 1863 e 1915 temos apenas notícia, e oral, de um trabalho de asseio e pintura realizado pouco antes de assumir a presidência do Estado o Dr. José Rodrigues Dórea. Dêsse trabalho e de outros que por ventura se tenham efetuado no período citado, não encontramos ainda nenhum documento.

Reforma geral

1915 — 1920

Em sete de setembro de 1915, quando se abria a segunda sessão ordinária da 12.^a legislatura, o presidente do Estado, Gal. Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão, enviou à Assembléia

legislativa do Estado a primeira mensagem do seu segundo mandato de presidente de Sergipe. Neste documento, à página 9, sob o título — Palácio do Governo, consta o seguinte:

“Edificado há mais de meio século, para residência presidencial e instalação da Secretaria do Governo, o Palácio da Praça Fausto Cardoso acha-se presentemente desocupado, porque da rigorosa vistoria a que mandei proceder pela Diretoria de Obras Públicas, logo que tomei posse, se verificou que diversas partes do edifício se achavam estragadas, principalmente a cobertura, e que, só com risco de vida, ali se poderia permanecer.”

“Não me contentei somente com o parecer da Diretoria de Obras Públicas; solicitei de outros profissionais, engenheiros e mestres de obras, examinassem cuidadosamente o edifício; e todos eles, cada um por sua vez, foram mais ou menos acordes na opinião de que o mencionado edifício, na sua parte superior, efetivamente se achava muitíssimo estragado e até na iminência de desabamento. Posteriormente, se me apresentou, vindo da Bahia e recomendado por pessoas que me merecem a mais alta consideração, um representante da firma Liguory & Cia, engenheiros arquitetos, firma que se propunha a reconstruir o Palácio, e desejava, portanto, verificar o seu estado, a fim de melhor formular a sua proposta; novo exame e nova opinião acorde com as precedentes. Impunha-se, pois, como medida de providência, a desocupação do Palácio, e, de par com esta medida, a necessidade indeclinável de reformá-lo, dando-lhe outro aspecto externo e modificando-se-lhe as divisões internas.”

“Do projeto dessa remodelação, foi por mim incumbido o engenheiro Liguory, que já m’o apresentou; as obras por ele orçadas andam por cerca de 200:000\$000; mas noutro orçamento calculado sobre iguais elementos, reduz esta cifra a 167:778\$905, digamos 170:000\$000”.

Ainda no ano de 1915 a Diretoria de Obras Públicas do Estado despendeu em obras de conservação do Palácio do Governo a importância de 976\$310.

INCORPORAÇÃO AO PATRIMÔNIO DO ESTADO

Por efeito do Art. 16 da lei n.º 813 de 23 de Dezembro de 1901, que fixou o orçamento geral da República para o exercício de 1902, passaram para o domínio dos Estados todos os próprios nacionais que na vigência do Império eram destinados ao serviço que no regime republicano passaram a constituir obrigações do Estado e também os que eram utilizados nos serviços a cargo das antigas Províncias e que continuaram na República aos cuidados dos atuais Estados.

A despeito da disposição legal supra citada, o Palácio do Governo de Sergipe ainda em 1916 não se encontrava figurando na relação dos próprios estaduais; estava ainda incluído no tombamento da Delegacia Fiscal, como propriedade do Governo da União.

Verificando tal anomalia, o presidente Valadão determinou ao Procurador Fiscal, Dr. Carlos Alberto Rôla, para entrar em entendimento com o Delegado Fiscal, que era o Cél. José Silvério dos Santos, para combinarem as medidas que viessem produzir a regularização do caso, com o cumprimento da lei. Submetido este à consideração do Ministro da Fazenda, foi solucionado como de direito, fazendo-se a transferência do prédio ao domínio estadual conforme o ofício transcrito a seguir:

“Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional em Sergipe
Aracaju, 6 de maio de 1916.

Participo a V. Excía. que, de acôrdo com a Ordem n.º 1, da Diretoria do Patrimônio Nacional, de 26 de abril último, foi eliminado da relação dos próprios nacionais, o Palácio Presidencial, visto ter passado para o domínio do Estado.

Saudações.

Ilmo. e Exmo. Sr. General Manoel Prisciliano de Oliveira Valadão DD. Presidente do Estado.

O Delegado Fiscal

a) José Silvério dos Santos.”

Assim informado, o General Valadão baixou o

“Ato N.º 102

O Presidente do Estado, em virtude comunicação contida em ofício n.º 99, de 6 do corrente mês, do Sr. Delegado Fiscal, do Tesouro Nacional neste Estado, no qual declara ter sido, de acôrdo com a ordem n.º 1 da Diretoria do Patrimônio Nacional, eliminado dos próprios nacionais o Palácio Presidencial, manda que o dito Palácio seja, desde já, incluído na relação dos próprios do Estado.

Cumpra-se e comunique-se.

Palácio do Governo do Estado de Sergipe, Aracaju, 8 de maio de 1916.

a) Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão.”

No relatório das obras realizadas pela Diretoria de Obras Públicas do Estado, no período de 15 de agosto de 1915 a 31 de julho de 1916, consta o seguinte:

“Palácio do Governo: Substituição da cobertura, retirando-se todo o enripamento e encaibramento antigo, colocando-se um nôvo, retirada do fôrro, cujo madeiramento se achava completamente estragado; substituição de tesouras, cumecira e outras peças de madeiramento pesado e alguns trabalhos indispensáveis à estabilidade do prédio.”

Melhor teria sido se estas providências não tivessem sido levadas a efeito pois, por se terem feito êstes dispendiosos trabalhos, deixaram de ser alteadas as paredes externas, como convinha, na grande remodelação que se fêz logo depois.

Na mensagem presidencial de 7 de setembro de 1917 o General Valadão disse que havia terminado em 25 de agosto dêsse ano o prazo de concorrência pública que tinha sido aberto para a realização da reforma do Palácio do Governo. Não foi, porém, aceita nenhuma proposta pelo Conselho Administrativo, pela razão de não mencionar nenhuma delas o custo total das obras, além de motivos outros. Assim foi a concorrência tornada sem efeito, resolvendo o Governo, por se tratar de serviço urgente, executar as obras administrativamente.

Assumindo o Governo do Estado em 24 de outubro de 1918 o Cel. Dr. José Joaquim Pereira Lôbo tratou de levar avante a remodelação do velho palácio, a fim de que o mesmo pudesse ficar pronto para as suntuosas festas que se fizeram em 1920, comemorando a passagem do primeiro centenário da emancipação política de Sergipe.

Não tendo sido aceita nenhuma proposta, como vimos anteriormente, na concorrência pública na administração antecedente, resolveu o Governo trazer a Sergipe uma equipe de artistas italianos que naquela época se encontrava na Bahia: Belando Belandi, arquiteto e escultor; Oresti Cercelli, arquiteto e pintor; Bruno Cercelli, pintor; Oresti Gatti, escultor, fundidor e pintor; Fiori, fundidor e Frederico Gentil, que trabalhava em serviços de assentamento. Este último, o único sobrevivente ainda entre nós, a quem devemos estas últimas informações.

Os serviços de carpintaria, marcenaria e alvenaria da parte interna figuram a cargo de José Alcides Leite e Firmino Barreto, pessoas, na época aqui estabelecidas.

O projeto da reforma externa foi trabalho de Orest Cercelli, que segundo Frederico Gentil, se inspirou em um palácio de Florença. As estátuas da platibanda foram modeladas aqui pelo escultor, também italiano, Pascoal del Chirico, autor do monumento a Rio Branco na cidade do Salvador, nêsse tempo diretor da Escola de Belas Artes da Bahia. Estas estátuas foram fundidas por Fiori. As grinaldas, capitéis, balaústre e demais ornatos, tanto do exterior, como do interior, tiveram sua execução a cargo de Belandi e de Gatti. Da pintura se encarregou Oresti Cercelli, auxiliado por seu filho Bruno, então recém-chegado do front na 1.ª Guerra Mundial e pelo Gatti, que produziram magníficos trabalhos.

O pavimento primitivo de mosaicos do saguão foi substituído pelo de pastilhas americanas, últimamente retiradas. Nas paredes laterais desta peça, para prevenir os efeitos do sal contido no material da alvenaria existente, sôbre a pintura que se ia fazer, foram colocadas sob o revestimento chapas de chumbo, para tal fim adquiridas na Bahia.

A velha escadaria de 1863 foi revestida de mármore de boa qualidade e recebeu uma grade de ferro e bronze. As estátuas que ficam nesta escadaria representando os rios S. Francisco e Real, parecem trabalho do Gatti. Os tectos dos principais salões receberam boa decoração no estuque e tiveram a pavimentação em belos mosaicos de madeira, do tipo "parqué".

Aos lados do salão de jartar, na parte do fundo do edifício, e na que fica no interior do pátio, foram construídos os terraços em concreto armado.

O Cercelli conseguiu dar ao velho casarão um belo e majestoso aspecto que muito melhor teria ficado se possível fôsse ter-lhe aumentado um pouco mais de altura, com o que se teriam melhorado sensivelmente as proporções. O notável esforço que o autor do projeto fêz nesse sentido levou-o a fazer subir as paredes externas cêrca de quatro metros do nível das bicas.

Os italianos realizaram inegavelmente um grande trabalho.

O antigo muro do quintal foi substituído pelo gradil de alvenaria e metal e pelas construções que na parte da travessa Benjamim Constant servem de garagem às viaturas palacianas. Na parte do fundo, que dá para o Parque Teófilo Dantas, foi erguido um belo palanque de cimento armado, pouco depois demolido para dar lugar à edificação do atual Palácio da Justiça.

Pelo lado do Jardim Olímpio Campos existiu também o pequeno edifício que servia de alojamento ao corpo da guarda palaciana.

No govêrno Eronides de Carvalho, Oresti Gatti fêz nova pintura na sala do ângulo nordeste do pavimento térreo, onde então funcionava o gabinete da Secretaria da Justiça. O velho artista produziu em uma das paredes um bom retrato do grande Príncipe que deu a Sergipe a emancipação política, D. João VI. Este retrato tinha pouco mais de um metro e representava o monarca em trajos reais, junto ao trono. É pena que tenha desaparecido este trabalho, contribuindo assim para maior empobrecimento do edifício que, de boa pintura só conta atualmente com os murais de Jordão e com o que resta da decoração do salão nobre.

Nesta ocasião ainda foram feitos pelo Gatti outros retoques em vários compartimentos.

Denominação do Palácio

O nome do fulgurante parlamentar Fausto Cardoso dado ao Palácio da Assembléia Legislativa sugeriu, naturalmente, a denominação de Olímpio Campos, notável político e administrador operoso, para o Palácio do Governo. Os dois grandes sergipanos, trágicamente desaparecidos, bem mereceram a homenagem que lhes foi tributada. Em 5 de março de 1954 o deputado pela União Democrática Nacional, Filadelfo Dórea, apresentou um projeto que tomou o n.º 6 e foi logo remetido à Comissão de Constituição e Justiça. Aprovado nas três discussões, recebeu redação final a 7 de julho do mesmo ano e, finalmente, a sanção governamental no dia 12 do mesmo mês, tornando-se a Lei N.º 575, de 12 de julho de 1954, que vai transcrita na íntegra:

“Lei N.º 575, de 12 de julho de 1954

Dá denominação ao Palácio do Governo.

O Governador do Estado de Sergipe:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — Fica denominado “Olímpio Campos” o Palácio do Governo dêste Estado.

Art. 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo do Estado de Sergipe, Aracaju, 12 de julho de 1954, 66.º da República.

aa) Arnaldo Rolemberg Garcéz

Pedro Barreto de Andrade

Antônio Carlos do Nascimento Júnior.”

Em fins do ano de 1954, quando estava para deixar o governo do Estado o Sr. Arnaldo Rolemberg Garcéz, num gesto de cortesia para com o seu sucessor e adversário político, mandou proceder a serviços de asseio e pintura em várias partes do Palácio Olímpio Campos.

Reforma Leandro Maciel

Assumindo o Governo de Sergipe, o engenheiro Leandro Mainard Maciel em 31 de janeiro de 1955, justamente quando se

completava um século de que este palácio passara a constituir motivo de cogitação voltou as suas vistas para a conservação dos edifícios públicos estaduais. Por esta razão a Diretoria de Obras Públicas constituiu-se num dos órgãos mais atuantes na administração que se iniciava naquela ocasião.

Dentre os prédios públicos estaduais naquela época existentes o Palácio Olímpio Campos foi o que maior contemplação mereceu por parte do novo governo. O edifício cuja construção fôra orçada cem anos antes em Rs. 20:000\$000, consumiu nas obras porque passou nos anos de 1955 a 1958, nada menos de Cr\$ 7.289.923,70.

O engenheiro Jorge de Oliveira Netto, Diretor de Obras Públicas no período em aprêço, disse no relatório que apresentou ao Chefe do Governo, no término desse período governamental, o que se segue:

"Palácio Olímpio Campos

Foi este edifício o de mais onerosa conservação no presente período governamental.

Prédio já antigo, sua planta não atendia mais às modernas exigências de uma sede de governo. As deficiências e inconveniências de circulação, a exigência de novos cômodos, a necessidade de modernizar o Palácio Governamental, não só para atender à dignidade de sua função, como para lhe dar maior eficiência e conforto, determinaram grandes modificações, vultosos serviços e conseqüentemente grande dispêndio de dinheiro.

Tudo ali foi consertado ou restaurado, ou limpo, ou pintado, ou reconstruído e muita coisa modificada.

A retirada das duas Secretarias e Repartições que ali, péssimamente instaladas, funcionavam, exigia adaptação e reforma.

Nos três primeiros anos fizemos os trabalhos de conservação rotineira um tanto melhorados e, por vêzes, ampliações e modificações que se tornavam imprescindíveis.

No ano que passou o Sr. Governador resolveu levar a efeito uma remodelação interna total que veio colocar o velho Palácio em condições excelentes, considerada a nossa pobreza."

Nesta reforma fêz-se nova pintura externa. No interior, no saguão, foi substituída a pavimentação em pastilhas americanas por

outra em lajões de mármore. As paredes laterais receberam os dois grandes murais de Jordão de Oliveira, versando motivos da produção do Estado. O antigo tecto magnificamente decorado na reforma de 1915 a 1920 foi substituído por um outro muito mais simples, em cujo centro recebeu grande lustre com pingentes de cristal. A substituição d'êste tecto foi forçada pela mudança do pavimento do Salão de Recepção que lhe fica sôbreposto, que er montado sôbre grossas vigas de madeira de lei. Essas vigas trabalhadas pelo uso, adquiriram no correr do tempo uma flexibilidade tal, que fazia recear desabamento. Em lugar de pavimento até então existente no referido salão, foi construída uma laje mista de concreto armado, recoberta de **parqué**, trabalho que foi executado pela firma Norberto Odebrecht S/A, disso resultando a perda da bela pintura que Cercelli executara 35 anos antes.

Vários outros trabalhos de adaptações, e reconstituições e substituições foram levados a efeito nessa reforma. O terraço do fundo recebeu uma cobertura que, conquanto tenha melhorado sensivelmente a comodidade do Palácio, lhe prejudicou a feição estética no exterior, produzindo-se com isto até uma subversão das regras que orientam o uso das ordens arquitetônicas.

Não há dúvida que nesta reforma se perdeu algo do belo resultante da decoração e pintura da remodelação executada pelos italianos, na qual tudo se harmonizava bem com o estilo seguido. Entretanto, há a considerar que outras apreciáveis vantagens foram nelas conseguidas.

* * *

Atualmente, no govêrno Celso de Carvalho está sendo feita uma alteração no Salão dos Despachos, situado na ala norte do Palácio. Trata-se da adaptação de uma parte d'êste salão como gabinete do Governador. O trabalho que está em andamento foi projetado pelo jovem artista Valter Barros que também contratou a sua execução. Esta peça será dotada de instalação para refrigeração do ambiente. Ao que parece, o emprêgo dos materiais modernos para êsse fim necessários, está sendo feito com o devido cuidado, de modo tendente a evitar desequilíbrios notórios na feição estilística do edificio.

RECORDAÇÕES

EDILBERTO CAMPOS

Em começo de 1905 eu mesmo ouvi o então Presidente de Sergipe Josino Menezes dizer no cornimboque da casa do padre Olímpio: "Meu candidato à sucessão é o desembargador Guilherme"... Naturalmente, no seu entender isso seria o melhor meio de agradecer o que o padre fêz por êle, motivando a separação dos velhos companheiros Coelho e Campos e Leandro Maciel, que não concordaram com sua candidatura em 1902. Conteí isso ao desembargador e noteí que êle não se entusiasmou com a idéa. Ao receber a notícia resmungou: "Meter-me nessa enrascada!... E nem sequer podia imaginar o que iria acontecer! Foi posto em disponibilidade, nomeado Chefe de Polícia e mandado ao Rio em comissão representando o Estado num congresso a reunir-se em Niteroi para tratar da unificação do Direito Processual. Em Abril, já a bordo de um navio estrangeiro, na Bahia, soube que o Congresso havia sido adiado. Após alguns dias na capital Federal, voltou para o Estado e aguardou os acontecimentos. Correu a eleição tranqüilamente, com o dr. Pelino Nobre para vice-presidente, não aparecendo competidores. A sêca andava desoladora, levas de sertanejos, também dos estados vizinhos, chegavam em busca de socorro e não havia espectativa de um govêrno próspero. Acentuavam-se as consequências da supressão dos impostos inter-estaduais e diminuição das rendas e no Rio levantava-se o problema da re-eleição de Coelho e Campos para o Senado, desejada pelos próceres da política geral. O Monsenhor percebeu a

oportunidade para a reaproximação com o antigo e prestigioso amigo, mas Josino, desconhecendo o ambiente político da capital federal, não concordou em ir para a Câmara e argumentava: "Se todos saem do Governo para o Senado por que não posso fazer o mesmo?" Pinheiro Machado consultado pelo padre respondeu galhofando: "Traga seu fazedor de pipulas"... E o padre disse afinal ao Josino: "Será você mesmo o candidato, dê no que der. Em Abril chegaram as Atas. "Agora V. vai defender seu diploma"... mas, cadê coragem para enfrentar a Comissão de Poderes? Deu uma procuração ao padre e lá não apareceu. Não era tarefa para provinciano inexperiente. Com a recusa da re-eleição de Coelho e Campos o padre havia atraído sobre si as hostilidades do Presidente Rodrigues Alves e dirigentes federais e os adversários estaduais se aproveitaram. Seus amigos no Senado admiraram sua dedicação defendendo uma causa considerada perdida e na hora da votação, somente três votos a favor, o dele e os de Rosa e Silva e Segismundo Gonçalves, ambos de Pernambuco! Recolheu-se então o padre a Sergipe e no jornal do seu partido atacava o Presidente da República porque negava tudo para o Estado, tornando o governo difícil. Num ambiente assim preparado começou-se a articular a revolta da Polícia e não é preciso recontar o que aconteceu...

Passada a refregá, voltou o padre-senador ao Rio em Novembro para assistir à posse de Afonso Pena e ali foi assassinado, deixando o Guilherme só, incapaz, ao que se dizia, de se agüentar no Governo. Com Afonso Pena, que o havia conhecido quando esteve em Sergipe, cessaram entretanto as hostilidades e o ambiente mudou completamente, embora continuassem os choques entre os grupos que disputavam o lugar do chefe desaparecido. O Presidente Pena diretamente, ou por intermédio do seu filho secretário, escrevia cartas recomendando moderação e dava conselhos sobre o novo imposto-de-giro que desagradava ao comércio. Eram também interessantíssimas as longas cartas do General Pinheiro Machado ao desembargador, lamentando a morte de Fausto Cardoso e de Olímpio e elogiando a moderação do Presidente estadual evitando represálias (estão guardadas). Procurava êste atraí-lo para seu grupo como se fosse fácil esquecer a depuração de Josino.

Correu o 1907, ano de miséria financeira porém com relativo sossego e ao findar o ano deparavam-se os dois grandes problemas, da renovação da Assembléia e da sucessão na governança. Não havia geito de acomodar os pretendentes, cada qual se julgando com direito a mais. Num domingo, o homem julgado incapaz de governar sozinho mandou publicar inesperadamente no jornal oficial um decreto adiando a eleição para daí a três meses, conforme permitia a Constituição estadual. Sensação! Palácio fechado, só na segunda-feira depois de meio-dia foram chegando os habituais freqüentadores, uns já amolecidos, outros ainda dispostos a dizer desafóros, mas na hora ninguém disse nada. Alfredo Franco deputado amigo chegou entusiasmado: Foi o ato de maior descortino político que o Sr. podia praticar. Outro, ressabiado, vinha "disposto a dizer umas verdades", mas o Presidente atalhou: É melhor não dizer; quem diz o que quer pode ouvir o que não quer. Procedo unicamente com o intuito de manter unido o partido deixado pelo padre Olímpio".

Passados os três meses, o ambiente era inteiramente outro: Foi organizada sem briga a chapa de deputados estaduais sendo contemplados os elementos que mais se destacavam pela sua atuação na administração e na política, não sendo possível obviamente atender a todos os pretendentes. Parentes só figuraram, Ernesto de Sousa, de Itabaianinha, e Francisco Garcez, de Lagarto. Não se podia alegar nepotismo. A eleição correu calma, em Janeiro.

Restava o problema da sucessão estadual. No Rio, brigavam Carlos Peixoto como Presidente da Câmara e porta-voz do **Jardim da Infância**, com Pinheiro dispondo da maioria do Senado. Dória, deputado, mantinha minuciosa correspondência e mandava dizer em carta "confidencial": Carlos Peixoto garante a posse de quem V. indicar. **Apresente um homem digno, capaz de continuar a obra de seu irmão, etc.** Na próxima Convenção do partido foi apresentado o nome do próprio Dr. José Rodrigues da Costa Dória, com a seguinte fé-de-ofício: 12 anos de representação na Câmara em união perfeita com o Mons. Olímpio, boas relações no Rio, inegável competência pessoal, disposição para tomar a orientação político-administrativa do Estado, portanto, um amigo acima de

qualquer suspeita. Rigorosamente, nem todos os grupos políticos de Sergipe simpatizavam com sua candidatura, mas qualquer que fosse apresentado não obteria unanimidade. O candidato, na minha opinião pessoal, tinha contra si apenas a fama de ser um solteirão muito desarrumado, habituado à vida elegante do Rio, o qual dificilmente se adaptaria ao viver provinciano de uma cidade pobre, como em breve ficou evidenciado, quando cinco meses depois mostrou desejo de voltar, trocando a governança pela senatôria. Era muito natural que a expectativa de perder a próxima temporada lírica de 1909 concorresse para agravar a **Angstneurose** que o acometeu na presidência do Estado. Construía-se então no Rio a Avenida Central e o cais do pôrto, Copacabana ainda era mato, os cinemas eram poucos e mudos, mas os teatros viviam cheios. Dória, assinante das temporadas do antigo **Teatro Lírico** não falhava com sua elegante casaca feita no **Raunier**... Da minha galeria, no meio dos estudantes, muitas vezes o vi no tempo de **Caruso**, **Zenatelo** e **Didur**, no **bel canto**, ou de **Clara edlla Guardia** e **Tina di Lorenzo** nos dramas italianos, também de **Coquelin**, no **Cirano**, de **Rostand**.

Para companheiro de chapa, como vice-presidente, fóra apresentado o Dr. Manuel Batista Itajai, antigo co-religionário, prestigioso chefe em Itabaiana, e não deixava de ter sua graça... Saíam dois bachareis e entravam dois médicos, como se o Estado estivesse precisando de uma junta médica para seu tratamento...

Fêz-se a eleição pacificamente e a posse verificou-se em 24 de Outubro de 1908, com as solenidades habituais, guarda de honra, banda de música e dança.

Deixou o presidente que saiu em suas notas íntimas, que no dia seguinte à transmissão do cargo, disse ao Dr. Dória: "Meu amigo, governe como entender, certo de que não perturbarei sua gestão; só tenho em mira manter unido o partido organizado e mantido com tanto sacrificio pelo padre Olímpio". Tinha razão em falar assim porque na primeira reunião do partido após seu desaparecimento o Dr. Teixeira Fontes fêz um discurso indicando o Dr. Pelino Nobre para a chefia e este imediatamente discordou dizendo que o chefe devia ser o irmão do Monsenhor, a cuja orientação todos deviam continuar a obedecer... Essa idéa foi sem

aparente oposição aprovada por todos os presentes. O desembargador nunca ambicionou tal posição, aceitou-a como uma necessidade do momento.

O novo Presidente organizou como quis seu corpo de auxiliares, nomeando Comandante da Polícia Militar um seu primo tenente do exército; para major-fiscal, outro primo que era sargento também do exército. Na polícia civil colocou o Dr. João Mainard, seu amigo, que uma semana antes se casara com a filha do ex-Presidente. O bacharel Benício Freire também casado há pouco com uma de suas irmãs, foi nomeado Secretário do Governo e os funcionários públicos de menor categoria quase todos continuaram nos seus lugares. A vida corria como sempre cheia de esperanças para uns e de desenganos para outros.

Pessoalmente faço justiça e não creio que inicialmente o honrado Presidente desejasse tomar o lugar do Senado, mas sua atitude inesperada cinco meses depois, passando o Governo ao Vice, embarcando para a Bahia nos últimos dias de Março e deixando **secretamente** com seu cunhado Benício um documento renunciando ao Governo, não deixavam a menor dúvida, porquanto para licenciarse por doença bastaria permissão da Assembléia, prorrogável quantas vezes êle quizesse. Coincidia que Severino Vieira, senador pela Bahia, seu velho amigo e protetor, ter inventado que desembargador em disponibilidade não podia ser eleito senador e sustentado isso no Senado até o fim... Estava evidentemente articulada a manobra.

Ao chegar no Rio com maior votação o desembargador foi avisado por um senador: "Seu reconhecimento está assentado, basta dizer algumas palavras e deixar o barco correr..." Siqueira e Felisbelo deram procuração ao advogado Ferreira Viana Filho para contestar a eleição e o gorducho e eloqüente orador atacando rijamente a política sergipana, terminou: "Está sôbre o cepo a cabeça do régulo de Sergipe... Decepai-o... O sertanejo que também já fôra advogado não lhe deu apartes, argumentou mostrando a lisura da eleição que já tinha sido aprovada pela Câmara e retirou-se não mais voltando ao Senado. Comentou a Gazeta de Notícias: "É um candidato interessante, compareceu, defendeu seu diploma e nunca mais foi visto ali a pedir votos, segundo o

costume; esperou o resultado como quem espera a sentença de um Tribunal de Justiça...” Demorava entretanto a decisão, enquanto Severino Vieira trabalhava pela nulidade. Nesta altura, o gen. Pinheiro notando que os elementos rosaesilvistas se movimentavam em favor do desembargador, **fechou a questão**, como se dizia naquele tempo, contra o seu reconhecimento. Esqueceu as longas cartas que escrevia ao ex-Presidente de Sergipe e começou o conhecido jogo: Quando um grupo estava sem maioria o outro não dava número...

Tendo inesperadamente morrido o Conselheiro Afonso Pena assumiu o Vice, Nilo Peçanha, a Presidência da República e o Dr. Esmeraldino Bandeira, Ministro da Justiça, encontrando Guilherme em casa do Rosa e Silva perguntou-lhe: “Por que não procura o Nilo?” — Posso procurar. Foi recebido sem demora no dia seguinte e o Presidente disse: Eu gostava muito de seu irmão, sabia ser amigo; aceita um acôrdo? — Ponho em suas mãos minha causa. Pinheiro e Rosa consultados concordaram em anular a eleição sem considerar o desembargador incompatível, podendo ser eleito novamente, ficando assim satisfeita a vaidade dos chefes. E logo isso se fez sem se alegar o motivo da anulação. Mestre Severino continuou sustentando a inelegibilidade e Dória ia ficando na Bahia... Itajai logo que soube marcou nova eleição para 15 de Agosto e esta se fez nas mesmas condições da anterior, com Guilherme em Aracaju. Ao chegarem as Atas ao Senado foi êle imediatamente reconhecido, mesmo sem defender seu diploma cumpria-se assim exatamente o Acôrdo Nilo-Rosa-Pinheiro. Já estávamos no mês de Outubro de 1909.

* * *

Ficou assim liquidado o caso de Sergipe, no Rio, mas no Estado a politica refervia. É preciso recuar um pouco no tempo e começar outro capítulo ainda mais complicado e difícil de resumir. Parecia que só restava ao Dr. Dória curar-se e reassumir o cargo, ou sustentar a renúncia, então ainda conservada em segredo, mas a coisa ainda rendeu muito. Informado que Benício tinha a renúncia guardada a espera de oportunidade Itajai a teria

pedido para guardar e o Secretário não teve ânimo de negar, o que até certo ponto se justificava em vista da confiança ainda existente entre os amigos. Há copiosa documentação a respeito revelando também quanto se pode inventar, deturpar, caluniar, com intuito de conquistar o poder.

O senador que acabava de ser reconhecido preparava-se para viajar por terra para a Bahia, com destino ao Rio, quando foi à tarde chamado com urgência ao Palácio: Por incrível que pareça, num quarto fechado a chave, tendo como única testemunha o Dr. Nobre de Lacerda, Juiz Seccional, o Dr. Itajai muito trémulo e emocionado, mostrando duas renúncias (já não era só uma!) disse: "Padrinho: Tenho o Dória nas minhas mãos e sei que ele voltando me eliminará das posições, vamos publicar isso..." Colhido de surpresa e sentindo a gravidade da situação, revidou o desembargador. Não! Não faça isto, se ele recorrer o Presidente da República o mandará repor. Parto amanhã para a Bahia, procurarei o Dória, aguarde meu telegrama com o resultado da conferência... E partiu deixando os boatos a fervilhar. Demorou-se em Itabaianinha esperando que fosse restabelecido o tráfego da Timbó-Propriá, e ao chegar à estação de Calçada foi informado que a renúncia fôra publicada naquele mesmo dia, e recebeu um telegrama de Itajai: "Renúncia publicada conforme combinamos, partido nas suas mãos, dê suas ordens e obedeceremos". Resposta: "Porque não esperou resultado minha conferência Dória? Podia sair-se bem. João Mainard não pode continuar Chefe de Polícia". Procurando imediatamente Dória foi claro: "Eu vinha pedir-lhe que sustentasse a renúncia para não dividir o partido e procurariamos uma compensação para V., mas diante do que houve só posso dizer que se V. recorrer o Nilo manda-lo á repor. Uma deposição pode fazer-se pela violência ou pelo dolo. Embarcou no dia seguinte e chegando ao Rio foi empossado no dia 28 de Outubro. Uma das primeiras figuras a deparar foi a de Severino Vieira: — "Combati pelos princípios respeitando o cavalheiro que é muito digno, dá licença que o abraçe?... Pinheiro, com toda sua pose: "Nada tinha contra V., mas notando que certos elementos se congregavam a seu favor, eu quis mostrar que não seria fácil derrotar-me"... Abundante correspondência

postal e telegráfica cuidadosamente conservada mostra o desgosto do novo senador ao ver depois de tanta luta o esfalamento do partido do padre Olímpio, velhos e íntimos amigos divididos e irreconciliáveis. Sua atitude apasiguadora foi até mal interpretada por alguns dentre os mais íntimos, que dirigiram doestos e censuras e só tardiamente reconheceram terem sido torpemente enganados e tornados ingratos. São fartas as provas de que condenaram o amigo e até então chefe, sem ouvi-lo. É doloroso recordar-lhes os nomes. Embora serodidamente quero ressaltar quanto foram injustos os que o julgaram capaz de cometer a baixezinha propalada de ter êle concordado com a publicação da renúncia e depois recuado deixando mal os principais autores da traição. Os documentos provam que sua posição foi única e firme condenando a publicação, não tendo culpa de na sua ausência os amigos se deixassem levar pela calúnia e pelos boatos. Disso ficarão convencidos todos os que estudarem o arquivo deixado, e que será oportunamente oferecido ao Instituto Histórico de Sergipe. Afinal, desgostoso afastou-se da política sergipana evitando polémica para retaliar em público assuntos particulares do tempo das amizades e da confiança, mas cumpria seus deveres indo ao Senado com sol ou chuva, no bondezinho de tostão; comparecia regularmente à Comissão de Justiça, na qual deu muitos pareceres e se não discursava em plenário era por não querer, pois não lhe faltava capacidade, tendo sido deputado estadual em 2 legislaturas, advogado mais de 12 anos e 5 anos Presidente do Tribunal da Relação do Estado. Não ambicionava fortuna nem posições. Nunca pleitearia cargos eletivos se dependessem de comícios à moda de hoje e andar na cacunda de populares em passeatas. Cultivava entre os colegas a intimidade de poucos, Bueno de Paiva, Bernardino Monteiro, Tavares de Lira, e também de Alfredo Neves, que antes de ser senador foi secretário da sua Comissão.

REVOLUÇÃO DE 31 DE MARÇO DE 1964 DEMOCRACIA E REPÚBLICA (*)

J. PIRES WYNNE

Espráio a vista, e daqui vejo, devassando os ares, a vastidão da Pátria; e vejo longe, no extremo norte, o Pará, o Amazonas, e, um pouco abaixo, o Maranhão, ricos rincões da terra dadivosa e acolhedora; e vejo, mais além, o Acre, e logo me recordo das lutas pela integridade do território e demarcação das fronteiras, e vejo a bravura e o civismo de Plácido de Castro, e vejo, logo depois, Siqueira de Menezes, jagunço loiro de Euclides, a dar exemplo de honestidade e zelo administrativo, plantando cidades e organizando a vida da região, refletindo, assim, mais uma vez, a seriedade e o patriotismo das forças armadas.

E o Ceará? Terra maviosa de Iracema, a virgem dos lábios de mel, meiga filha de Alencar, precursor, como Gonçalves Dias, na obra de integração do índio na história da formação nacional, e também precursor, através do seu harmonioso e lírico estilo, relativamente ao surgimento de uma forma nova de escrever a nossa língua e trazer à mostra a riqueza das lendas brasileiras.

O Ceará — terra — berço de Clovis Bevilacqua, de Farias de Brito, de Juvenal Galeno, e de tantos outros espíritos.

Alagoas — terra dos marechais.

(*) Conferência proferida pelo dr. J. Pires Wynne, no dia 24 de agosto de 1965, às 20 horas, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, encerrando as festividades programadas pela Guarnição Federal, comemorativas da Revolução de 31 de março de 1964.

Pernambuco — a veneza brasileira, berço dos Marianos e de Joaquim Nabuco, e de tantos nobres exemplares da raça em formação.

E vejo, aqui perto, a Bahia — terra de Rui, de Rio Branco, de Castro Alves, e de tantos outros, e também daquela feminina figura de heroína, tão decantada e bela pelos sentimentos revelados — Maria Quitéria.

Tantos são os exemplos de amor à Pátria!

Desde o Rio Grande do Sul, com os seus descampados, as suas campinas e as suas cochilas, varridas pelo minuano.

Lá, também, a mesma fibra de brasilidade a se afirmar através de homens de prol, filhos dos pampas e em cujas veias pulsa o sangue vivo da Pátria: Manuel Luiz Osório — Marquez do Herval, General Andrade Neves, General Mena Barreto, Visconde de Pelotas e tantos outros ilustres e bravos gauchos, homens de energia e destemor cívico, e, entre eles, aquela fascinante Anita Garibaldi.

Grande, sem dúvida nenhuma, o Panteon Nacional.

Ao lado dos cearenses esteve Sergipe, desbravando o Amazonas e defendendo o Acre.

Ao lado dos riograndenses esteve Sergipe nas lutas da Cisplatina, e depois nos campos do Paraguay, como, ainda faz pouco, com o mesmo denodo, nos combates da Segunda Guerra Mundial.

Sergipe, pela voz de Jackson Figueiredo, fervoroso nos seus ideais e na sua Fé, defendeu a ordem, e também fez justiça a Farias de Brito, focalizando o sistema filosófico do ilustre conterrâneo do Coronel Tércio Véras.

No Rio Grande do Sul, também Sergipe não se fez omisso, e assim fundou o primeiro jornal moderno e independente, firmando o nome de Caldas Junior, nome que ainda lá é bandeira de admiração e de respeito.

Militares, soldados da Pátria, filhos de outros rincões, e que aqui vos encontrais, agora, também podeis ouvir a minha palavra, que todos nos confundimos convôscos, confiantes, e no mesmo amor, desejosos de paz, ordem, prosperidade nesta nova fase da vida nacional.

Nos idos de 1912, por ocasião da inauguração da estátua do tribuno, que ali está na praça do seu nome, Gumersindo Bessa, que era um leão nas lides forenses, parodiando o grande Turgot, a si mesmo dirigia estas palavras: Quem és tú para falares aqui a respeito de tão nobre figura?

Também aqui me pergunto: Quem és tú para te alçares assim e assim falares?

Sou brasileiro e amo a minha Pátria.

Quando ainda estudante na bonançosa terra baiana, e na década de trinta, não me amofinei e combati numa série de artigos e conferências os pruridos extremistas, e a repercussão dessa minha atitude despertou até a atenção de vários prelados, e assim várias as cartas de bispos recebidas louvando a minha iniciativa. Eles se preocupavam.

No Rio de Janeiro, atuando na imprensa, proferi também várias conferências na Associação Brasileira de Imprensa, e entre elas, uma — **Os novos rumos da História**, análise das incoerências e interpretações tendenciosas dos fatos que procuravam desviar os sentimentos do povo, confundindo as instituições e negligenciando com o passado histórico, e o meu rebate também repercutiu, recebendo eu aplausos de Afonso de Tannay e de Pedro Calmon, falando éste no recinto da Academia Brasileira de Letras.

Em Sergipe jamais arrefeci na luta contra os deturpadores e iconoclastas, e por isto mesmo já eles me prometiam as honras do paredon.

Não fui subversivo. Não se me acusa de corrupto.

Não sou homem de duas bandeiras.

Soldados, sempre estive ao vosso lado, ouvindo a voz de comando, seguindo os mesmos passos.

Gracejando com as coisas sérias, mas sempre instruindo, através de sua ironia e bom humor, João Ribeiro assim se expressa: **O grito do Ipiranga nasceu de uma cuia de farinha deglutida a deshoras.** Depois de várias peripécias químicas o singelo bolo quase abalou o mundo.

João Ribeiro é assim, e assim é a visão da dietética acompanhando o desenlace dos acontecimentos.

Recordando o risonho mestre e a risonha história da **cúia de farinha**, agora fico a pensar em mim mesmo e na dúvida me interrogo: Será que do meu bolo alguma coisa eu fiz e trouxe, não tão digna daquele épico alvoroço às margens do Ipiranga, tão belo e tão comunicativo na famosa tela de Pedro Américo, mas, ao menos, merecedora de atenção e dos aplausos bons da respeitosa e culta platéia que me ouve?

Já uma vez aqui estive e, como hoje, com o sentimento da Pátria no coração, então falei a respeito de CAXIAS como guerreiro a andar pelos sertões do Império, de norte a sul e de leste a oeste, despertando o ânimo e a admiração dos seus comandados, e assim firmando o prestígio do seu nome de impávido soldado, vanguardeiro entre os combatentes e exemplar entre todos.

De outras vezes, honrado pelo convite e impelido pelo mesmo espontâneo sentimento, falei no seio dos quartéis, abordando temas da história militar, e sempre assim, como agora, confiante e orgulhoso no serviço que é trazer ao presente o passado nobre de nossa gente, mostrando aos moços deste tempo as páginas gloriosas das forças armadas.

Aqui, a propósito, vale recordar. O ensino no país atingido também pelo trabalho de sapa que se processava, vinha concorrendo grandemente para implantar no espírito da mocidade desprevenida aquilo que se via a cada momento e que era a indisciplina — constante desrespeito aos mestres e as instituições, e até uma cartilha, moldada de acôrdo com as intenções mais condenáveis, vinha, com os seus subterfúgios, semeando a subversão e engrossando a onda que se avolumava, e que, de súbito, se espraíava, invadindo quase todos os setores da vida da nacionalidade.

Canta-se ainda o hino nacional, como dispõe aquele Decreto-Lei nr. 4545, de 31 de julho de 1942, nas escolas?

E ainda diz o mesmo Decreto no seu artigo 39:
Ninguém poderá ser admitido ao serviço público sem que demonstre conhecimento do Hino Nacional.

De tolerância em tolerância, sempre justificadas pelos arautos pregadores de uma nova pedagogia, o espírito cívico ia cada vez

mais se distanciando, e somente nos quartéis êle se ouvia, como ainda agora, pois que todos ali sabem de cor e sabem cantar o hino da Pátria.

Estarei dizendo alguma coisa merecedora de censura? Creio que não.

Quando se perde o sentimento de amor à Pátria e já não se guarda na memória o hino, que é a vibração dos corações unissonos, e nem se preza mais a bandeira, pavilhão que é a coberta comum da nacionalidade, então, que resta mais?

Que é que resta senão a anarquia que é o desenfreamento das paixões funestas, motivando a quebra da unidade e desfazendo os laços de fraternidade, esmigalhando as glórias do Passado e cavando no presente um abismo fundo onde se some toda a grandeza de um povo.

* * *

Contrastando, divergindo da impressão e do espírito verdadeiramente nacionalista de Santa Rita Durão, que no seu CARAMURÚ canta a beleza dos ares sergipanos — **Não há depois do céu mais formosura**, um contêrraneo ilustre, Justiniano De Melo e Silva, precursor nas suas investigações, buscando na lingüística, e principalmente na semântica, desvendar as origens remotas do homem, acha, na sua tão notável obra — NOVA LUZ SOBRE O PASSADO — que **Sergipe é a décima sétima porta do Inferno**.

Outros, depois, envolveram no seu lirismo a terra natal.

Mas aqui vale remontarmos. Em 1930, passando pela Estância, e ali visitando o Bispo Dom Raimundo, espírito observador e bem curioso, dêle ouvi, com algum espanto para mim, falando a propósito das inquietações que tanto nos consumiam e tanto preocupavam os homens sérios da República, uma afirmação digna de ser lembrada — **Sergipe, meu filho, é a maior célula comunista do Brasil**.

Quando agora vejo, que, confirmando as observações daquele saudoso prelado, também rastejou entre nós a hidra da subversão, e levantando a cabeça procurava dar o golpe mortal nas insti-

tuições, sinto a razão de ser da Revolução de 31 de março, e, mais ainda, vejo a razão das medidas que se impõem resguardando a ordem, tranquilizando as famílias, faz pouco, tão picadas pelas ameaças e tão fervorosas nas suas preces e nos seus desprendimentos cívicos em defesa da segurança e da unidade da Pátria.

Também a mim prometiam êles o **paredon** e assim se expressavam, indiscretamente, e dentro na euforia em que se achavam, e assim mostravam as intenções animadoras do espírito que lhes guiava os passos.

* * *

Assim agiam, deturpando os fatos, semeando a angústia no seio da sociedade, procurando envolver as forças armadas e isolar os homens de bem, que, não esquecidos dos seus deveres, aceitavam todos os sacrifícios, arrostando as ameaças, esclarecendo e reunindo os espíritos para a obra comum de salvação da Pátria, livre dos demagôgos e das idealogias pecaminosas.

* * *

Rebuscando bem velha e valiosa coleção do JORNAL DO COMÉRCIO, de 1822 até 1922, cem anos de vida do país, coleção que possuo e mantuseio nos meus frequentes passeios pelos caminhos do Passado, e assim colhendo os testemunhos do tempo e fazendo as minhas conclusões, pois que não vale dar acolhida tão sòmente aos fatos ocorridos, nem aceitar sem uma crítica ponderada e segura as paixões que proliferam em tôdas as épocas, e fazendo investigações e argumentando, sempre agindo com serenidade, tolerância e espírito de justiça, encontro no ano já tão distante de 1880 o noticiário referente ao passamento do Duque de CAXIAS:

O ano de 1880 viu por duas vèzes cobrir-se de luto o Brasil.

Dois grandes túmulos abriram-se então para recolher os despojos dos eminentes brasileiros que se

finaram — Duque de Caxias e Visconde do Rio Branco.

Luiz Alves de Lima e Silva, Marechal do Exército, conselheiro de Estado e de Guerra, Senador pela Província de S. Pedro do Rio G. do Sul, ajudante de campo de S. M. o Imperador, Veador de S. M. a Imperatriz, primeiro barão, primeiro marquez e primeiro duque de Caxias, duas vèzes Presidente do Conselho de Ministros e Ministro e Secretário de Estado dos negócios da Guerra, deixou singelamente escrita a longa história de sua longa vida na fé de Officio que reza do seu grande nome.

Esse é o maior monumento, o mais duradouro que a sua glória poderá elevar.

Veterano da Guerra da Independência e da Cisplatina, pacificador do Maranhão, de S. Pedro do Sul, de S. Paulo, de Minas Gerais, chefe do Exército Imperial na Guerra movida pelo Brasil aos ditadores Rosas e Oribe, estava ainda reservada ao célebre general a gloriosa missão de conduzir de vitória em vitória as armas do Império desde Tuiuti e Curuzú até a Capital do Paraguay.

Era assim, já no seu tempo, e no mundo que o cercava, um espírito respeitável e consagrado pela admiração dos contemporâneos, que, no meio das competições, sabiam distinguir o vulto varonil do soldado e do estadista, e lhe faziam justiça.

O Duque de Caxias foi, sem dúvida nenhuma, uma coluna sempre em marcha através do curso de uma longa vida, e militar, sobretudo militar, como êle próprio se julgava, enchendo meio século de ações decisivas, ora no extremo sul, ora penetrando os invios sertões nordestinos, ou já agindo no extremo norte, ou já atuando no mesmo passo pelo oeste, e no centro, em Mato Grosso e em Minas Gerais, o que fêz foi estabelecer e fundamentar a unidade territorial do país, e, ainda mais, semear com a sua visão de homem público a confiança nas populações dispersas, e assim concorrer com o prestígio de sua clarividente e fascinante

Não vejo, pois, como, atualmente, certos demagogos procu-
personalidade, homem realmente de espírito público e varonil que
era, para estreitar os laços da nacionalidade.

Presidente do Conselho, atuando na política, e já no campo
civil, longe das contendas e lances belicosos, fora da guerra e das
guerrilhas, o mesmo homem forte se mostrava, mas então era o
hábil espírito de direção e previdência, sabendo ver longe e des-
trinçar as questões, sabendo escolher os companheiros de ação
e resolver os problemas.

Pelo prestígio pessoal que vinha do respeito e admiração que
os seus concidadãos lhe votavam, e que o Imperador homologava,
fazendo-lhe justiça, o que fazia êle era dar sempre mostras de
uma ação ponderada, firme e segura no trato dos negócios públicos.

O Pacificador era agora o estadista, firme à frente de sua
pasta de ministro, conhecedor dos problemas e dos homens, e por
isto humano e sempre patriota, e tendo em vista sempre a har-
monia da família nacional, o respeito às instituições, fundamen-
tando a ordem e paz no seio do grande Império, cuja vida se
processava dentro de uma atmosphera de inquietantes procuras de
estabilidade no campo social e financeiro, motivadas estas inquie-
tações pelos gastos imprevistos e decorrentes da longa e sangui-
nolenta luta nos campos do Paraguay.

* * *

A história é um retrospecto, e para escreve-la não é bastante
recordar e alinhar os fatos, mas entozá-los, tirando conclusões,
buscando as tendências dos que participam dos acontecimentos e
assim desvendando e esclarecendo as origens, próximas ou remo-
tas, e o conteúdo, muitas vèzes velado nas simulações.

No Brasil, cuja política é a dos políticos, nem sempre a opi-
nião pública se esclarece a respeito do valor dos seus homens de
prol.

Quando se fala de militares na política, então, logo atçados
pela estreiteza de certos e falsos julgamentos, o que se nota, o
que se vê é a volta dos forjadores da intriga contra a dignidade
das forças armadas, como se, no seio do Exército, ou, de modo
geral, no mundo militar não existissem, à semelhança do que

acontece nas demais classes, espíritos afeitos ao estudo dos problemas administrativos, e também garantidos pelas liberdades públicas e pelos princípios democráticos, e dentro nos rumos da disciplina, não podessem usar de iguais direitos, não estivessem à altura dos altos postos na direção do país.

Puro engano.

Rui Barbosa, voz que se expandia no mundo do seu tempo, e que entre nós expressava o ideal democrático, e cuja obra aí está tão rica de ensinamentos, e é tão pouco lida pelos que hoje procuram destruir os monumentos na nacionalidade, jamais negou aos militares esse direito de ascensão aos altos postos de mando na esfera política, quer como dirigentes no campo administrativo, quer como legisladores escolhidos e homologados pelo voto livre dos concidadãos.

A teoria de Rui, restritiva quanto aos militares, encontra fundamento no seu anti-militarismo, e interessante é ver a clareza do seu pronunciamento em carta dirigida aos Senadores F. Glicério e Antonio Azeredo, carta datada de 19 de maio de 1909, e a propósito do lançamento do ilustre e nobre Marechal Hermes da Fonseca:

A farda que ele veste, não constitui objeção aos exercícios dessa magistratura suprema.

Nada exclui, entre nós, o militar de servir ao país nesse posto, uma vez que ele se não confira ao militar, mas ao cidadão.

Há, e tem havido, nas duas Câmaras do Congresso, oficiais do nosso Exército que professam ativamente a política de um modo mais ou menos brilhante. Habilitados assim com o tirocinio e a experiência de homens de Estado, nada se oporia a que ocupassem a direção do Governo, onde entrariam, até a certos respeitos, com vantagens sobre nós outros, pelo conhecimento mais direto de um serviço, a cuja perfeição está ligado um dos maiores interesses da nação.

ram atirar Rui contra as forças armadas, quando o seu pensamento é tão claro, aceitando candidaturas de militares, vendo nêles o cidadão, e só lhes obstruindo o caminho quando impedidos por determinados preceitos legais.

O Exército nas lutas políticas através 77 anos de regimen republicano o que tem afirmado é o seu espirito democrático e o seu zelo na manutenção da ordem interna e no respeito às instituições; e vale observar que, durante tão longo periodo, enquanto onze civis ocuparam a curul presidencial, do seu seio apenas cinco militares tiveram as rédeas do poder.

Isto vem provar que no seio das forças armadas não viça a politica no sentido da ocupação desse posto de direção, e o que sempre se manifesta é o respeito que êle tem votado as instituições, mas vigilante e zeloso da unidade nacional nos momentos precisos é voz que se faz ouvir implantando a ordem e harmonia no mundo das competições, ou fazendo clareira e mostrando aos responsáveis o êrro que cometem, esquecidos dos seus compromissos para com o povo.

Leiam os deturpadores, que apenas falam de outiva, sem a lastração necessária e tão indispensável às afirmações de uma critica honesta, leiam os deturpadores e os periodiqueiros apresados as páginas do eminente e genial brasileiro, e se assim procederem, saindo do campo de suas artimanhas e contradições ideológicas, logo verão as diretrizes do pensamento do jurista e do homem público, sempre nos rumos da ordem e do direito, da democracia e do respeito aos valores históricos, revelando sempre a sua coerência e o seu destemor cívico, jamais trocadilhista, jamais negado nas suas obras.

Mas é comum entre remanescentes de um mundo que a revolução surgiu para destruir, tendo em vista a ordem, a decência e a verdade, nas afirmações de uma imprensa habituada aos desmandos de linguagem e precipitações de juizos, ainda hoje, burlando a barreira de uma vigilante censura, lançar apôdos aos homens de honra e que saíram à rua armados para por abaixo a irresponsabilidade governante.

Caxias, o Duque de Caxias, o Condestável do Império, o Marechal, o estrategista, cuja presença no campo da luta, chefiando as forças em operação, pusera quase fim a guerra encarniçada de Lopes, voltando, após tantos triunfos, provas de intrepidez e despreendimento, entrando na política, chefiando então o Gabinete — como primeiro Ministro, que era o Presidente do Conselho, foi um exemplo de moderação e energia, sustentando a ordem, abafando com o seu esclarecido patriotismo as divergências feitas de vozerio inquietante, pois, como nos mostra a análise segura dos fatos, apenas visavam crear um ambiente de reações intempestivas, perturbando a marcha do país e lançando sementes desagregadoras.

Foi, assim, a manifestação de um estadista com a visão segura dos acontecimentos, e porque sem ódios e sem paixões, capaz e à altura daquele momento, e por isto previdente e justiceiro, e assim também pacificador de contendas aguerridas, mas estêreis, um espírito cauteloso e profundo, tendo em vista a segurança nacional.

Militar, mas sempre possuidor de espírito público, as suas proclamações revelam a firmeza de suas convicções e expressam a clareza de seu espírito, sempre conhecedor dos meandros e ardis da política objetiva, e, assim, em Minas, no Rio Grande do Sul, no Maranhão, no Pará, focos de agitação, dando provas de energia e destemor, também, logo se manifestava o seu espírito moderador, pacificando os ânimos, mas vigilante e ativo nas medidas consolidadoras da paz e da ordem, e assim também revelando a sua tática sem rodeios, nem recuos.

Estou com a revolução, e creio que dela se me não pode banir, pois também estou certo — ela ainda não terminou.

Saida à rua nos braços do povo, entre preces e hinos, prova dos anseios e da confiança pública, ela — reflexo dos mais patrióticos sentimentos, ainda aí está, não somente nas diretrizes da minha honesta palavra de patriota vigilante e sincero, mas na atenção carinhosa e amiga dos que me ouvem, e também, principalmente, na elegância e firmeza dos bravos militares, vanguardeiros batalhadores do 28 Batalhão de Caçadores e das demais unidades aqui representadas.

Triunfante sem luta, gloriosa sem efusão de sangue — a revolução, assim vitoriosa, tem procurado ser fiel no respeito ao espírito de fraternidade, e humana e cristã, sem subterfúgios sem ódios, o que tem feito é agir dentro numa ponderação de passos às vêzes bem generosos, mas esta atitude ao contrário de despertar nos espíritos desabusados e tão soltos de ontem uma atitude reveladora de compreensão, nêles se mostra, através das interpretações maldosas e das deturpações dos fatos, que são as distorções dos noticiários, como fogo de monturo, a ânsia incontida de uma reviravolta.

Discurseiros de ontem e periodiqueiros andam a tecer a trama das intrigas, confundindo os que vigilantes zelam pela segurança e pela ordem.

Fazem o trabalho de sapa através do terrorismo e dos atentados, e ainda agora em S. Paulo vítima de uma tentativa acabada de ser uma acadêmica, espírito que colaborando no sentido da implantação da ordem democrática é banido pelos encapuzados e o corpo tiroteado.

Mas o Exército glorioso de Caxias, Caxias que numa de suas proclamações dirigida aos maranhenses dizia **ser mais militar que político**, e que por isto não tomava conhecimento das paixões e nem de partidos, aí está firme e zeloso no cumprimento dos deveres, seguindo os passos do seu patrono, tão bravo nos campos da peleja como sereno e pacificador após a luta, mas sempre atento e leal no serviço damanutenção da ordem.

A revolução, não as sedições, as masorcas, os levantes da indisciplina — é na opinião de Silvío Roméro, pensador e sociólogo, um dos processos indispensáveis à marcha das nações.

Mas, acrescento eu, quando ela se ajusta aos anseios da massa esclarecida, e não se faz joguete de paixões e interesses impatrióticos como aquela outra que se tentava fazer.

* * *

Há a imprensa boa, como há a imprensa má.

A imprensa, a verdadeira, essa pela qual nos batemos, não é a que se faz mercenária e vulgar nos seus propósitos, mas a que

se integra e reflete os verdadeiros anseios de uma coletividade, fortalecendo os que se batem pela realização dos nobres ideais humanos, pugnando, não apenas com denôdo, mas com probidade, numa revelação de equidade e de justiça, animando os contemporâneos, criticando com independência, mas serena e reta e invulnerável aos arreganhos das paixões grosseiras e impatrióticas.

Essa, a imprensa má, a que se mostra nos arreganhos da fácil leviandade, desviada do rumo certo, ao contrário de bem servir e despertar simpatia, se desmanda, se chafurda no lodo das transações condenáveis, desestimulando os capazes, cavando um abismo de malquerenças, fonte de separação entre classes, de luta entre irmãos, e assim desagrega os povos, solapando a unidade política que é o fundamento da grandeza das nações.

Jornalista fui, e continuo, e militante da imprensa aqui, em S. Paulo, no Rio, e também na Bahia, nos meus tempos de estudante, assim posso falar. Mas espero que a imprensa sergipana, compenetrada de sua missão e honrando as tradições de nossa terra, prossiga, mas prestando, cada vez mais, melhor colaboração dentro no espírito que nos congrega, e que é o de servir ao Brasil, acompanhando a ação patriótica das forças armadas.

O Exército de Caxias, o Exército Brasileiro, unido e vigilante no caminho do dever, e que não é somente uma barreira contra as investidas de invasores truculentos, e nem apenas homens em armas, mas composto de soldados disciplinados, esclarecidos, e guiados por uma elite de oficiais que nos seus quadros se destacam como homens de cultura, estudiosos dos problemas nacionais e assim à altura dos compromissos para com a nação, dentro na missão que desempenham, aí está no seu posto de honra.

Soldados da Independência, Soldados da campanha Cisplatina, soldados de Lomas valentinas, de Curapaití, de Tororó, de Curuzú, soldados de Avaí, soldados de Caxias, implantador da ordem e sustentáculo da unidade territorial do país, soldados de Deodoro, que vos batestes por uma mais ampla democracia e proclamastes a República, soldados gloriosos da expedição brasileira à última guerra mundial...

Eu, que vos vi chegar, voltando dos campos de batalha, da sangrenta peleja pelos montes e vales da Europa, insofridos na

ânsia de ver os lares, sequiosos dos beijos maternos e do carinho das espôsas que aqui deixastes, e dos filhos que, saudosos, sonhavam e se consumiam nas esperanças e desesperanças de rever de novo os pais, eu, que vos vi na chegada gloriosa, garbosos, felizes pela vitória e pelo retôrno à terra Pátria, aqui estou agora, e não choro, como então chorava de emoção, emoção que era entusiasmo pelo brilho de vossa conduta e grandeza do vosso sacrifício, quero, antes de descer desta tribuna, para onde vim trazido pela confiança dos vossos chefes, bendizer o vosso heroísmo e dizer que ainda e sempre confio em vós.

* * *

Mas agora, bravos soldados, ouço um sussurro de vozes, ouço. E bem perto, doces vozes de anjos, que são almas de heróis, vanguardeiros, como vós, dos destinos da raça, e, com êles, uma multidão inumerável de almas ardentes que se abraçam e se confundem na mesma eclosão cívica e de entusiasmo rejuvenescedor, e eu que tantas vêzes estive ao vosso lado, sentindo as vossas ânsias, e ouvindo o bater dos vossos corações no meio das refregas e os vossos passos na calada da noite, ou dentro nos dias claros, ou em meio da neblina, subindo pelos socalcos das escarpadas montanhas, andando sôbre a neve, mas sentindo sempre o calor do ideal e a lembrança da Pátria, também com êles canto: um hino a vossa fé. —

* * *

Homens, ó vós que sois a fúria, a tempestade
sagrada, que de ideais de justiça e de fé,
Olhai: em tórno a vós, risonha a Liberdade,
Como luz se projeta! a Visão da Verdade,
A vossa frente beija, afastando a maldade,
Dando alma ao calor que assim vos põe de pé.

* * *

Homens, ó vós que sois a bandeira da Glória,
Pavilhão do BRASIL, drapejando nos céus,
Olhai: Morrer na luta é penetrar na história,
Porque se é pelo Bem que se combate, os véus
Se descerram, e o Senhor, estimando a vitória,
Ressuscita os heróis, abrindo os mausoléus.

Discurso proferido por JOSÉ COUTO FARIA, no Hospital de Cirurgia, quando os Diretores daquêlê nosocômio e o corpo médico, em solene festa, lhe prestaram uma merecida homenagem, lembrando os extraordinários serviços por êle prestados, durante alguns anos, como tesoureiro dedicado, o que todos reconheciam.

Quiz a Divina Providência conceder-me, no último quartel da minha vida, favores ou graças especiais, sujeitando-me, também a uma próva árdua para as minhas fôrças.

Permitiu-me que, depois de 53 anos de permanência ininterrupta no Brasil, eu pudêsse conhecer a nobre terra portuguesa, onde nasci. Pude sentir-lhe o pulsar vivo e forte do resurgimento que, desde o Estado Novo, transformou um país em decadência numa Nação que re-encontrou os caminhos da fé nos seus próprios destinos, os do progresso e os da civilização, que tantos e tão assinalados serviços lhe deve.

Para culminar esta graça, tive a honra, a poucos concedida, de ser recebido pelo Sr. Presidente do Conselho, Salazar, o Homem que, há quase um quarto de século, dedica 16 horas em cada dia a criar uma nova consciência nacional, elevando Portugal a um conceito, que só os asséclas de Moscow fingem não ver.

Esta foi, Senhoras e Senhores, a maior graça que me foi outorgada no último quartel da minha vida.

* * *

Mas o Senhor havia me reservado também uma próva difícil, embora seja altamente honrosa para mim.

É a de estar agora perante Vós, recebendo uma homenagem que, em consciência, julgo não merecer; e que a minha sensibilidade de quase septuagenário não sei como suportará...

Os diretores do Cirurgia, agindo mais como amigos do que como julgadores dos serviços por mim prestados à instituição, seguiram indubitavelmente ditames dos seus próprios Corações...

Eu li, há pouco, numa das magistras Conferências do Dr. Oliveira Salazar, o seguinte:

“O trabalho, todo o trabalho tem a mesma nobreza e a mesma dignidade, quando é contribuição proporcional às faculdades de cada um, para a coletividade a que pertence.

Mas, sendo igualmente digno, sob o ponto de vista humano, não tem o mesmo valor sob o ponto de vista económico e social, têm utilidades diferentes, têm rendimentos diversos e, por isso, não pode ter igual remuneração”.

Ora, se nesta casa há dois retratos de Gracho Cardoso e Augusto Leite, únicos dignos de tal **remuneração**, pela **utilidade** e **rendimento** do seu trabalho, como dar galardão idêntico, igual **remuneração**, a quem haja, porventura, prestado alguns serviços, mas, sem dúvida, de **utilidade** e **rendimento** muito inferiores?

Assim, Senhoras e Senhores, eu recebo esta homenagem e curvo-me penhorado a todos aqueles que a promoveram e nela tomaram parte, mas, com a mão na consciência, declaro não me julgar merecedor de prêmio tão alto.

* * *

É praxe que diga quem se vê na minha posição, quaisquer palavras do seu sentir. Mas, que palavras direi eu depois que falarem Lauro Hora, Juliano e Augusto Leite?

Discurso, podeis estar descansados, não farei. Darei, se puder, uma espécie de depoimento sobre algumas coisas da minha alçada, nos dois períodos de 6 anos cada um, em que servi ao Cirurgia.

Lanço para o passado os olhos do coração e o que vejo? Foi lá pelos idos de 1926 que Augusto Leite conseguia tornar realidade o seu velho sonho de muitos anos! O operoso Presidente

Gracho Cardoso, cujo nome a História guardará, esposara a idea de se criar em Sergipe o "meio cirúrgico", chamando o Govêrno do Estado a si o onus da construção d'um Hospital digno d'esse nome.

E assim, numa bela manhã de sol radioso, no grande salão de festas que, nessa época, Aracaju, possuia, uma assistência dos notáveis da cidade aguardava o ato solene da instalação oficial do que passou a chamar-se singelamente "**HOSPITAL DE CIRURGIA**".

Augusto Leite passava rápido de grupo em grupo, dizendo a cada um aquelas palavras amáveis, que são um seu segredo. Estava visivelmente contente. E, quando, certa vez, se acercou do saudoso Lauro Sampaio e de mim, que estávamos juntos, disse-nos, com aquela autoridade que nenhum dos seus amigos jamais se atreveu a contestar:

"Você Lauro, será o Secretário e Você Faria, o tesoureiro".

Antes de podermos articular uma palavra sequer de escusa ou desculpas, lá seguia êle, rápido, a mão esquerda cheia de papéis, a falar com o seu maior e melhor colaborador, o Presidente Gracho.

Discursou êste, discursou Augusto Leite e, assim, nasceu juridicamente o "Cirurgia".

Depois foram as bênçãos da Igreja, lançadas pelas mãos santas de D. José Tomás, o nosso queridíssimo primeiro Bispo.

Tão fortes foram essas bênçãos que o Cirurgia já atravessou 5 lustros; sofreu vendavais e turfões, viu de perto fomes e sêdes, mas, a despeito de tudo e contra tudo, começou a crescer, a subir, hoje uma coisa, amanhã outra melhorando, aumentando, em marê montante de serviços ou obras novas e benefícios cada vez maiores.

Em seguida a dialética poderosa de Augusto e o auxilio valioso de Paulo Melo, conseguiram o primeiro anexo — A Maternidade, que tem o nome do doador —

FRANCINO MELO

Diga-se, por ser verdade, que a mudança de fortuna deste Sergipano, o impediu de completar a sua obra. Fê-lo o próprio Cirurgia, quando pôde.

* * *

Depois, noutra bonito domingo, fêz-se a festa da **pétala de rosa**. Automóveis particulares, guiados pelos próprios donos, cheios de môças das melhores famílias da cidade, iam, obedecendo a um roteiro previamente feito — cada carro no seu setor de casa em casa, pedir donativos para se iniciar a construção do Hospital Infantil. Não havia limite, cada um dava quanto queria. Deram ricos, deram remediados, deram pobres, deram todos; e ao meio dia desse lindo domingo, a comissão recebia uma dezena e meia de contos de réis, o que, naquela época, era uma prova inconcussa da generosidade do nosso bom povo e do prestígio de Augusto Leite.

Com esse dinheiro fizeram-se os alicerces e o primeiro metro de paredes do magestoso

HOSPITAL INFANTIL.

Mais tarde o Interventor Eronides de Carvalho — discípulo e dos melhores do diretor, construiu o edificio. Mas, não pôde dotá-lo integralmente, como era seu desejo. A crise fustigava Sergipe. Foi, também, o Cirurgia quem o dotou do necessário para que José Machado e Lauro Porto e Juliano pudessem dar largas à abundância de coração que os caracteriza.

* * *

Neste meio tempo ou antes — já me não recordo bem — veio o aparelho Vitor de Raió X, o que havia de melhor na época.

Foi entregue à indiscutível competência daquele homem de cara fechada e alma grande, que se chama Lourival Bomfim.

Trabalha com êle meu velho amigo José Ribeiro, de quem direi adiante.

A seguir fêz-se o Necrotério, a Capelinha anexa e por aí além...

Nesta altura, já não havia dúvidas de que a Maternidade Francino Melo era insuficiente. Que faz Augusto Leite? Ele tem uma pasta misteriosa, onde há todos os bons projetos e desejos. Tirou d'ela o plano d'uma nova Maternidade, colada à primeira.

Sem dúvida uma lembrança magnífica, mas, como construí-la?

Onde buscar dinheiro? Mas, êsse tal dinheiro nunca faltou a homens de fé e grande força moral como êle.

O Serviço Nacional da Criança mandou um auxílio;

O Desembargador Dantas Martins sugeriu fôsse publicado em opúsculos um discurso que o Dr. Augusto proferira em 17 de outubro de 1943, no batimento da pedra inaugural da segunda Maternidade; que êsses opúsculos fossem enviados a todos os capazes de entender o alcance da obra, declarando-se seriam recebidas quaisquer quantias para ajudar a Construção.

Sabéis, Senhoras e Senhores, o que disso resultou? O espírito compreensivo do nosso povo deu a essa idéa, que nascera pequenina, sem grandes aspirações, um desenvolvimento de tal porte, que a todos admirou.

Desde os dez contos, enviados com uma linda carta por CANTIDIANO VIEIRA — violou, deliberadamente, o sigilo imposto por êste meu nobilíssimo Amigo — a quem peço público perdão por grafar-lhe aqui, contra sua expressa vontade, o nome venerando — até aos dez mil réis, recebidos de outros, tudo isso foi comum canto orfeônico onde se casam tôdas as vozes para um unissono total.

O Correio de Aracaju de 9/12/1944 publicava, precedido do parecer duma comissão julgadora das contas, composta de Torquato Fontes, Theodorico Montes e Gentil Tavares, a lista completa dos doadores e respectivas quantias, num total de 113.820.40, que foram entregues ao Diretor. *

(NOTA)

Entregue ao Dr. AUGUSTO LEITE — Diretor do Hospital de Cirurgia, a importância de 113.820,40 cruzeiros, numa reunião de quase todo o corpo médico do Hospital, logo depois, escreveu êle uma carta a JOÃO DANTAS E A JOSÉ COUTO FARIA, em que agradecia “com profunda emoção” aquela importância, concluindo a sua missiva com estas palavras: —

“De minha parte, meus caros amigos, bem podem avaliar a satisfação com que os felicito e os aperto num grande abraço agradecido ao encerrar-se, hoje, diante do corpo médico do Hospital de Cirurgia, a inovidável campanha de que você Faria, e você João Dantas, foram os grandes e felizes patronos”.

Aj., 9 de dezembro de 1944.

* * *

Eu já devia ter parado há muito êste depoimento, mas, como esta é, de certo, a última vez que nos encontraremos, peço me sejam concedidos mais uns minutos para terminar.

Quero deixar aqui a expressão da minha saudade para os companheiros com quem trabalhei. Lembro-me d'uma figura de alta linhagem, alemã de origem, a irmã Ursula, a nossa primeira diretora, a quem todos respeitavam e admiravam, ninguém sabendo ao certo se ela era uma princeza ou uma santa, tal a sua distinção...

Lembro-me da Irmã Clara, a quem muito quero e admiro pelo seu espirito disciplinador e pelo seu amor ao trabalho. Ela é, no meu pensar, uma das colunas mestras d'esta casa.

Não posso esquecer a boa Jolenta e nunca olvidarei a unção e o fervor com que a vi rezando junto ao leito de pessoa minha, muito querida, que fôra operada momentos antes.

Que direi do insubstituível José Ribeiro? que é outro esteio onde se apoia o Cirurgia?

Todos o sabem, todos o dizem, todos lhe querem bem.

Recordo a Dafrosa, minha auxiliar de tesouraria, sempre paciente, cheia de boa vontade.

Não esqueço a irmã Melania, inteligência viva, grande trabalhadora; vejo ainda, na minha memória já obscurecida pela idade, outras figuras, cujos nomes me escapam.

Deixei para o fim d'êste Capítulo os nomes dos bons companheiros Oscar Nascimento e João Carneiro de Melo, a quem Deus haja nos Seu seio.

Antes de acabar, queria referir-me aqui ao que talvez se chame "pequenos fatos".

Há entre êles uns de sabor especial para os protagonistas. Vou narrar um, apenas. Chamar-lhe-emos o "Completar a quadra".

Quando se comprou o terreno para edificar o Hospital, ficaram ao norte e a leste uns trechos por adquirir. Faltou talvez o dinheiro, mas isso veio a ter conseqüências difíceis de reparar: particulares construíram nesses trechos algumas casas. Para desalojá-los houve de tudo: um barbeiro sabido, que encaram as coisas assim: — O Cirurgia era rico, êle era pobre; não se importam de vender a casinha, mas queria comprar outra melhor, com o produto da venda... Outro proprietário, homem de muitos haveres, boa pessoa que é, tinha lá uma casa, também; admirava o Cirurgia, admirava ainda mais o Dr. Augusto, mas a casa rendia-lhe X mensalmente, valendo por conseqüência, uns tantos XX. Concordou, afinal, em vendê-la em pagamentos mensais e levamos meses e meses a pagar notas promissórias.

Mas, em contraposição a êstes quadros um tanto escuros, houve um que vale realçado pela beleza do gesto. Um homem pobre, pequeno funcionário do Serviço de Águas e Esgotos, tinha nessa faixa uma casinha. Com êle pertencia à legião dos beneficiados por Augusto Leite. **fêz questão fechada de doar ao Cirurgia o seu bem, nada receber.**

A nobreza desta atitude, por si só, vale para compensar quaisquer esforços, porventura dispendidos na aquisição da "quadra".

Este homem — que o seu nome e o seu exemplo se não percam — chama-se José Freire da Silva e é chamado simplesmente Zéca.

* * *

Algum tempo depois resolveu o Dr. Augusto fazer um rodízio entre a ala môça, Fernando, Benjamim, Clovis e outros. Fui, então, **aposentado com todos os vencimentos**...

Mais tarde mandou-me o Destino para outras terras. De lá acompanho com admiração e carinhoso interêsse o progresso sempre maior do Cirurgia. Ano passado estive aqui e quase não o reconheci. Dilatou-se-me o coração ao ver realizados sonhos que, no meu tempo, nunca pude realizar: a reforma do terraço do Infantil, a lavanderia elétrica, o ambulatório, isto sem falar nas obras novas, ainda não programadas até a minha saída.

Como tudo isto é grandioso, como devem estar contentes, lá onde estão, as almas de Gracho Cardoso, que colocou a primeira pedra e de D. José que a benzeu.

* * *

Quase ao fim d'êste despretencioso depoimento — quanto vos não terei eu fatigado! — queria fazer uma sugestão ou um pedido, como melhor vos parecer. Faço-o na minha condição de sergipano que entre vós viveu 49 anos, aqui fêz familia, convosco aprendeu, tendo convivido, estimado e admirado homens como Alfredo de Siqueira Montes, General Ivo do Prado, Desembargador Armindo Guaraná, Gumersindo Bessa, Manoel Mauricio Cardoso, Oscar Hora Prata, Abdias Bezerra e o querido Arthur Fortes. Com estas credenciais, julgo-me no direito de lembrar ao Conselho Deliberativo, à Assembléia Geral e ao Exmo. Sr. Governador do Estado (se isto lhe disser respeito) que façam pelos meios que a Lei indicar, a mudança da denominação **Hospital de Cirurgia**, imprópria, hoje, para o conjunto que à sua sombra se abriga, para

FUNDAÇÃO AUGUSTO LEITE

Praticar-se.á, no meu humilde parecer, dest'arte, não um favor, não um prêmio, mas um ato de irrefragável justiça aquele que creou a instituição e lhe tem dado tanto da sua vida, tornando-a cada vez maior, cada vez mais útil a Sergipe, a quem, numa palavra, "tantos devem tanto"...

REFOLHOS DA HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE UM DIÁRIO

S. Lourenço Fev. 64

ARIVALDO PRATA

Anotei, dias atrás, que a necessidade de reservar um determinado tempo para conversa, era imperiosa numa estação de águas.

Nem sempre, porém, a "conversa d'águas" é uma conversa agradável, sobretudo para mim que me reconheço um mau conversador.

Todavia, há sem dúvida, nesta temporada, aqui em São Lourenço, "bons papos". Entre êstes, — e eu não me vou referir aos maus "papos", — está o mineiro manso, cauteloso e franco que é o Dr. Mauro Lôbo Martins, e sua Exma. espôsa D. Luizinha Martins, uma jovem avó que, como boa mineira, sabe juntar a elegância sóbria a uma atraente simplicidade de expressão.

Mineiros de quatro costados, êle, médico aposentado, segundo faz questão de declarar, já que se dedica à pecuária; ela, mineira "quatrocentona", descendente da antiga nobreza das alterózas, neta do Conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, ministro de sua Magestade Imperial D. Pedro II, em dois ou três gabinetes.

Foi ela quem me contou, com tôda a encantadora simplicidade mineira a origem de uma capelinha que lá está, placidamente asentada, num dos morros que circundam Caxambú, erigida em honra de Santa Izabel da Hungria.

E aqui vai a História.

Lá pelos idos de 1868, vivia, no Paço Imperial do Rio de Janeiro, um jovem casal feliz: — a Princesa Izabel e o Conde D'Eu, Gastão D'Orleans.

A felicidade, porém, fugidia como sempre, quando vem, nunca vem completa, nem mesmo para beneficiar um jovem casal, em pleno fulgôr da idade, gozando a magnificência da vida de um palácio imperial.

É que não havia filhos do casal e isso atormentava, sobretudo o espírito da Princesa.

Depois de se submeter, em vão, a tôdas as diétas impostas pelos médicos da côrte, a Princesa resolveu, a conselho de seu próprio marido, experimentar as águas já então miraculosas de uma fonte existente no longínquo arraial de Caxambú.

Lembrou-se Gastão D'Orleans que, em mais de um caso na família dos Orleans, só nascia um herdeiro, depois que o casal se refazia, na vilegiatura de uma estação de águas.

(Não atinei bem com a relação que poderia haver, entre uma "estação de águas" e a concepção de um filho, na augusta casa dos Orleans.)

Se, porém, na Europa, isso era fácil e até mesmo elegante, aqui, no Brasil de então, fazer uma estação de águas, era algo temerário, mais próprio de um bandeirante do que de uma Princesa Imperial.

A viagem era longa e sobremaneira incomoda. Teria ela de vir de trem até a Estação de Boa Vista, (hoje denominada Eng.º Passos) e daí até Caxambú, em liteira, num estirão de mais de 150 quilômetros, por estradas difíceis, caminhos invios, subindo e descendo serras, através de desfiladeiros vertiginosos em dois ou três dias de jornada exaustiva.

Nada disso, porém, arrefeceu o ânimo da Princesa, disposta a enfrentar tôdas as vicissitudes em busca da realização daquilo que ela considerava um milagre: — o milagre de ter um filho.

Lá um dia, partiu o casal nobre de São Cristóvão, acompanhado dos seus mais fiéis servidores e algumas mucamas dedicadas.

Do que teria sido a viagem, não há notícias, mas a verdade, é que a caravana alcançou, a duras penas, o arraial de Caxambú e a sua fonte milagrosa.

Foi, então que Dona Izabel, numa prece contrita, fêz a promessa de erigir ali, uma capela em honra de Santa Izabel da Hungria, a quem ela própria fôra consagrada ao nascer; se o uso daquelas águas lhe desse o filho almejado.

E o seu pedido foi atendido.

Pouco tempo depois, no Paço de São Cristóvão, nascia Pedro, Príncipe do Grão Pará, primeiro filho do casal, então totalmente feliz.

Tudo indica, porém, que a Princesa, embora se considerasse boa católica, se descuidou do cumprimento da sua promessa, pois, só em 1889, 2 anos depois, começou a ser construída a capelinha.

Talvez os negócios do Estado, a frente dos quais, ela esteve muitas vèzes ou a alegria da sua maternidade repetida, o certo é que ela não se apressou em saldar o seu compromisso com Santa Izabel.

Afinal, em princípios de 1889, a Princesa entregou o projeto e a construção, aos cuidados do Dr. Cristiano Ribeiro da Luz, então jovem engenheiro da cõrte, recém diplomado na Europa, filho do Ministro de Estado, Joaquim Delfino.

Ainda assim a construção se arrastou por muitos meses e Novembro, o fatídico novembro de 1889 chegou, encontrando-a pouco acima dos alicerces.

A êsse tempo, o Trono estremecia ante o escarcéo da campanha republicana, na plenitude da sua força contra o gabinete Ouro Preto.

A 15 de Novembro, Deodoro proclama a República no Campo de Sant'Ana e tãda a família Imperial a Princesa Izabel inclusive, foi transportada para a canhoneira Parnahyba a caminho do exílio.

E fácil imaginar a confusão, a angustiosa expectativa da família Imperial, ali reunida no convéz acanhado da Parnahyba, nos dias que se seguiram ao golpe. Na iminência da viagem que os levaria para o exílio, mil providências deveriam ser tomadas, se possíveis, num regimem revolucionário que lhe era tão adverso.

Acima de tudo, porém, subsistia no espírito religioso da Princesa, a angústia de não poder terminar as obras da Capelinha de Santa Izabel, em Caxambú, cumprindo assim, uma promessa feita também numa hora difícil em que estava em jôgo a continuidade da sua casa real.

Nenhuma providência parecia, à primeira vista, possível ao casal para deixar garantidas as obras da Capelinha. Foi, então, que o Conde D'Eu lembrou-se de seu velho amigo e servidor leal, o Conselheiro Joaquim Delfino, o mesmo Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, avô de Dona Luizinha Martins.

E, a 17 de Novembro de 1889, dois dias depois da Proclamação da República, preso na canhoneira Parnahyba, o Conde escrevia a seu amigo a carta que se segue, em fotocópia cujo original é guardado com o carinho que merece uma reliquia, pelos netos do seu destinatário, casal Mauro Martins.

EXMO. SR. CONS.^{ro} JOAQUIM DELFINO,

Tendo de retirar-me, bem apesar meu, dêste país, não quero deixar de mais uma vez, recomendar à sua proteção, em nome da Princesa e no meu, a conclusão das obras da Capella de Santa Izabel da Hungria no arraial de Caxambú, município de Baependy.

Esta obra pia projetada desde o seu começo pela Princesa, teve certo impulso, principalmente devido aos esforços de V. Exa. e de seu illustre filho e destinto engenheiro Dr. Christiano Ribeiro da Luz.

Seria para nós grande satisfação saber que não fica ela abandonada mas marcha para sua conclusão.

Confiado, pois, no espírito religioso de V. Exa. e de seu digno filho e nos sentimentos de amizade que nos tem mostrado posso esperar que mais uma vez tomarão em mãos êste piedoso empreendimento.

Aproveito com prazer esta oportunidade para reiterar-lhe a expressão de meus sentimentos de particular consideração e estima.

GASTÃO DE ORLEANS

Bordo da Canhoneira Parnaryba

Rio de Janeiro, 17 de Novembro de 1889

É assombrosa, sem dúvida, a tranquilidade, pouco provável aliás, que o Conde demonstra nesta carta, escrita dois dias depois do golpe que derrubou o trono. Não há nela nenhum vislumbre de revolta ou mesmo de queixa. Diz, simplesmente, que “a seu grande pesar” teria de se retirar d’este país.

É mais provável que o Conde tenha se expressado, cautelosamente, prevendo uma sensura que, certamente se fêz sentir, já que seu propósito era fazer com que a carta chegasse ao seu destino, para sossego da Princeza.

O Conselheiro Delfino, fiel às suas convicções monárquicas, apressou-se a terminar, às suas expensas a Capelinha. E foi assim, graças a sua dedicação que a Princeza Izabel, cumpriu a sua promessa.

A VIDA DE UM PINTOR

OSÉAS DOS SANTOS (*)

Nasci na cidade de Maroim, na então Província de Sergipe, no ano de 1865, em 11 de maio. Meus pais: Manoel José dos Santos e Margarida Rosa da Vitória dos Santos.

Desde muito criança tive uma grande inclinação para a arte da pintura e o meu maior prazer era copiar a lápis as figuras que me caíam nas mãos. Na escola fazia o meu **negócio**, desenhando para os colegas figurinhas de animais, paisagens e escritas de férias, a lápis de cores, por todo o preço, a partir de 100 réis. Isso desagradava o mestre intolerante que dizia: "Com as suas garatujas esquece de estudar as lições", e às vezes castigava-me e queixava-se a meu pai.

Meu pai era guarda-livros da importante casa alemã — Scharame Staat & Cia.. Homem bastante inteligente, não era indiferente à minha vocação irresistível e lamentava que eu não tivesse um mestre.

Por essa ocasião, havia em Maroim, um velho pintor, muito mediocre e que pintava quadros sacros. Muito egoísta, não ensinava a ninguém. Por muita consideração a meu pai, prometeu dar-me duas aulas por semana. Fiquei bastante contente e compareci à primeira aula com meu papel, lápis "Faber" e goma elástica. O mestre, pôs diante dos meus olhos o original para que eu copiasse a litografia: olhos, nariz, boca e orelhas. Copiei tão rapidamente a 1.^a lição que o mestre Joaquim, assim se chamava êle, ficou bastante intrigado! Compareci à 2.^a lição. Deu-me a copiar uma meia carinha de perfil, também litografada. Copiei ligeiro e o mestre não teve o que corrigir. Compareci para

(*) Autobiografia inacabada, completada com notas de sua filha Prof.^a Isaura dos Santos.

a 3.ª lição e encontrei o mestre indisposto; o almoço tinha lhe trazido umas dores de estômago. . . Voltando para a 4.ª aula, o mestre negou-se a atender-me: "vivia adoentado, já não tinha paciência para ensinar" e aconselhou-me a ir para a Bahia, onde havia bons mestres.

Meu pai nada pôde fazer no momento e aguardou uma oportunidade.

* * *

Tendo de seguir para Hamburgo um dos chefes de meu pai, o sr. Adolpho Lauu, casado com a nossa conterrânea, D. Maria, muito amiga de minha mãe propôs a meu pai levar-me consigo, para que eu estudasse a pintura naquele grande centro. Meu pai exultou com o oferecimento de seu chefe. Minha mãe opôs-se terminantemente. Não queria separar-se do filho para pais tão longe do Brasil.

Perdi essa oportunidade; tinha meus 10 anos de idade.

Uma esperança malograda!

Era meu padrinho de crisma o Cel. José de Faro Rollemberg, abastado usineiro, chefe do Partido Liberal, na zona do Cotinguiba. Muito amigo de meu pai que exercia no Partido o cargo de secretário, prometeu interessar-se por mim e obter do Governo da Província uma subvenção, que me permitisse estudar na Europa, como concedeu a Horácio Hora, pintor sergipano, filho de Laranjeiras.

Ficou então combinado irem a Aracaju, o meu padrinho e o meu pai, levando-me em sua companhia, a fim de entenderem-se com o Presidente da Assembléa Provincial, o Cônego. . . (não me recordo do nome), vigário de Estância.

Chegando a Aracaju, fomos avistar-nos com o Sr. Cônego no Hotel Brasil, onde estava hospedado. O Cel. José Faro, meu padrinho, expôs o motivo daquela visita: o pedido à Assembléa para obtenção de um auxílio que permitisse a seu afilhado estudar a pintura na Europa, pois tratava-se de uma forte e verdadeira vocação. Respondendo ao apêlo, ponderou o Cônego que muito sentia não poder satisfazer ao pedido, em vista do mau estado financeiro da Província, entretanto, prometia satisfazer o justo

anseio do afilhado, logo que melhores rendas fôsem arrecadadas com a melhoria de boas safras futuras...

No ano seguinte, **caiu** o Partido Liberal e tomou conta do **Govêrno** o Conservador. Perdidas as esperanças, fiquei a espera de outra oportunidade, continuando a minha faina de desenhar sem mestre.

* * *

Certa vez, entendi de desenhar o retrato de meu pai, a lápis, sôbre uma fôlha de papelão alvo. Fui de rara felicidade e tão parecido ficou, que meu pai não ocultando o seu entusiasmo, mostrava aos vizinhos e amigos a "obra prima".

Daquela data em diante, tornou-se cada vez maior o desejo de meu pai mandar-me para a Bahia, a fim de matricular-me na Academia de Belas Artes, instituição particular, fundada em 1877 sob a direção do pintor espanhol Navarro Y Canizares (seu fundador).

Para custear as despesas com a minha viagem, meu pai, fêz um empréstimo com a Sociedade de Beneficência Nossa Senhora da Boa Hora e cheguei à Bahia, pelo vapor Príncipe de Grão Pará no dia 30 de novembro de 1879. Estava de férias a Academia de Belas Artes e tive de esperar o mês de fevereiro para matricular-me (1880).

A mesada que meu pai me enviava e que eu recebia pela casa Scharamé Staat & Cia. era de 50\$000 (cinquenta mil réis) que naquela época dava bem para as minhas despesas.

Era o meu correspondente e com quem eu morava o negociante de fazendas e obras feitas, José Tabira, conterrâneo, amigo de meu pai. Homem de poucas letras, quase analfabeto, não podia compreender o sacrifício do amigo mandando-me para a Bahia "para aprender a fazer garatujas", conforme classificava êle o desenho. Aconselhava-me sempre a estudar para farmacêutico, que seria de grande futuro. Eu o ouvia e continuava no mesmo grande anseio de me ver numa Escola de Pintura! Houve porém um conselho do meu correspondente, no qual não podia deixar de atender. Para não ficar dois meses sem ocupação, induziu-me, o José Tabira, a entrar para uma oficina de relojoeiro, como apren-

diz. Entrei para a relojoaria "Decumon", de Cristino Estebler, na rua Grades de Ferro. Francês malcriado, grosseiro, beberrão, tratava os aprendizes como se fôsem seus servos. Assim mesmo, suportei mais de um mês o tal francês e levei alguns dias aguardando a época de matricular-me, o que se verificou a 4 de fevereiro de 1880.

Realização dos meus desejos

Foi um dos maiores prazeres da minha vida quando munido de papel, lápis e goma-elástica, vi-me sentado na sala de aula, na residência do Prof. Canizares, entre colegas, para receber a primeira lição! A Academia de Belas Artes funcionava primeiramente na residência do Prof. Canizares enquanto estivesse sendo remodelado o velho prédio da rua do Tijolo, cujas obras estavam sob a direção do Engenheiro Allione, um dos fundadores da Academia e o seu tesoureiro e professor.

A minha primeira lição constou de uma série de olhos, narizes, bocas e orelhas, tendo como modelo uma litografia de Julien. Executei tão bem e tão rapidamente a cópia, que o mestre ficou satisfeito. Continuei sempre executando boas cópias até que certo dia o Canizares perguntou-me: "Você nunca aprendeu o desenho? nunca teve professor"? Respondi-lhe que não e ele duvidou. Foi preciso que meu irmão, que trabalhava no comércio, a meu pedido, com mais três conterrâneos nossos, fôsse à casa do mestre dar testemunho do que eu afirmara. Só assim, o desconfiado mestre acreditou fazendo então grandes elogios ao meu trabalho e talento augurando um belo futuro se eu continuasse com o mesmo gosto e inclinação.

Na mesma semana que matriculei-me na Academia, matriculou-se o Agripiniano de Barros, filho do interior de Pernambuco, de gênio reservado, desconfiado, mas revelando grande inteligência. Travamos relações, éramos dois provincianos, por isso mesmo, ficamos amigos durando a nossa amizade até o dia em que morreu tão distinto amigo.

Meu primeiro sucesso

No mês de junho de 1880 fêz-se a mudança da Academia para a nova sede, à rua do Tijolo, hoje rua 28 de setembro. Iniciou-se um concurso para a aquisição de premios em tôdas as séries.

Tomei afoitamente parte do concurso, concorrendo na 1.^a série com alunos de mais de um ano de aprendizagem. Consegui obter o maior prêmio da minha série (1.^a) — Menção Honrosa de 1.^a Classe, sendo o 1.^o classificado cabendo o 2.^o lugar ao meu colega Agripiniano de Barros. Isso começou um certo ciúme entre os colegas e em mim uma satisfação imensa. Escrevi a meu pai dando-lhe conhecimento do meu sucesso e recebi d'ele palavras de muita satisfação e conselhos paternos.

Daquela data em diante comecei a ser encarado por alguns dos meus colegas com simpatia e tive mesmo outros amigos além de Agripiniano. Não sendo eu de índole agressiva e seguindo sempre os conselhos do meu pai com referência ao tratamento que devia dispensar aos meus colegas, fui vencendo a má vontade de uns e conquistando a simpatia de outros. O Professor Canizares tinha por mim certa preferência e continuamente contava-me fatos referentes aos grandes artistas espanhóis que vieram do nada e tornaram-se célebres.

Havia grande animação entre os numerosos alunos e dentre tantos lembro-me de Vieira de Campos que aperfeiçoou-se na França, do crioulo Manoel Querino, de Enequino de Santana, de Olegário, filho de um pescador do Mar Grande, que morava com Canizares de quem recebia os favores e o ensino de desenho, do barulhento Colombo, filho de um genovês, de Barbosa, feio e bom, de Januário, verdadeiro abnegado, mas sem nenhum jeito para o desenho e cujas provas ao saírem-lhe das mãos eram encebadas de tanto elle esfregar a borracha, de Vera Cruz, um crioulo muito hábil e muitos outros. Manoel Lopes Rodrigues, filho do Prof. João Lopes Rodrigues, fundador também da Academia e Carlos da Costa Carvalho (sergipano) já eram na ocasião professores da Academia.

Comecei a trabalhar na 2.^a série do curso de desenho em julho de 1880, desenho com sombra, sendo crescente o meu entusiasmo e considerando-me o mais feliz dos mortais.

* * *

A distribuição dos premios ganhos no concurso ia ser feita com grande solenidade contando com a presença do Presidente

da Província, o Comandante das Armas, (hoje da Região) e o público, autoridades, etc.. Uma circunstância imprevista concorreu para maior brilho daquela solenidade. O maestro Carlos Gomes, que estava na Bahia para levar no Teatro São João as suas óperas, foi convidado pela Congregação da Academia para a solenidade e aceitando o convite e comparecendo, causando êste fato grande contentamento não só aos professôres como também aos alunos.

No dia marcado a Academia apresentava aspecto festivo, ornada de galhardetes, flôres e belas cortinas no salão nobre. A sessão foi presidida pelo Presidente da Província que tendo convidado o Maestro Carlos Gomes insistiu para que o mesmo presidisse o ato que foi gentilmente recusado, sentando-se o grande musicista ao lado do Presidente.

O salão superlotado impressionava e reinava um ambiente de grande curiosidade pelo desenrolar da solenidade.

O Presidente, Dr. Virgílio Clímaco Damásio, proferiu o discurso alusivo ao ato, agradecendo no final o comparecimento de Carlos Gomes que tão grande honra vinha conferir à Academia de Belas Artes da Bahia naquele momento. Em seguida o secretário, Austriquiliano Coelho, iniciou a chamada dos alunos premiados, que iam recebendo das mãos do grande Maestro Carlos Gomes os seus diplomas. Ao chamar o meu nome, senti grande abalo e com as pernas trêmulas encaminhei-me para a mesa e recebi o meu diploma das mãos de Carlos Gomes, cuja cabeleira e olhar penetrante ainda guardo na retina como guardo as suas palavras: "Coragem, trabalhe para ser um artista".

Encerrada a exposição dos trabalhos dos alunos, entramos em férias — novembro de 1880. Eu, para não perder tempo, passei a desenhar na residência do mestre Canizares que isso permitiu com prazer, a mim e a Vieira de Campos que já era aluno adiantado da 3.^a série. Depois, aproximando-se as festas de São João, já em 1881, comecei a sentir profunda saudade da minha terra, minha Maroim, onde as festas de São João culminavam em pompa e poesia indiscreíveis.

Percebendo a minha tristeza, o meu colega Olegário, convidou-me a ir passar o São João em casa de sua família, no Mar

Grande, Ilha de Itaparica. Foi realmente um lenitivo porque fui ali recebido com carinho e pude esquecer em parte a lembrança torturante das festas de Maroim. Quando regresssei á Capital, encontrei uma carta de meu pai, em que dizia a mim e ao meu irmão Gustavo, que não estava passando bem sentindo fortes dores no peito. Atribuimos sua doença ao excesso de trabalho.

Nesta mesma ocasião meu pai enviava-me a fotografia de seus dois chefes Otto Scharame e Adolphe Lann para que eu as copiasse a "crayon" e remetesse para serem oferecidas aos citados devendo a do Lann seguir para Hamburgo onde se encontrava. Executei com rara felicidade aquéles retratos, os quais foram elogiados, causando ao meu pai grande alegria conforme externou na carta seguinte.

Corria tudo muito bem. Eu progredia sempre e o gosto pela arte aumentava sempre. Infelizmente o meu contentamento e entusiasmo eram prenúncio de uma grande infelicidade. Eu não podia pressentir e jamais poderia pensar em tamanha catástrofe! A 21 de julho daquêle ano de 1881, meu pai sucumbia vitimado por uma lesão cardíaca, deixando a família em plena pobreza, tendo sómente uma casa onde residia. Eu, com as mãos cortadas, sem recursos para continuar os meus estudos tão alvissareiramente iniciados.

O Sr. Otto Scharame, encontrando-me na Bahia, quis que eu entrasse para uma oficina de litografia alemã. Êle faria as despesas com as recomendações necessárias. Não aceitei o oferecimento; a única idéia que me preocupava era ir para Maroim chorar com os meus a grande perda.

Quando fui participar ao Professor Canizares a grande desgraça e despedir-me, êle com os olhos rasos de lágrimas disse: "Não vá, fica na minha casa, onde não faltará cama e o que comer; arranjar-se-á alguns ganhos para te vestires". Não aceitei tão nobre e expontâneo oferecimento. Partí para Maroim.

Nova fase — vontade inquebrantável

Não precisa dizer o que foi o meu encontro com minha mãe e minhas irmãs! Lágrimas dolorosas e lamentos! Tristezas! Só tristeza!

Era preciso porém reagir. Passados alguns dias, restabelecida a possível calma em meu espírito, comecei a pensar no meu futuro e na situação precária em que ficou minha mãe, sem recursos capazes de manter-se com duas filhas menores. A firma Scharame Staat & Cia. dava-lhe uma pequena pensão e meu irmão, empregado no comércio da Bahia, enviava-lhe um pouco do que ganhava. Era preciso que eu procurasse agir e obter pela minha arte, incipiente, algum dinheiro para ajudar nas despesas. Tratei de arranjar encomendas de retratos a "crayon", fazendo-os baratos e outros desenhos que eu pudesse executar.

Aos sábados, ia para o balcão do armazém de um português que me pagava para auxiliar os dois outros caixeiros, pois aos sábados havia grande movimento por causa das feiras.

Minha mãe definhava e eu pressentia uma nova desgraça. Certo dia tive a idéia de ensaiar uma pintura a óleo, pintando umas frutas. Como tinha visto o mestre Canizares preparar as telas e as tintas, preparei uma pequena tela, arranjei no comércio algumas tintas em pó e sobre uma grossa fôlha de vidro tratei de reduzir as tintas em pó à massa necessária, moendo-as com uma pedra lisa e depois misturando a massa com óleo de linhaça. Os pincéis, arranjei-os com erina de cavalo e cano de penas de ganso. A palheta era perfeita! um marceneiro amigo a executou em cedro segundo o molde que desenhei. Preparando assim o meu material de pintura, arrumei geitosamente sobre a mesa umas bananas e outras frutas, colocando no ângulo da mesa um bom charuto, cuja fumaça subia em espiral, indicando estar aceso.

Empregando tôda a minha vontade de reproduzir o que tinha nos meus olhos comecei a pintura. Quando dei por terminado o quadro vi com satisfação que tinha produzido uma obra prima. Tive o atrevimento de mandar ao Sr. Otto Scharame o quadrinho, com uma cartinha, pedindo-lhe que o aceitasse, remunerando-me com o que quisesse. No mesmo dia, à tarde, recebi daquêlê cavaleiro um envelope fechado. Abri sôfrego o envelope e vi com surpresa que trazia uma bela nota de 100\$000 rs.!

Ainda não tinha até então, por um trabalho meu, recebido tanto dinheiro! Não fiquei vaidoso porém. Quando veio a calma compreendi que aquêlê senhor tinha sido generoso demais com

a minha obra, talvez não merecesse uma décima parte do que me foi enviado. Continuei animado os exercícios da pintura a óleo. Pintei um retrato do Vigário José Joaquim Vasconcelos que ainda existe na secretaria da Matriz de Maroim. Todos acham parecidíssimo.

Minha mãe, não podendo resistir a fraqueza que ia minando-lhe a saúde, sucumbiu e a 18 de junho de 1882 deixou de existir; um ano apenas viveu depois de meu pai...

(Aqui interrompeu Oséas dos Santos a sua autobiografia. Comovido, já doente e com pouca visão, não mais pôde escrever. Com os relatos do próprio pai, colhendo documentos e dados, a sua filha Isaura dos Santos (Pepita), em continuação, escreveu as notas seguintes.)

* * *

Notas sobre Oséas dos Santos escritas por sua filha Isaura dos Santos (Pepita)

Falecendo sua mãe, resolveu Oséas dos Santos correr cidades do interior de Sergipe e Alagoas, fazendo retratos e quadrinhos a óleo.

Voltando a Maroim, começou a namorar a filha do Maestro Jacinto Aprigio Caçador e de Rosa Margarida da Conceição Caçador, de nome Semíramis, sofrendo grande oposição por ser artista, o que na época não se dava valor.

De volta à Bahia para continuar os estudos na Academia de Belas Artes, empregou-se no comércio em uma loja de miudezas, ficando com o seu irmão Gustavo dos Santos, frequentando as aulas à noite. Aos sábados, como sabia tocar trombone de vara, pois seu pai organizara uma **bandinha** de música com os meninos filhos de amigos onde incluíra os seus dois filhos e tinha como maestro o músico Manoel Góes, com instrumentos vindos da Alemanha e oferecidos pela casa Scharame, Oséas ia ensaiar no Club Comercial da Bahia para os concertos que lá se realizavam pela

própria Filarmônica de Caixeiros composta de sócios do Club. E assim viveu até concluir o curso da Academia de Belas Artes, tendo feito todas as matérias do programa, até a 4.^a série.

Concluindo o curso e tendo o seu diploma, foi rever a sua terra natal e ver suas irmãs e amigos além da sua predileta Semiramis. Fixou residência em Maroim, ao lado de suas irmãs, em casa da mais velha, filha do primeiro matrimônio de sua mãe chamada Amélia Fortes da Conceição.

Procurou em Sergipe os meios de subsistência com a sua arte. E tendo já compromisso de casamento, fez novamente uma excursão pela Estância, Penedo, Recife e Maceió, executando retratos a "crayon" procurando conseguir o suficiente para a confecção do enxoval e a constituição do lar.

A 25 de setembro de 1887 casava-se, apoiado pelo tio da noiva e o seu irmão João Caçador, que vieram de Pernambuco assistir às núpcias na Matriz de Nossa Senhora da Boa Hora, em Maroim.

E seguir vivendo da sua arte, desenhando, pintando e ensinando em sua terra, o seu querido Sergipe.

Falecendo na Bahia o Professor e ex-discipulo da Academia de Belas Artes, Carlos da Costa Carvalho, também sergipano, foi convidado para ocupar o seu lugar, o grande pintor sergipano Horácio Hora, que se encontrava estudando na Europa. Já de malas arrumadas para viajar, Horácio é vitimado por uma pneumonia e falece ao fim de três dias em Paris.

A Congregação da Academia resolveu convidar outro sergipano e ex-aluno da Academia, Oséas dos Santos, que recebeu o seguinte telegrama: "Faleceu Costa Carvalho, aceita cadeira vaga?" Aceitando o convite vai Oséas a residir em Salvador, sua segunda terra, a que tinha também grande afeto. (1880)

Chegou à Bahia em 1890 trazendo sua esposa e a primeira filha, Isaura dos Santos (Pepita, nascida em 14 de julho de 1888, na rua da Igreja da Matriz em Maroim. Na Bahia nasceram Alcides dos Santos em 29 de junho de 1889 e Rosita dos Santos em 18 de agosto de 1890, hoje viúva de Pedro Jacob Werlang de quem teve três filhos: Rubem Raymundo dos Santos Werlang, empregado da Companhia Hidroelétrica do S. Francisco, casado com dois filhos — Estela Maria do Couto Werlang e José Rubem

de Couto Werlang. Mario dos Santos Werlang, despachante da Alfândega do Rio de Janeiro, casado com dois filhos — Tereza Cristina Pedreira da Silva Werlang e Nara Pereira da Silva Werlang e finalmente Pedro Hélio dos Santos Werlang, comerciante, viúvo.

Oséas embora trabalhando muito em Salvador nunca esquece a sua Maroim, o seu Sergipe e por ocasião das férias, em junho de 1892, foi rever a sua terra e nessa ocasião sua esposa deu-lhe mais uma filha, nascida em Maroim, que recebeu o nome de Michol dos Santos e que faleceu aos nove meses de idade. Em 1893 nasceu na Bahia o Gamaliel dos Santos, falecido aos 7 anos de idade. Oséas muito sofreu com êsses desaparecimentos e dizia que "o Deus de Bondade o livrasse de chorar mais uma perda de filho". Em 1942 viria a falecer o Alcides, com 53 anos, no Rio de Janeiro onde era empregado da Antártica.

Sua ação na Academia de Belas Artes

Lecionou e conviveu na Academia de Belas Artes durante 41 anos como professor, e mais 3 anos como aluno. Contando as interrupções havidas, totalizou uma convivência de 47 anos com a velha Academia e que muito honrou e amou.

Sabia toda a história da Academia, hoje Escola de Belas Artes, a quem deu todo o seu esforço, como ocorreu por ocasião dos Governos do Dr. José Marcelino de Souza que cortou a subvenção por economia e do Dr. Severino Vieira que alegou não existir verba. Renuidos os professores, José Alione (pai) propôs o fechamento da casa, porém por proposta de Oséas, os professores resolveram lecionar gratuitamente até que viesse um outro governo disposto a auxiliar a Academia. Assim procederam os professores: Dr. Braz do Amaral, Dr. Eduardo Dotto, Etelvina Soares, Oséas dos Santos, Agripiniano de Barros, Maria Pereira Caçador, depois viúva do Dr. Eduardo Dotto, Constância Lopes Rodrigues, Olavo Batista e Lourenço Conceição.

Conforme o histórico feito por Oséas, sobre a atual Escola de Belas Artes, foi grande o esforço empregado pelos professores para sustentarem a heróica Academia durante essa fase da sua

vida. Os documentos que relatam minuciosamente os acontecimentos serão copiados e entregues ao Instituto Histórico de Sergipe e aos sergipanos, alunos da Academia, para que conheçam a autêntica história.

Passados aquêles anos de luta, os professôres foram ludibriados por José Sinval Alioni, filho do velho José Alioni, o qual prometeu arranjar subvenções para a Academia caso os demais professôres concordassem na sua eleição para diretor. Já tendo sido nomeado professor de Arquitetura, por imposição do pai, conseguiu também ser eleito diretor.

A Academia possuía um patrimônio, em apólices, conhecido como "Legado Caminhoá" e que era destinado aos alunos da Academia, a fim de se aperfeiçoarem na Europa. O novel diretor, lançou mão dos juroz do "Legado" para seu gôzo próprio. Contando com a confiança do tesoureiro, retirou o nome da Escola das cadernetas de bancos, colocando-as em seu nome.

O velho Oséas, tendo desconfiado de que se estavam processando irregularidades, lançou-se em campo e descobriu tudo levando o fato ao conhecimento dos professôres. Sendo a Congregação da Escola, composta em sua maioria de professôres novos, amigos do diretor Alioni, recusou tomar conhecimento da denúncia apresentada e Alioni em represália, tramou a expulsão dos professôres antigos ainda vivos e que eram: Oséas dos Santos, Agripiniano de Barros, Etelvina Soares, Olavo Batista e Lourenço Conceição. Não conseguindo concretizar os seus intentos, o diretor propôs à Congregação, a aposentadoria dos velhos professôres. Alguns professôres novos não apoiaram a proposição porém a maioria votou a favor e a indignidade foi consumada.

Os professôres **aposentados** entraram em questão mas foi debalde. O advogado de Alioni era seu parente e da politica! Tinha sido nomeado professor da Escola pelo diretor e tudo fez para servi-lo. Pelo outro lado, o advogado dos professôres, uma vez que não seria remunerado pelo seu trabalho, desinteressou-se da causa. O resultado era evidente! Venceu o diretor Alioni.

O advogado do diretor José Alioni foi o Dr. Albérico Fraga e o advogado dos professôres Dr. Antonio de Oliveira Dias.

A família de Oséas dos Santos tem todos os documentos da questão em juízo, perdida pelos velhos professores.

O choque do velho Oséas foi tremendo, ainda mais verificando-se que quem mais esteve contra êle foi o seu ex-discípulo Presciliano Silva a cujos pais devotava grande amizade desde menino. Colocado na Escola pelo velho mestre, veio a cursar até o 3.^o ano quando foi seu aluno. Também outro ex-discípulo, Carlos Sepúlveda, a quem beneficiou inclusive empregando-o no comércio, e que foi seu discípulo durante todo o curso da Escola. Outros ainda, já falecidos. Oséas perdoou a todos.

Anos mais tarde o Prof. Sepúlveda veio a reconhecer o seu erro e fêz questão de manifestar o seu arrependimento, auxiliando Oséas na sua última exposição, oferecendo os catálogos, onde constava o retrato do mestre, tirado por Ismael de Barros, filho de seu amigo Agripiniano de Barros.

Encontrando-se no Rio de Janeiro, adoentado, recebeu carta do seu discípulo e amigo Raimundo Aguiar, pedindo a história da Academia de Belas Artes desde a fundação, com tôdas as suas fases gloriosas, até a decadência por falta de verba. O pedido do histórico era para que o Governo Federal incorporasse a Escola na Universidade da Bahia. O diretor, nesta ocasião, Prof. Manoel Inácio de Mendonça Filho, enviou os nomes dos professores que se achavam em exercício, abandonando os velhos mestres que sustentaram a Academia na fase da pobreza, esquecendo aquêles que davam do seu bolso, fazendo cotas em dinheiro para pagar a porteira de muitos anos, sendo esta muitas vêzes ajudada por Agripiniano, Oséas e a filha dêste, Isaura (Pepita) na limpeza das salas de aula. Êsses professores quando a Academia passou a receber uma verba da Loteria Federal, de seis em seis meses, ganhavam no máximo 1:000\$000 (um conto de réis)!

Não se lembrou o diretor dos velhos professores aposentados, apenas com 150\$000 rs. por mês, estando a Escola sem verba para efetuar os pagamentos, aguardando de quando em quando as quotas da Loteria Federal. Os professores vivos nesta ocasião eram: Oséas, Etelvino e Olavo Batista.

Oséas foi prejudicado pela sua boa fé, vindo a falecer em 6 de outubro de 1949, magoado e saudosos da sua Academia de Belas Artes a quem muito queria.

Sua vida na Escola Normal da Bahia

Em 1895, no dia 25 de outubro, no Governo do Dr. Luiz Viana, foi nomeado professor de Desenho, Caligrafia e Cartografia do Instituto Normal da Bahia sendo Diretor da Instrução Pública o Dr. Satiro de Oliveira Dias que, ao dar-lhe posse, pronunciou estas palavras: "Sr. Professor Oséas, o senhor entra para o magistério público da Bahia, pelas portas largas do seu merecimento e não pelas portas estreitas do empenho".

Foi naquela época o professor mais moço daquela casa, 30 anos, e foi nessa ocasião que começou a criar barba.

Sempre acatado e respeitado pelos seus colegas, diretores, empregados e alunos, pois para isso se fazia credor, impondo-se pela sua conduta, competência e maneiras finas para com todos, desde a porteira até o Diretor.

Lecionou durante 38 anos e 8 meses, tendo requerido a sua aposentadoria apenas porque a sua colega Prof.^a Etelvina Rosa Soares, já idosa, precisava também ocupar a cadeira, como catedrática, pois até então, 1933, era a sua adjunta no Instituto (Escola Normal). Sofreu muitas saudades dos colegas e do trabalho, de todos que viu passar por ele num convívio amigo de tantos anos.

Quando diretor da Escola Normal, o Dr. Álvaro Silva, querendo ausentar-se em licença, convidou Oséas para que o substituisse por ser o decano da Escola e com fé de ofício impecável pois em tantos anos de exercício só teve 27 faltas por moléstia, portanto abonáveis. O Dr. Álvaro Silva chegou a ter entendimentos com o Diretor da Instrução Pública a respeito, porém Oséas não aceitou, preferindo ir gozar o seu período de férias no Rio de Janeiro onde residia sua filha Rosita e para onde viajava todos os anos. Escusando-se à honra que lhe queriam conferir, Oséas disse certa ocasião que não aceitava "para não perder os amigos pois como diretor tinha que ser enérgico".

Os seus ex-alunos, já professores, até hoje falam com saudades dos conselhos dados por Oséas ao começar às aulas — conselhos tanto morais como cívicos e sobre a importância do desenho. Sempre ao término do ano letivo era elogiado pelos diretores, quer na Congregação, oralmente, quer por meio de officios.

Aposentado das duas escolas, continuou a pintar os seus quadros, fazer os estudos e preparar exposições como sempre fazia.

No Palácio de residência do Governo da Bahia, existe um quadro intitulado: A espera da missa, que recebeu elogios de toda a crítica especializada do sul do País.

Exposições na Bahia

A 1.^a exposição na capital, Salvador, foi realizada no Liceu de Artes e Officios, promovida pelo próprio Liceu, com todos os artistas e discípulos, e onde obteve medalha de ouro tendo a sua filha Rosita conseguido a de prata. Desapareceu desta exposição um lindo quadrinho "Ruínas da Igreja de S. Amaro em Sergipe".

A 2.^a exposição foi na Casa da Bahia, com outros artistas, por ocasião da sua inauguração.

A 3.^a exposição teve lugar no saguão da Linha Circular, em 1928, recebendo da Escola Normal da Bahia uma grande manifestação, por parte dos alunos, colegas e Diretor. Foi a primeira que fez sózinho, sendo a 18.^a entre todas que já realizara no País. Realizou uma outra exposição na galeria da Igreja da Misericórdia, por ocasião do Congresso Eucarístico.

Em 1946, realizou uma outra exposição na Biblioteca Pública da Bahia, de quadros em aquarela, tendo por esta ocasião feito presente à Legião Brasileira de Assistência um dos quadros intitulado "Paraíso das Graças", a fim de ser feito um leilão em benefício da mesma, o qual foi entregue à sua presidente, na ocasião, D. Ruth Aleixo. Esses quadros, foram pintados quando de sua viagem pela primeira vez, no Rio São Francisco, na época de guerra, estando o velho S. Francisco quase seco. Fazendo paradas de horas e às vezes de dias, pôde executar, tanto na ida, como na volta, muitos quadros com o rio em enchente calamitosa.

Essa exposição foi patrocinada pelo Grêmio Litero Teatral

Castro Alves, fundado por Maria da Glória Mangabeira. Era sua diretora a Prof.^a Isaura dos Santos (Pepita) e foi a exposição inaugurada pelo seu amigo e jornalista Antônio Viana.

Realizou uma outra exposição no saguão do Palácio do Governo, cedido pelo então governador Juraci Magalhães que foi coroada do mais brilhante êxito, e ainda na antiga Galeria Lili, fêz uma outra amostra dos seus trabalhos.

Em 1946 realizou a sua última exposição, em agosto, na Biblioteca Pública do Estado, sendo esta a sua última apresentação na Bahia. A inauguração solene foi efetuada pelo então Governador do Estado Dr. Otávio Mangabeira tendo comparecido a maioria dos seus secretários. Compareceram os seus colegas, ex-discipulos e amigos que prestigiaram na sua última exposição o velho mestre com mais de sessenta anos de vida artistica. Foi realmente uma despedida! Não suportando mais a ausência dos pincéis, da espôsa querida e do filho Alcides, foi para a Vida Eterna dando sua alma a Deus em 6 de outubro de 1949.

Satisfeita a sua vontade de expôr uma última vez na Bahia, faltava-lhe, dizia êle, mostrar os seus últimos quadros aos seus patrícios... rever sua terra, seu Sergipe e seu Maroim... pois apesar da sua gratidão à Bahia e ao aperfeiçoamento da sua arte na velha Academia de Belas Artes, nunca deixou de ser um sergipano bairrista.

Falava sempre em realizar êste desejo com a sua filha Isaura (Pepita), que via crescer a impossibilidade da realização de tal viagem excessivamente penosa para êle. Compreendendo talvez a situação e não se sentindo bem de saúde, disse-lhe êle um dia: "Minha filha, se eu não puder ir a Sergipe, você irá levar, para lá, os meus últimos trabalhos, porque nunca esqueci o meu Sergipe.

A sua última exposição na Bahia foi uma consagração ao mais velho artista do Brasil, ainda vivo naquela época, tendo comparecido representantes de tôdas as classes sociais, enchendo literalmente o livro de presenças com as suas assinaturas. Foram adquiridos quadros por particulares, uma grande paisagem pelo Governo do Estado, e que se encontrava em Ondina, e tôdas as

cabeças expostas pelo seu querido ex-discípulo e amigo Dr. Ariston Martinele.

Nesta exposição realizada em 11 de agosto de 1949, muito o auxiliou Raimundo Aguiar, dando tôdas as providências necessárias e não se pode esquecer o oferecimento espontâneo do ex-discípulo Carlos Sepúlveda, também colega, oferecendo os catálogos com o retrato do artista, esquecendo-se assim as velhas queixas.

Do catálogo que o Instituto Histórico de Sergipe possui, constava o seguinte:

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO PROF. OSÉAS DOS SANTOS

Biblioteca Pública do Estado

Como despedida de sua atividade artística de mais de sessenta anos.

Esta exposição é patrocinada por seus colegas e ex-discipulos.

Porque abandono as minhas atividades artísticas de mais de sessenta anos.

Sempre tive medo da decadência, quando se atinge a avançada idade. Na pintura, essa lei natural torna-se mais sensível, mesmo que o Artista Velho mantenha o espírito môço.

A matéria não obedecerá mais ao espírito — convém parar — é o que eu faço.

Terei doravante a Arte como uma essência que irei usando aos poucos até que a matéria se extinga e o espírito se liberte.

Homenagem aos Diretores Braz do Amaral e Eduardo Dotto a quem se deve existir ainda a Escola de Belas Artes da Bahia.

Homenagem póstuma aos meus amigos e colegas Agripiniano de Barros e Lourenço Conceição.

Ex-discipulos e colegas:

Etelvina Rosa Soares — Presciliano Silva — Mendonça Filho — Carlos Sepúlveda — Raimundo Aguiar — Alberto Valença — Robespierre de Farias — Ismael de Barros — Trajano Dias — Alfredo Araújo — Célia Amado — Conegundes Moreira Pena — Manoel Paraguassu — Antonio Navarro de Andrade — Filomeno Cruz — Licia Alves — Teodomiro Ramos de Queiroz.

Ex-discípulos:

Ester Mangabeira — Semíramis Seixas — Semírames Barbuda — Maria Elvira de Freitas — Celina de Freitas Gordilho — Maria José Garac — Alfredina Gomes Mendes — Hilda Angelim — Almerinda Áspera — Aurea Cordeiro Aquino — Antonieta Laranja — Hildegardes Cantolino Viana — Dr. Ariston Martineli Júnior — Mário Bitencourt — Dr. Albino Moreira — Alfredo Silva — Lindolfo Lage.

Quadros

- 1 — Sonho Desfeito
- 2 — Manhã de Sol
- 3 — Bela Merenda
- 4 — Mar Grosso — marinha
- 5 — Velho Juazeiro
- 6 — Efeito de Crepúsculo
- 7 — A Onda — marinha
- 8 — Cajus
- 9 — Araçás
- 10 — Tempestade do Noroeste — marinha
- 11 — Auto retrato — 1929
- 12 — Auto retrato — 1940
- 13 — Rancho abandonado
- 14 — Mesa posta — noturno
- 15 — Ruínas de Barro

16 — Mendigo filósofo

Interiores

- 17 — Casa de Roça
- 18 — Casinha Antiga
- 19 — Audição em família
- 20 — Vaidade precoce
- 21 — Interior familiar
- 22 — Após a missa

Estudos

- 23 — Velho Cego
- 24 — Menina Môça
- 25 — Menina
- 26 — Maria Quitéria de Jesus
- 27 — Interior
- 28 — 2 de julho de 1823
- 29 — Após a Missa

Aquarelas

- 30 — Cidade de Januária — Rio S. Francisco
- 31 — Gruta da Lapa
- 32 — Castelo Garcia D'Ávila
- 33 — Garcia D'Ávila

Estes quadros quase todos, foram executados por ocasião de sua aposentadoria e da perda de seu filho Alcides e da sua esposa num intervalo de 21 dias. Trabalhava o dia todo a fim de buscar lenitivo nos seus pincéis. É quando de volta do Rio de Janeiro, trazendo um ano depois a sua filha Rosita, que perdera o marido, deixando-lhe três filhos menores, continua a pintar sempre com o fito de fazer mais exposições. A moléstia porém não permitiu que continuasse a última foi a de 1949 cujos quadros foram executados em dez meses.

Exposições no Recife

Em 1923 visitou a cidade de Recife, fazendo duas exposições em que foi extremamente aplaudido, tendo vendido um grande número de quadros, inclusive para o Governo do Estado que lhe adquiriu o quadro "Orando".

Para essas exposições nunca levou recomendações de influentes políticos nem da maçonaria a que pertencia e que certa vez deu-lhe uma prancha e que ele não entregou por falta absoluta de tempo ou por esquecimento. Apresentava-se sempre só com os seus trabalhos e a sua arte.

Exposições em Vitória do Espírito Santo

Fêz duas exposições bem sucedidas e na segunda o Governador Avides considerou-o hóspede do Estado, pagando-lhe as despesas de hotel e adquirindo ainda o quadro "A velhice desamparada", que desapareceu do Palácio por ocasião de grande incêndio ocorrido. Esse quadro se achava reproduzido em uma revista nacional.

Parece que o governador quiz homenagear o artista por ter o mesmo prestado assistência moral a três rapazes, filhos do Espírito Santo, enviados para Salvador, em julho de 1922, suspensos que foram da Escola Militar, para servir na guarnição do exército, enquanto esperava o inquérito, com outros colegas por se terem revoltado em 5 de julho de 1922. Seus nomes: Milton O'Rolly, José Lindberg, Mario Santos. As famílias em Salvador olhavam para os rapazes com desprezo, algumas com receio. Eram revoltosos! Não eram bem aceitos. Em casa do artista Oséas porém, eles encontraram o apoio moral de que necessitavam; almoços, convívio familiar, distrações, reuniões artísticas, piano, canto, recitativo. Ainda hoje as amizades feitas então são cultivadas.

Uma das vezes, a primeira que passou de volta do Rio de Janeiro, com a sua família, em 1923 e onde fôra assistir o Centenário da Independência, Oséas teve a surpresa de ao entrar o navio que o conduzia, entrado na barra de Vitória, ver um grande

número de lanchas volteando o navio inclusive com banda de música. Era uma homenagem que lhe prestavam as famílias dos jovens que elle acolhera em seu lar em Salvador. Das outras vêzes que ali passou, sempre o fêz de surpresa indo visitar os amigos que nunca deixaram de dispensar-lhe o carinho e a gratidão de que era justamente credor.

Exposições no Rio de Janeiro

Já havia no Liceu de Artes e Offícios do Rio de Janeiro um colega sergipano, Evêncio Nunes, professor e ex-aluno do Liceu, vivendo no Rio desde a revolta de Custódio de Melo, e que havia pertencido ao batalhão de Tiradentes. Como se conheciam de Aracaju, sempre com troca de notícias, Oséas o procurou, sendo apresentado a outros colegas e fazendo daí por diante amizades com o diretor e com os professores do estabelecimento.

Todos os anos, quando de férias, Oséas ia ao Rio de Janeiro e devido as relações que mantinha com os professores, era o Liceu o seu ponto preferido e para onde se dirigia tódas as tardes. Naquela época o Liceu de Artes e Offícios funcionava na Avenida Rio Branco junto ao Café Belas Artes.

Realizou no Liceu duas exposições muito bem sucedidas. A primeira em 1924 e a segunda em 1926 quando vendeu cêrca de 23 telas, sendo que nessa ocasião vendeu entre outras obras o seu quadro "Desdem", elogiado unânimemente pela crítica carioca. Quem o adquiriu foi um negociante do Pará, de nome Umbertino de Miranda. É uma magnífica cabeça de môça, tendo sôbre os ombros um chale vermelho de tom vivo. Consta que por distração o artista não assinou o quadro.

Fêz ainda uma outra exposição no Rio de Janeiro no saguão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro que obteve igualmente grande êxito.

Tendo feito uma segunda viagem pelo Rio São Francisco, executou uma coleção de paisagens em aquarela e uns poucos quadrinhos a óleo registrando aspectos do grande rio e expôs na Casa da Bahia. Tódas as aquarelas foram adquiridas pelo então

Francisco Rocha, baiano e fazendeiro residente às margens do São Francisco.

Na Casa da Bahia à um grande quadro, um retrato de Rui Barbosa, que foi adquirido por subscrição de alguns baianos e intitulado "Inspiração de Rui".

Exposição em Sergipe e visita ao seu Estado

Por ocasião das férias de 1920, visitando o seu Estado, Oséas pintou um quadro "Lenda de Marujo" e o ofereceu para ser vendido em benefício da Liga Contra o Analfabetismo, cujo fundador era o Almirante Amyntas Jorge, que lá se encontrava. Existe um documento sôbre êste oferecimento do artista.

Em outra viagem que fêz a Aracaju, idealizou e pintou carros alegóricos para um clube carnavalesco a que pertenciam alguns amigos mais chegados, principalmente parentes de sua esposa — a família do industrial Sabino Ribeiro, em cuja casa, situada em Chica Chaves, se hospedava quando de visita ao seu Estado.

No governo do Cel. Lôbo, em 1921, querendo aquela autoridade possuir o quadro de Horácio Hora, de grande valor, intitulado "Perf e Cecy", solicitou ao Governô do Estado da Bahia que o cedesse a Sergipe através de compra. A proposta não foi aceita e então Oséas lembrou que poderia executar uma cópia com todo o rigor. Aceita a sua sugestão, executou a cópia com tal perfeição que poderia ser trocada pelo original sem que se descobrisse. O quadro foi enviado a Aracaju por ocasião do centenário de Sergipe, condignamente comemorado pelo Cel. Lôbo, com a presença do governador da Bahia, dr. J. J. Seabra e sua comitiva. Oséas apesar de já haver resolvido comparecer as cerimônias, foi convidado oficialmente pelo Governô que o considerou hóspede do Estado, no entanto, Sabino Ribeiro não consentiu que o artista e sua família fôsem para um hotel e hospedou-os em sua residência. Ao chegar a Aracaju, por via ferroviária, foi o pintor surpreendido com uma recepção constante de banda de música da polícia e a presença de representantes do Instituto Histórico, de uma comissão do Legislativo e o representante do Governador. Houve discursos e em seguida foram conduzidos em bondes especiais para a

casa do industrial Sabino Ribeiro onde foi novamente homenageado, tendo discursado o Dr. Costa Filho em nome do Instituto Histórico e Geográfico, e Jackson de Figueiredo. Cercado de todo o carinho e consideração, assistiu, com sua família a tôdas as festas realizadas, sempre acatado por todos os seus conterrâneos que se orgulhavam do mestre da pintura.

No govêrno do Dr. Dórea, por ocasião da entrega da Bandeira de Sergipe, confeccionada pelos sergipanos, ao destroier Sergipe, da Armada Nacional, foi também homenageado pelo Govêrno com um almoço.

Realizou as seguintes exposições: uma no Entreposto, bem sucedida, por ocasião de uma das suas férias. Outra em um Clube social quando foi adquirido pelo Govêrno o seu grande quadro "A Fome" que deve estar no Instituto Histórico e é um impressionante flagrante das sêcas nordestinas. O prefeito de Aracaju adquiriu o quadro "A Decadência" também de grande valor artístico. Outros quadros foram vendidos a conterrâneos seus que sobretudo eram admiradores da sua arte.

Exposições em São Paulo e em Santos

Aconselhado pelos seus colegas do Rio e também por amigos, e devido ainda ao seu sucesso no Rio de Janeiro e Pernambuco, resolveu ir até São Paulo, apossado porém do receio de não ser bem sucedido por se tratar de um grande meio artistico. Sentia-se pequeno. Chegou a São Paulo para expor seus quadros sem nenhuma proteção politica. Apenas trazia uma carta de um negociante do Rio para um colega de São Paulo, a fim de que lhe fosse facilitado o local para a exposição. Conseguido o local inaugurou a mostra e convidou tôda a imprensa para uma visita.

Conhecia em São Paulo um artista a quem fôra apresentado no Rio e que sabendo da sua exposição, procurou-o levando outros artistas de São Paulo para conhecerem a obra de Oséas. Foi um grande sucesso essa exposição. Vendeu todos os seus quadros tendo sido consagrado pela imprensa paulista conforme recortes de jornais em poder de sua filha Isaura (Pepita). Entre as inúmeras notícias, destaca-se a publicada no "Estado de São Paulo"

que assim iniciava: "Ilustre artista desconhecido do Norte que ora nos visita..."

A segunda exposição foi realizada em 1934, após a revolução de São Paulo pela Constituinte. Bem sucedida também, tendo o artista vendido dois quadros para a Prefeitura — "Velha dos Amendoins" e "Pequeno Estudante". Estes quadros acham-se desaparecidos, não logrando o artista o recebimento da importância devida. No primeiro quadro, vê-se uma senhora com um taboleiro de amendoins e no segundo, um menino situado na ponta de uma mesa, estudando, com a luz de um abajur vermelho refletindo no rosto sizado e acompanhado de uma senhora. Não lhe sendo possível aguardar o pagamento dos quadros, pois devia regressar, já que sua filha estava mal de saúde, confiantemente deixou os quadros, que eram grandes, na Prefeitura. Como se demorasse o envio do pagamento escreveu diversas cartas e mandou amigos procurá-los, porém a resposta era sempre a mesma. "Não estavam os quadros na Prefeitura".

Pouco depois foi até Santos expondo seus quadros e conseguindo sempre sucesso. Foi o primeiro artista do Norte do País que se atreveu a fazer exposições no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Última exposição póstuma em Sergipe

Tendo Oséas falecido, a sua filha Isaura (Pepita) foi em fevereiro de 1950 dar cumprimento, em Aracaju, a promessa feita ao seu querido pai, após se comunicar com o amigo Prof. Epifânio Dórea, secretário do Instituto Histórico e procurar na Bahia o Prof. Calazans, que a recomendou à imprensa e ao Governador, Dr. José Rolembert Leite.

Enfrentando uma viagem de trem, com o seu coração cheio de saudade do Velho e ainda de luto, Isaura (Pepita) chegou a Aracaju, sendo recebida pelo Prof. Epifânio que a encaminhou ao "Hotel Rubina", por ser bastante bem situado e de diárias cómodas.

Logo após a sua chegada foi cercada de todo o carinho dos artistas que se prontificaram em ajudá-la na arrumação e na di-

vulgação pela imprensa. Tendo sido apresentada ao sr. governador, em Palácio, este determinou ao seu secretário que tomasse todas as providências necessárias. E assim, foi inaugurada a Exposição Póstuma de Oséas dos Santos patrocinada pelo Governo, imprensa falada e escrita, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe onde foi a mesma realizada.

O dr. José Rolemberg Leite, governador do Estado, quis dar o máximo de prestígio ao ato da inauguração, porém devido ao luto recente da família, esta dispensou a música e todo e qualquer festejo. O governador compareceu à hora marcada, com seu secretariado, funcionários e Oficiais de Gabinete, como consta do livro de presenças. Inaugurada em 9 de fevereiro de 1950 a exposição encerrou-se no dia 19 do mesmo mês, com grande êxito. No dia 20, às 6 horas da manhã, retornava a sua filha Isaura (Pepita) à Bahia.

Uma semana após o seu regresso, leu Isaura (Pepita) no jornal "A Tarde" uma declaração falsa em que era dito estar a mesma mal satisfeita e não ter sido feliz porque em Sergipe não se gostava de arte. Foi uma declaração inverídica, talvez baseada em informações de algum despeitado. Um desmentido foi feito através de jornais de Aracaju.

Nessa exposição foram vendidos os seguintes quadros: "Sonho Desfeito", pelo Governador do Estado; "A Bela Merenda", pelo Secretário Antônio Leite Cabral; "Vaidade Precoce", pelo Prefeito de Aracaju; "Após a Missa" pelo capitalista Gonçalo para a Prefeitura de Maroim; uma paisagem pelo industrial Joaquim Ribeiro e assim foram vendidos a particulares quadros de valor que tinham restado da sua última exposição em Salvador.

No ato do encerramento que se verificou às 18 horas do dia 19 de fevereiro de 1950, Isaura (Pepita) fez questão de apresentar o seu agradecimento e reconhecimento ao Sr. Governador do Estado, dr. José Rolemberg Leite, a seus dignos auxiliares, diretor dr. Manoel Cabral Medrado, Antônio Leite Cabral, ao Prefeito, dr. Marcos Ferreira de Jesus, aos artistas sergipanos, à frente dos quais os espíritos môços e idealistas de Alvaro Santos e Reinaldo Cerqueira, à imprensa e ao público em geral, que se revelaram tão gentis para com a memória do saudoso mestre Oséas

dos Santos. Cabe destacar também o nome do talentoso artista Pedro Lacerda que com o mesmo idealismo de Alvaro e Reinaldo e demais artistas deu grande ajuda para o êxito da Exposição. Agradece também a família do Oséas Santos, pela sua representante Pepita, a bondade com que a acolheu o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe sob a presidência esclarecida do grande médico sergipano Dr. Garcia Moreno, com os esforços dispendidos pelo Secretário Geral, sr. Epifânio Dórea.

O jornal "A Tarde" publicou êste desmentido.

Exposição Oséas dos Santos em Sergipe

Procurou esta redação D. Pepita dos Santos, filha do saudoso Prof. Oséas dos Santos que nos veio dar noticia da exposição de quadros do seu pai, há pouco por ela promovida no vizinho Estado de Sergipe. Disse-nos D. Pepita que, ao contrário do que foi informado pelo correspondente dêste jornal, a exposição foi um grande acontecimento com apreciáveis resultados, quer sociais quer financeiros, tendo o Governador do Estado, altas autoridades, comerciantes e particulares em geral adquirido a maior parte das telas expostas. Além disso, D. Pepita Santos fêz referências ao modo fidalgo com que foi recebida em Sergipe, pelo Governador, pela imprensa, pelo público em geral, todos êles prestando sentida homenagem à memória de seu pai.

Oséas na sociedade

Como artista pintor, era retratista. Dedicou-se à música e tocava piano embora na adolescência tocasse trombone de vara e órgão. Sócio da Maçonaria, antigo "Abrigo da Humanidade", foi mestre de Harmonia e orador reeleito vários anos.

Tomou parte na propaganda da liberdade dos escravos, da República, escrevendo num jornal de Sergipe. Na Bahia, acompanhava Silva Jardim quando êste esteve em propaganda da Re-

pública, contando episódios destes fatos, com precisão e testemunho de vista.

Era sócio fundador da Associação dos Funcionários Públicos da Bahia.

Trabalhou como amador de teatro e pintava cenários para as companhias que iam se exhibir em Aracaju e Maroim. Era um grande admirador do teatro e incentivando grupo de amadores pintava gratuitamente os cenários.

Gostava, quando môço e mesmo com a idade de meio século, de dançar, fazendo dela uma arte. Foi sócio do Club Caixeiral e do antigo Cassino Espanhol.

Sempre que podia fugia dos amigos que alcançavam altos cargos para que não pensassem que queria apoquentá-los com pedidos. Assim procedia, pois não queria perder o amigo que o decepcionasse.

Hoje, não está a sua filha Isaura, na Escola Normal, substituindo-o porque êle achava que os estudos que ela havia feito na Escola de Belas Artes, até a 2.^a série, eram insuficientes. A proposta foi feita pelo dr. Alvaro quando Diretor da Escola Normal. Entretanto, foi nomeada uma môça que não sabia desenhar o que para dar a 1.^a lição teve que pedir uma aula a Oséas, sôbre como desenhar um copo comum.

Era muito respeitado e estimado por todos que o conheciam e lidavam com êle, desde a classe modesta até a mais alta, tanto como artista como cidadão.

Era retratista dos sócios falecidos, benfeitores da Santa Casa de Misericórdia, da Beneficência Portuguesa, da Irmandade da Igreja da Conceição da Praia da Escola Normal e de inúmeros particulares, tanto a óleo como em desenho.

Foi por muitos anos dono de uma casa fotográfica de nome "Fotografia Artística", comprada com o dinheiro que José Marcelino pagou aos professores da Escola de Belas Artes e que correspondia aos atrasados de quatro anos da gestão de Severino Vieira. Esta compra foi para ajudar na vida de artista, pois tinha sido cortada a subvenção da Escola, ficando os professores sem subsistência. Esta casa fotográfica teve sua época feliz sendo muito procurada. No govêrno do dr. J. J. Seabra porém, foi

determinada a remodelação da rua Chile e Oséas teve que se retirar do prédio sem lograr indenização. Não lhe foi possível encontrar um local satisfatório para instalar de novo a sua casa e atelier.

O dr. Luiz Viana, na época do seu governo, quis dar-lhe uma subvenção para que fôsse à Europa estudar e aperfeiçoar-se. Não aceitou, para não deixar a familia com pouca assistência, pois já estava com mais filhos e a responsabilidade de duas irmãs solteiras em casa, uma cunhada e a sogra, e também, segundo declarou no momento, para não tirar o direito dos artistas baianos.

Foi distinguido pelo Governo do Estado para formular os pontos para o concurso na Escola de Aprendizes Artífices e Ginásio da Bahia e dirigir os trabalhos fazendo parte da mesa julgadora. Por causa destes concursos sofreu aborrecimentos e adquiriu inimigos. Com o Ginásio, por ter votado a favor do Prof. Vieira de Campos, e daí começou a campanha contra elle por parte de um certo grupo. Na da Escola de Aprendizes Artífices votou a favor de Presciliano Silva, apesar de ter um dos candidatos, o Alvaro Barros, como pai, o seu amigo Agripiniano de Barros. Todos os documentos a respeito estão guardados e lhe são muito honrosos.

Lecionou e era insistentemente solicitado pela sua competência e método para colégios particulares como o Colégio Piedade, Ginásio S. Salvador, Ginásio Carneiro Ribeiro e o Colégio do Sagrado Coração de Jesus, (antigo Perdões) subvencionado pelo Governo do Estado, para formar professôres.

Ensinava em casas particulares e em sua própria casa, sendo que nesta a uma maioria de pessoas pobres de quem não recebia pagamento, dando ainda o material necessário.

Durante algum tempo dedicou-se ao retoque de ampliações fotográficas trabalhando para a Fotografia Gonçalves e para uma casa alemã.

Em Aracaju fez uma palestra na Associação Comercial sobre o valor da arte, dando destaque à pintura e ao desenho e pedindo que o Governo fundasse uma Escola de Belas Artes, aproveitando como professôres os grandes valores existentes em Sergipe, a fim de que se desse oportunidade aos que possuissem vocação e não

pudessem ir a outro Estado. Prometeram mas não cumpriram! Grandes valores saem para outros Estados como Janner e outros que hoje são consagrados podendo ser professôres. Propôs ainda o artista que dessem à Escola o nome de Horácio Hora e as principais salas os de Quintino Marques e Carlos da Costa Carvalho.

Como gratidão à Bahia Oséas ofereceu à Casa da Bahia em Salvador um quadro intitulado Os Encourados do Pedrão. Este quadro histórico, foi encomendado por um prefeito de Irará mas quando foi terminado já o Prefeito tinha sido substituído e na ocasião disse o nôvo Prefeito que não havia verba. Como se tratava de um feito histórico, Oséas ofereceu sem remuneração a uma Casa que cultivava a História da nossa Bahia. Deu ao Antônio Viana, jornalista e membro da casa a incumbência da entrega o qual em uma sessão comum falou fazendo grandes elogios ao nome do artista.

Deve existir ata sôbre este assunto.

Oséas como chefe de família

Creemos não ter havido ainda um espôso e um pai que superassem, que fôsem melhor do que êle o foi. Só pensava no lar, vivendo para êle desde o dia do seu casamento, consultando sempre a sua espôsa sôbre o que precisava realizar, e quando fazia uma obra, quer fôsse um quadro, um retrato ou simples desenho, chamava-a para dar a sua opinião. Dizia: "Sinházinha, venha ver" — e ela dava a sua opinião, a favor ou contra, sempre sincera e sempre aceita por êle. Com o correr dos tempos o artista veio a consultar também a sua filha que ficara solteira.

Educou os filhos no amor as artes. O rapaz, apesar de ter geito, não quis ser artista. Foi ser comerciário, sem gôsto pelos estudos, embora tenha feito dois anos, naquela época, de preparatórios. A Isaura (Pepita), com geito mas com vocação para ensinar, foi ser professôra primária. Rosita, a mais propensa para as artes, cursou na Escola de Belas Artes até a 2.^a série, e particularmente com o pai, foi professôra adjunta de Oséas nos "Perdões". Casando-se, hoje é viúva. Oséas deu aos seus filhos os melhores professôres de música. O rapaz, Alcides aprendeu

a tocar violino e bandolim e as duas môças piano e canto. A Rosita chegou a cantar óperas, como soprano ligeiro e ainda tocava piano e violino.

Como artista, Oséas dos Santos era uma alma simples de mais. Bem para todos que o procuravam. Sua mesa era farta não fazendo queixas das despesas. A sua espôsa era a encarregada das compras necessárias, desde a roupa até o alimento incluindo a própria vestimenta do artista que só era comprada com a presença da espôsa, sòmente quando D. Sempiramis já idosa e adoentada não ia à rua com facilidade transferiu o encargo das compras para si mesmo.

Promovia em sua casa, desde quando os filhos eram pequenos, aos domingos à tarde, reuniões com piano e recitativos reunindo vizinhos, sobrinhos, cunhada e irmãos.

Necessitando em certa época, ampliar os seus rendimentos, passou a tirar retratos de criminosos para o Chefe de Polícia. Permaneceu nesse encargo cêrca de um ano, porém sentia-se constrangido no contato com aquêles infelizes e aceitou o alvitre da sua espôsa que aconselhou demitir-se uma vez que era um trabalho que executava a contragosto.

Todo o fim de ano, por ocasião das férias, antes das viagens ao Rio de Janeiro, ia com a família para o veraneio, sendo que escolhia num ano, a beiramar e no ano seguinte o sertão. Dizia que "o contato com a natureza dava vigor à matéria e fortaleza ao espírito". Da bagagem que levava para êsses veraneios, fazia parte indispensável o seu material de pintura pois era onde mais ocupava o seu tempo durante as férias. Pintar. Pintar sempre!

Em Salvador a sua casa era uma espécie de pensão ou hotel, pois amigos, parentes ou recomendados de amigos que vinham para estudar ou para se empregar lá ficavam, tendo cama, mesa e cigarros garantidos enquanto **se arranjavam**. Outros hospedavam-se apenas enquanto os navios que os conduziam, permaneciam no pôrto de Salvador. Muitas dessas pessoas já não existem, mas os seus filhos que as acompanhavam, hoje ocupando altos cargos não mais deram notícias. Morando estiveram parentes e amigos. Por ocasião da Guerra de Canudos, refugiou em sua casa o promotor do Monte Santo com tôda a sua família, num

total de oito pessoas. Seu nome era João Gonçalves da Silva - foi quem nos contou a verdadeira história de como eclodira a guerra. Sabia que o principal causador da guerra era o juiz que decidira parcialmente contra os devotos de Antônio Conselheiro e denunciou-o. O juiz porém, convenceu ao coronel Moreira César chefe da expedição militar do Sul de que o promotor denunciante era amigo íntimo de Antônio Conselheiro e o coronel prendeu-o aguardando oportunidade para fuzilá-lo. Com a morte do coronel, conseguiu fugir a pé, vindo para Salvador e providenciando depois a vinda da família. Este promotor era parente da esposa de Oséas.

Chegou a hospedar famílias de até quinze pessoas no aguardo de que o chefe da mesma se empregasse ou de que o navio em que deveria viajar, para cumprir transferência de emprêgo, partisse.

Seu lar foi também algumas vezes hospital. Pessoas houve que vieram do interior e do Norte para fazer tratamento, saindo uns curados e outros não, todos porém eram cuidados com carinho e dedicação. Duas senhoras faleceram em casa de Oséas e ele lhes fez os enterros.

Ajudou sempre os parentes que necessitavam e enterrou três irmãos, arcando com tôdas as despesas. Não desejava deixar fortuna aos filhos. Proferiu dar-lhes educação e instrução para que vivessem independentes. Não queria que o dinheiro fôsse causa de desunião. Ao morrer, deixou a maior fortuna que tinha segundo sua própria expressão "o seu nome honrado, o título de Artista e os seus quadros". Não deixou dívidas de espécie alguma, nem grandes nem pequenas e até o seu entêrro foi pago com o seu dinheiro.

Nunca se negou a ajudar aos que queriam estudar o desenho e a pintura e indo mais além ajudava todo aquêle que tivesse vontade de vencer. Assim, foi com o jovem Arnaldo Souza Queiroz a quem criou desde a idade de três meses e que é hoje funcionário federal. Este môço foi educado por ele sendo seu amigo e filho espiritual, gratíssimo, revelando amor filial sincero e prestando-lhe assistência a todo o momento durante a sua longa moléstia. Também uma jovem de treze anos que revelou grande inteligência, ele acolheu juntamente com sua mãe viúva, educando-a

e empregando-a na "Leste Brasileiro" na Bahia. Hoje é funcionária dos Correios do Senado Federal, graças ao pedido feito por Oséas à mãe de sua discípula particular Celina de Freitas Gordilho, que intercedeu junto ao Diretor da "Leste" dr. Lauro Farani de Freitas. Nomeada, continuou com a família de Oséas. Sendo transferida para Brasília, continua muito grata, revelando a todos que com ela convivem, a grande gratidão que tem para com o velho Oséas e sua família.

Oséas sofreu muitas ingratidões de alguns a que ajudou. Mas o reconhecimento dos dois citados, compensam.

Um dos grandes amigos de Oséas dos Santos foi o saudoso professor Cassiano da França Gomes que foi sempre um grande admirador das suas qualidades morais e da sua arte. Num encontro casual em uma das ruas do Salvador, perguntou-lhe o prof. Cassiano: "Sr. Oséas, o senhor gostaria de ser professor da Escola Normal?" Recebendo uma resposta afirmativa, despediu-se o prof. sem outra explicação. Isto ocorreu no Governo do dr. Rodrigues Lima. Assumindo depois o governo o dr. Luiz Viana, este conservou a reforma feita pelo seu antecessor, nomeando Oséas. Não preciso dizer quanto de amizade e gratidão tinha Oséas pelo Cassiano. Olhados de irmãos, trajavam-se no mesmo estilo: chapéu de pêlo e "croizer". Depois, com a evolução da moda, mudaram para chapéu alto e fraque; por fim, jaquetão e chapéu de feltro. A amizade estreitou-se depois da nomeação de Oséas quando passaram a conviver mais assiduamente. Hoje, as duas famílias, apesar dos seus chefes falecidos, conservam a mesma amizade.

Oséas sempre gostou de festas principalmente em sua casa e os aniversários da família eram sempre comemorados com danças e concertos.

Oséas e sua religião

Era católico. Tinha uma fé em Deus muito forte. Cultuava tôdas as passagens de Jesus com muita crença. Pela Paixão e Morte de Jesus, nos quatro dias em que se comemora este fato, êle conversava com os filhos a respeito do que sabia, fazendo co-

mentários. Também pelo Natal falava sobre o nascimento de Jesus. Sabia trechos da Bíblia, tanto do Velho como do Novo Testamento. Venerava a Sagrada Família e era devoto de Nossa Senhora das Graças e de São Francisco.

Orava ao levantar-se com suas próprias palavras, pedindo saúde e paz para toda a família e a humanidade. Às dezoito horas rezava a Ave Maria guiando-se pelo badalar dos sinos das igrejas. Ao deitar-se orava pedindo bênçãos para os seus filhos e para toda a família.

Faleceu justamente na hora da Ave Maria, quando o sino da Igreja de Santo Antônio Além de Carmo badalava, assistido por sua filha e pessoas amigas, na residência da sua cunhada Profa. Maria Percina Caçador Dotto, na Rua Monsenhor Tapiranga n.º 21. Com grande acompanhamento, seguiu o corpo para o Campo Santo, em Salvador falando na ocasião o Prof. Paulo Dantas, seu ex-discípulo, colega e amigo.

A pedido da sua filha Rosita, residente no Rio de Janeiro, os seus ossos se acham em S. Francisco Xavier (Cemitério do Caju), em um ossário, da sua família, de n.º 5701, modelo 3, quadra n.º 28.

HISTÓRICO DO QUADRO DE OSÉAS DOS SANTOS SÔBRE RUY BARBOSA QUE SE ACHA NA BAHIA, SALVADOR, NA "CASA DE RUY BARBOSA".

Quando da passagem de Ruy Barbosa pela Bahia no ano de foram-lhe prestadas muitas homenagens, e, entre elas a da Colônia Sergipana já bastante expressiva na ocasião.

Sendo o Prof. Oséas dos Santos, catedrático da Escola Normal da Bahia e da Escola de Belas Artes da Bahia, um dos pintores mais em evidência, na época, e sendo de naturalidade sergipana, foi procurado por uma comissão que desejava algum quadro de autoria do mesmo e que pudesse ser oferecido ao grande baiano em nome da Colônia Sergipana radicada em Salvador. Não possuindo nada que se prestasse para tal homenagem, segundo o seu critério, ofereceu-se o pintor para executar um trabalho condizente com o momento e com a figura do homenageado, que no seu entender era merecedor do que de melhor se conseguisse.

Infelizmente, Ruy viajaria dentro de 48 horas para o Rio de Janeiro o que tornava praticamente impossível o aproveitamento da oferta do mestre sergipano. Oséas dos Santos porém era desses temperamentos privilegiados aos quais as dificuldades apenas espicaçam tornando-os mais resolutos e persistentes. O tempo de que dispunha era mínimo, principalmente levando-se em conta do que as tintas dependeriam de horas para secar e sobretudo que nunca o artista se preocupava em criar algo relacionado com Ruy Barbosa. Teria que imaginar e executar algo verdadeiramente artístico uma vez que sendo oferecido a Ruy seria por certo olhado por milhares de pessoas inclusive críticos, artistas, professores de arte, etc. e aí então entrava também a responsabilidade do autor que não desejava apresentar uma obra que não

recomendasse bem o seu nome de artista e o seu prestígio de professor de pintura e desenho (modelo vivo), da Escola de Belas Artes da Bahia.

Oséas dos Santos assumiu contudo o compromisso de entregar uma tela para ser oferecida a Ruy Barbosa, no dia seguinte, às 10 horas da manhã na residência do dr. Augusto Viana, no antigo "Largo da Graça", quando seria prestada a homenagem ao grande baiano.

Nessa mesma noite, aproveitando uma tela virgem que possuía, iniciou o esboço de uma elegoria que viria a ser o quadro "Acorda Brasil", inspirado na Campanha Civilista realizada pelo imortal Ruy, o que sacudiu o Brasil de Norte a Sul sob a palavra fulgurante e os ideais da liberdade do grande tribuno.

Assim, de um momento para o outro e em circunstâncias especialíssimas, nasceu o quadro de que tanto gostava Ruy e a que sempre se referia com carinho e emoção.

O quadro apresenta o Brasil na figura de um índio sendo despertado pelo sol nascente que é o próprio Ruy!

No momento aprazado, reunida a Colônia Sergipana na residência onde seria prestada a homenagem, o orador escolhido pronunciou eloquente discurso terminando por oferecer a magnífica tela que foi apresentada no momento. Visivelmente emocionado, Ruy usou da palavra iniciando assim o seu agradecimento: "Sempre acostumei-me a admirar o pequenino Estado de Sergipe, grande pelos seus filhos ilustres, de grande talento e laboriosos. Aí está neste quadro a afirmação..."

Quando ministro, o Dr. Ernesto de Simões Filho, visitando a Casa de Ruy no Rio de Janeiro viu o quadro e comprou-o por trezentos mil cruzeiros, segundo afirmação do jornal "A Tarde", trazendo-o para a Casa de Ruy em Salvador onde se encontra.

LEBRANDO UM GRANDE MESTRE

Não é fácil tarefa julgar os grandes homens e fazer-lhes a exaltação, quando tiverem vida modesta, fora das posições políticas, sem o alarde da publicidade encomendada, escondidos em sua simplicidade.

Oséas dos Santos foi um desses homens infensos ao exibicionismo, afeito, tão somente ao trabalho, como artista, por amor à arte, demonstrando, em todos os seus atos, as qualidades peregrinas de educador.

Aqui, o meu intento é apresentá-lo à geração presente, no seu aspecto de professor, que visava, mais do que tudo, a educação dos seus discípulos e a colaboração no progresso artístico de nossa terra.

Oséas não nasceu na Bahia, mas foi um baiano de fato, desde jovem pelos grandes serviços que nos prestou, como artista, como educador, como cidadão, pelo muito que amou à Bahia.

Em 24 de agosto de 1895, o Governador Luiz Viana, ao assinar o decreto da nomeação do grande mestre, para a cadeira de Desenho da Escola Normal da Bahia, proporcionava assim, ao velho estabelecimento de ensino, a competência, a dedicação apostolar, o exemplo admirável e edificante de homem que havia de ser um dos maiores vultos do magistério baiano, em seu tempo.

Bem o sentiu o inesquecível Sátiro de Oliveira Dias, autoridade máxima da educação, naquela época, ao pronunciar, no ato da posse do novo mestre, apertando-lhe as mãos, segundo testemunha fidedigna, as seguintes palavras "Eu lhe felicito por entrar no magistério pela porta larga dos seus merecimentos, não pela porta estreita do protecionismo".

Começava, assim, a jornada que havia de ser bem longa, do ardoroso servidor de ensino, colaborando na formação moral e

intelectual de várias gerações que lhe conservaram a memória aureolada, com respeito profundo e gratidão imorredoura.

Primeiro titular da Cadeira de Desenho da velha Escola Normal, criada pela reforma efetuada no fim do governo Rodrigues Lima, secundado por distintas professoras como Júlia David, Etelvina Soares, Arminda Barbosa e, mais tarde, Lyra Novais, não teve quem lhe excedesse em competência e devoção no magistério.

Fui seu aluno, quando ele, já amadurecido, estava no esplendor de sua carreira. Os traços marcantes de sua personalidade ficaram, indelêvelmente gravados no meu espírito de jovem e haviam de mais aprofundar-se, depois, quando tive a honra de figurar, ao seu lado, no corpo docente da Escola.

Oséas não era, apenas, o professor de Desenho, empenhado em dar lições, cumprindo, estritamente, seu dever, seus alunos notavam logo no primeiro dia de aula, em cada ano letivo, o fervor do sacerdote do ensino, no conquistar os alunos, desvendando-lhes os mistérios superando óbices, para que se efetuasse melhor, mais do que o simples aprendizado de Desenho, — a formação do caráter dos alunos e sua formação cívica!

Quando, pela primeira vez, ouvi a palavra do saudoso mestre, na reabertura das aulas do ano de 1917, maravilhou-me sua eloquência, constituindo aquêlê primeiro contato a base indistintível da admiração que me mereceu, durante longos anos — primeiro como aluno, depois como companheiro de magistério, mas inspirando-me sempre, uma amizade respeitosa e filial.

Severo, não o era o professor Oséas, no sentido de humilhar o discípulo, mas de fazê-lo progredir no estudo. Sua austeridade era natural, sem excluir o carinho paternal que todo o mestre digno dêste nome deve dispensar ao aluno. Por isto, merecia amizade e respeito.

Caracterizavam-se bem, no grande educador, os sintomas da "lucerna luceus" de que nos fala o apóstolo. Poucos poderão reunir, como ele, em sua personalidade, a brandura paternal com a severidade do preceptor.

Uma das facetas mais sensíveis da personalidade do Prof. Oséas era a sua assiduidade indefectível. Não obstante dedicar

sua atividade, também, à Escola de Belas Artes, da qual foi um dos esteios, e a outros estabelecimentos de ensino, era muito difícil acontecer sua ausência de uma aula. Tinha o espírito de sacrifício, tão fundamental no magistério.

Habitualmente brando, modesto, lhano, como poucos, no trato social, eu o vi, mais de uma vez, transfigurado no auge da indignação contra as torpezas humanas que êle alma boa e sensível, sabia detestar e condenar.

Como amigo, era intransigente e entregava-se, até, ao sacrifício, para ser leal e justo.

Não me esquivo de registrar, aqui, um fato em que me envolvi logo após a revolução de 1930, da qual Oséas foi adepto entusiasta, como admirador de Osvaldo Aranha e de Getúlio Vargas.

Um grupo numeroso de professores da Escola Normal, descontentes com a administração do então Diretor, um dos vultos mais destacados do professorado, porém mal visto por muitos como administrador, entendeu de dirigir um memorial ao novo governo do Estado, solicitando o afastamento do referido Diretor. E coube-me a incumbência delicada de pedir a assinatura do Prof. Oséas, no documento. Fui procurá-lo em sua residência. Sabia de suas relações de amizade com o Diretor mas, ainda jovem e muito entusiasmado com a causa da Revolução, esqueci tudo, para ser fiel à missão de que me incumbiram.

A atitude do velho mestre, naquele momento, foi, para mim, uma lição inovidável.

Amigo dos mais fervorosos adversários do Diretor que se queria atingir, recebendo-me com a delicadeza de sempre, explicou-me a impossibilidade absoluta de assinar o documento: era amigo do homem que se queria afastar da direção da Escola, dele recebera, sempre, provas de consideração e apreço. Pediu-me, então, que explicasse aos companheiros, as razões de sua conduta, sem, com isto, querer desconsiderar a ninguém.

Sai dali sentindo muito maior admiração pelo homem cujo centenário de nascimento comemoramos agora. Moço ainda, compreendi bem, naquela ocasião, a grandeza de um caráter, através a manifestação de uma lealdade admirável.

Foi assim, a vida do Prof. Oséas Santos, tãda pontilhada de atitudes retilíneas e edificantes.

No dia de sua despedida, pela aposentadoria, perante a Congregação da Escola Nacional, coube-me a honrosa incumbência de pronunciar algumas palavras, em nome do Corpo Docente. Compreendendo a delicadeza da minha missão, procurei ser conciso e simples na linguagem, dizendo, entre outras coisas:

“Aluno de ontem, parece-me ouvir, ainda as sábias lições do mestre que ora se despede do nosso convívio, espírito equilibrado que soube, sempre, cativar a afeição dos seus discípulos.

Colega de hoje, tendo merecido, tantos anos, a amizade preciosa de Oséas Santos, não posso calar uma confissão: é a de que sinto, profundamente, como tãda a Escola, a perda de um dos seus mais respeitáveis professôres que dedicou uma existência inteira ao ensino, neste glorioso Estabelecimento”.

Mais adiante, ainda disse eu:

Homem de bem, sensato, moderado e lhano, nas suas expansões comuns, sabe vibrar, sempre, môço, nas manifestações de sua dignidade, contra a vileza dos homens, revelando um talento de valor e uma honestidade exemplar”.

E, terminando meu pequeno discurso, naquele dia memorável de forte emoção:

“Prezado Prof. Oséas, ides mas ficareis, entre nós, porque não morre o afeto sincero, não se desfaz a verdadeira gratidão. Sede feliz, gozando o prêmio que merecestes pelo trabalho!

Mocidade da Escola Normal, vêde, na pessoa dêste varão digno, um exemplo a seguir. Trabalhamos, como êle trabalhou, pela grandeza desta Casa”.

Há tantos anos escritas e pronunciadas, estas palavras parecem sair agora mesmo, do meu coração. E eu as repetiria mil

vêzes, se necessário e possível, para homenagear o involdável mestre.

Honra à memória!

Paulo Fábio Dantas
Catedrático aposentado do Instituto de
Educação Isaias Alves

Salvador, abril de 1965.

ENCONTRO ÀS VINTE E UMA — CVI

CRÔNICA DE JOÃO MARQUES GUIMARAES PARA A RÁDIO DIFUSORA DE SERGIPE CARACTERÍSTICA MUSICAL

Está sendo comemorado, hoje, pelo Instituto Histórico e Geográfico, ora presidido pelo meu ilustre e dileto amigo, Engenheiro Urbano de Oliveira Lima Neto, o primeiro centenário do consagrado pintor Oséas Santos, nascido em 1865, na cidade de Maroim, onde residiam seus pais, Manoel José dos Santos e Margarida Rosa da Vitória dos Santos.

Desde muito criança teve uma grande inclinação para a arte da pintura e o seu maior prazer era copiar, a lápis, as figuras que lhe caíam nas mãos. Na Escola, acrescenta a sua autobiografia, fazia o seu negócio, desenhando para os colegas figurinhas de animais, paisagens e escritas de férias a lápis de cores, por todo o preço, a partir de 100 réis.

Por muita consideração ao pai do menino Oséas, o pintor Joaquim, muito mediocre, que morava em Maroim, prometeu dar-lhe duas aulas por semana, mas terminou não o fazendo sob a alegação de encontrar-se adoentado.

Vencendo mil dificuldades, Oséas viajou para a Bahia, em Novembro de 1879, matriculando-se, no ano seguinte, na Academia de Belas Artes, mantendo-se com uma mesada mensal de 50\$000.

Depois de haver trabalhado na oficina de um relojoeiro francês, muito mal educado, grosseiro e beberrão, o genial maroinense iniciou o seu curso na Academia, surpreendido o Prof. Canizares,

que certo dia lhe perguntou: "Você nunca aprendeu o desenho: nunca teve professor?".

Oséas Santos continuou de vento em popa, tomou parte no concurso instituído pela Academia, ganhou o maior prêmio da sua série, e, contando com a amizade sincera de seu colega Agripiniano de Barros, pegou a embalagem do sucesso e, embora haja perdido seu pai extremoso e dedicado, transformou-se num pintor célebre, que sempre honrou o nome alcandorado de Sergipe.

Oséas Santos, empregando tóda a vontade de reproduzir o que tinha nos seus olhos, pintou de verdade, e, não obstante havia perdido também sua mãe, fêz diversas andanças e, vivendo sempre de arte, foi ocupar a vaga do Prof. Costa Carvalho na Academia de Belas Artes da Bahia, passando a residir em Salvador, trazendo sua espôsa e a primeira filha Isaura dos Santos, conhecida por Pepita, que eu conheci, hoje, num modesto aposento do Hotel Comercial, numa visita que lhe fiz, em nome do Governador do Estado.

A seguir, nasceram-lhe outros filhos e Oséas, sem esquecer jamais a sua idolatrada cidade de Maroim, lecionou na Academia durante 41 longos anos, além de mais de três anos como aluno, perfazendo, assim o total de 47 anos de convivência naquele estabelecimento de ensino.

Foi professor da antiga Escola Normal da Bahia, realizou, com êxito absoluto, várias exposições, teve uma vida trepidante, dinâmica, que se findou justamente na hora da Ave Maria, quando o sino da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, badalava, assistido por sua filha, familiares e amigos.

No dia de hoje, ao transcurso do primeiro centenário do grande mago do pincel, Sergipe reverencia a sua memória, que é legado precioso às gerações que sucederam o mestre imortal.

* * *

**Homenagem póstuma pelo Centenário de nascimento
em 11 de maio de 1965**

O Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, celebrou com todo o brilho o Centenário do artista, filho de Sergipe, Oséas dos

Santos, com uma sessão solene, comparecendo o Governador do Estado, Secretários, Comandantes da Guarnição Federal de Sergipe, Oficiais e o Major Jealbe de Figueiredo Barbosa, Comandante da Polícia e Oficiais, Juizes, Secretário da Educação e Diretor, Professorandas, Intelectuais, Artistas, Famílias e pessoas outras. Foi orador oficial o Dr. Joel Macieira de Aguiar.

ATA DA SESSÃO SOLENE DE 11 DE MAIO DE 1965

Aos onze dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e cinco, pelas vinte horas, estando presentes os membros da Diretoria, autoridades públicas civis, militares e eclesiásticas, e bem assim numerosos associados, cavalheiros, senhoras e senhorinhas da sociedade local, ocupou a presidência, como lhe cabia, o Dr. Urbano Neto, que, em breve improviso expôs o fim da sessão, que era celebrar, condignamente, em sessão magna, o centenário de nascimento do insigne e saudoso pintor sergipano, professor Oséas Santos.

Não houve leitura de ata nem de expediente por se tratar de sessão magna e não de rotina.

Estando presente o Governador do Estado, Dr. Sebastião Celso de Carvalho, foi-lhe transmitida a presidência da sessão. Assumindo a presidência o Governador Celso de Carvalho concedeu a palavra ao orador da solenidade Joel Macieira de Aguiar, natural de Maroim, como fôra igualmente o pintor Oséas dos Santos. Ocupou então a tribuna, sob palmas da numerosa assistência, o desembargador Joel Aguiar, proferindo brilhante discurso que foi calorosamente aplaudido pelos presentes.

A seguir usou da palavra, também sob aplausos da assistência, a senhorinha Prof.^a Isaura dos Santos, digna filha presente do grande pintor, cuja memória se estava exaltando no momento. A distinta oradora agradeceu, comovida, as homenagens prestadas à memória do seu saudoso pai, sendo muito aplaudida ao terminar a sua oração.

Ao encerrar a sessão o Governador Celso de Carvalho agradeceu à numerosa assistência o seu apoio à homenagem que se vinha de prestar à memória do artista, que soube honrar, na ca-

pital baiana, onde viveu quase tóda a sua vida, e esplendor da inteligência e das belas artes de que Sergipe tanto se orgulha. A senhorinha Isaura dos Santos, a convite do Instituto, viera a Sergipe vindo de Niterói, onde reside, a fim de assistir às solenidades programadas em honra a memória do seu insigne e devotado pai.

Encerrada a sessão seguiram-se os cumprimentos à filha do grande pintor compatriço, lavrando eu, Emetério Francisco do Nascimento, auxiliar administrativo do Instituto, a presente ata, redigida pelo Secretário Geral do sodalicio, senhor Epifânio da Fonseca Dórea.

**PALAVRAS DE ISAURA DOS SANTOS (PEPITA)
AGRADECENDO EM SEU NOME E NO DE SUA
IRMÃ ROSITA DOS SANTOS WERLANG E
FILHOS, A GRANDE HOMENAGEM FEITA A
SEU PAI E AVÓ OSÉAS DOS SANTOS, EM
SERGIPE.**

Grande é a minha emoção de estar entre os meus conterrâneos assistindo esta grande homenagem póstuma ao meu querido pai Oséas dos Santos aquêlé que honrou o nome em vida, de brasileiro, sergipano, maroinense com a sua honradez, artista pintor e professor. Sinto-me feliz por estar na minha Terra, no recinto dêste grande monumento e que é o Instituto Histórico de Sergipe, entre os seus membros e acarinhada pela sua Diretoria, o dr. Urbano Oliveira Lima Neto e o Professor Epifânio da Fonseca Dórea, que foram incansáveis para o êxito desta homenagem.

Antes de meus agradecimentos deixo aqui nesta Casa, ao Governador, um pedido que foi de Oséas aos governos anteriores: Criar uma Escola de Belas Artes Horácio Hora. Há aqui grandes vocações o têm dificuldades de irem a outros Estados. Pedia que nas salas dessem os nomes de: Quintino Marques e José da Costa Carvalho, terminando, porque não faço discurso, entregando o meu coração cheio de gratidão ao Governador do Estado Dr. Celso de Carvalho aqui presente e que me fêz uma visita no Hotel Comercial, por intermédio da pessoa do Dr. João Marques Guimarães, como também ao Dr. Urbano Prof. Epifânio, a imprensa falada e escrita e a todos os presentes que honraram com suas presenças, prestigiando esta solenidade. Recebo pelo Oséas e a sua familia as palavras cheias de emoção ditas pelo orador

oficial, dr. Joel Macieira Aguiar, que é como Oséas era, filho das margens do Gaiamoroba.

Só tenho a dizer, muito e muito obrigado.

A CIDADE DA CAPELA E SEU MUNICÍPIO

Por J. Dantas Martins dos Reis

SITUAÇÃO

Está edificada a cidade da Capela num taboleiro ou planalto de regular extensão, situado numa elevação de terras, entre as bacias dos rios **Lagartixo**, **Japarutuba** e de alguns dos seus pequenos afluentes.

Este planalto, para o lado oposto à bacia destes dois rios, ainda se prolonga até a gruta do **Sangradouro**, nas proximidades de **Nossa Senhora das Dôres**, cujas terras, em que está edificada, pouco irregulares na acidentação, têm a mesma configuração que as da Capela. As suas edificações, na maioria, em estilo antigo, erguem-se em ruas mais ou menos alinhadas, dando agradável perspectiva a todos os forasteiros que a procuram, justificando cabalmente, pela amenidade de seu clima, pela jovialidade dos seus habitantes, naturalmente alegres e prazenteiros, como todos os habitantes das regiões elevadas, — o epíteto de formosa cidade, — “Princesa dos taboleiros”.

A Capela, bem disse **ARMANDO MESQUITA**, “é a formosa cidade, de viridentes campos e águas cristalinas, a encantar os que sobem do vale de Japarutuba, ou vêm das encostas do **Ganhamoroba**, galgando a esplanada cheia de luz e ar, por onde se derrama a casaria alegre”.

Esta formosura da natureza, tôda risonha para a Capela, comunicou-se às suas filhas, que geralmente são havidas como as mulheres mais formosas de Sergipe. Nos traços fisionômicos de

alguns dos habitantes do município, sobretudo nos de **Saúde e Estreito**, para logo se descobre a influência da raça holandesa, que em tempos remotos, depois do seu domínio, batidos em São Cristóvão, se embrenhou pelo interior da **Capitania de Sergipe**, localizando-se, de preferência, nos sertões de **Itabaiana, Capela** e circunvizinhos, para as bandas do centro. E da fusão das raças, com predominância do branco, surgiu este tipo de sergipano sertanejo, habitante da zona a que nos referimos, que, em contacto com o solo e o ar vivificador daquelas paragens, tornou-se naturalmente alegre e empreendedor.

LIMITES DO MUNICÍPIO

Ao norte com os municípios de **Aquidabã, Muribeca** (Sitio do Meio) e **N. S. das Dôres**; a Leste com **Muribeca e Japaratuba**; a Oeste com **N. S. das Dôres**; ao Sul com **Siriri e Japaratuba**.

AREA

Seis léguas quadradas, aproximadamente ou sejam 36 quilômetros quadrados.

ASPECTO FÍSICO

O terreno é geralmente acidentado. A cidade, porém, é edificada num planalto que se estende em direções diversas, oferecendo ao observador agradável perspectiva e "formosos horizontes".

O Município é grande e bastante fértil.

CLIMA E SALUBRIDADE

É quente e seco, geralmente muito saudável, a não ser nas margens do Japaratuba, onde o impaludismo, de vez por outra, impera.

POPULAÇÃO

Vinte a vinte e dois mil habitantes, para o município e cinco mil almas para mais, tem a cidade.

DIVISÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA

O município constitui o distrito de paz e termo judiciário da Capela, sede da comarca do mesmo nome, criada pela lei n.º 607, de 22 de Março de 1861. Está dividido em 4 distritos policiais.

POVOADOS

Tamanduá, próximo à cidade; **Pedras**, a 5 quilômetros; **Estreito**, a 10 km.; **Taboleiro**, a 9 km.; **Miranda**, a 17 km.; **Saúde**, a 10 km.; **Boa Vista**, a 6 km.; **Oiteiro Redondo**, a 15 km.; **Cafubá**, a 12 km.; **Angás**, a 17 km.; **João Fernandes**, a 20 km.; **Arraiais**: **Cruz da Conga**, **Lagôa do Meio**, **Cem Passos** e outros de menor importância.

POTAMOGRAFIA

Banham o município os seguintes rios: **Japaratuba**, **Siriri**, **Lagartixo**, **Japaratuba Mirim**. Os riachos e correços: **Favela**, **Lagartixinho**, **Rio das Pedras**, **Pilãozinho**, **Currálinho**, **Taquara**, **Gravatá**, **Manuel Gomes** e **Barroso**.

LIMINOGRAFIA

No município existem as lagôas do "Mato" e a "Sêca". Esta a 3 quilômetros da cidade.

FONTES

O município tem, em abundância, ótima água potável e a cidade é servida e abastecida por muitas fontes, destacando-se dentre elas as da **Bica**, **Pomba de Galinha**, **Brejinho**, **Vitorina**, **Nascença**, **Patrício**, **Jaqueira**, **Minas** e **Pilãozinho**.

AGRICULTURA

O município é essencialmente agrícola. Já em 1881, dizia o engenheiro Firmino R. Vieira, na sua Monografia; "Estudo sobre a Província de Sergipe e seus melhoramentos", que "Capela era centro agrícola de muita atividade".

A sua principal fonte de riqueza é a cana de açúcar, cuja produção anual varia de 60 a 80 e muitos mil sacos, dependendo da regularidade das estações.

No município existem atualmente 38 engenhos. Dêstes, 12 possuem aparelhos modernos de beneficiar açúcar, o que lhe dá a denominação de Usinas, enquanto os demais, ainda o fabricam pelo processo antigo.

É preciso aqui destacar as Usinas PROVEITO e S. JOSÉ DO JUNCO, com ótima aparelhagem, que são de regular capacidade produtora, devido aos esforços dos seus adiantados e empreendedores proprietários Dr. Francisco Vieira de Andrade e Ariovaldo Barreto. No ano a que se refere a Monografia citada o município possuía 73 engenhos. Muitos dêstes estão anexados e fundidos, hoje, em uma só propriedade, razão porque é muito menor o número atual deles. Em mil oitocentos e setenta e poucos, existiam, segundo refere um cronista, no município de Capela 82 engenhos de fabricar açúcar, sendo 7 movidos a vapor, 3 a água e 72 a animais.

O algodão também é cultivado e em maior escala beneficiado no município, que o compra, em grande porção, do de N. S. das Dôres. O fumo, o café, a mandioca e cereais, também são bastante cultivados.

INDÚSTRIA

A principal é a açucareira com fabrico de aguardente. Na cidade existem duas bem montadas fundições, em que se conservam e preparam peças acessórias de máquinas dos engenhos. A arte pirotécnica também tem os seus cultores em Capela. A indústria pastoril no município, aos poucos, vai se incrementando.

Fabricam-se excelentes queijos e deliciosa manteiga. A carne de sol preparada em Capela é tida como uma das melhores do Estado.

COMÉRCIO

O comércio local, em tempos passados, foi mais próspero que atualmente. Capela no regimem monárquico, teve o seu comércio muito mais movimentado, o que bem se afeere das referências dos antigos. Naqueles tempos, até nas letras jurídicas, era outro o desenvolvimento da cidade. Talvez para isto haja concorrido a facilidade das comunicações com a Capital, que dia a dia mais se simplificam. E, as necessidades mais prementes da vida, vão impelindo os homens do centro para o litoral, que geralmente os atrai, pela facilidade de transportes.

EXPORTAÇÃO

Açúcar, algodão, fumo, farinha, cereais, bebidas, aguardente e fogos, são os principais gêneros de exportação.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

O município hoje é servido pelo ramal da Estrada de Ferro Timbó a Propriá, que da estação de Murta sobe à cidade de Capela. A iniciativa e autoria do projeto da via férrea — “Timbó a Propriá” — coube ao Dr. Rodrigues Dória, nosso então representante na câmara dos deputados, como claramente se evidencia de um seu opúsculo subordinado ao título — uma reivindicação — A declaração feita no Senado pelo Senador Coelho e Campos em discurso proferido em 1903, de que havia planeado o curso de uma via férrea para Sergipe e colegia dados, — quando a representação de Sergipe na Câmara dos Deputados apresentou um projeto, cuja iniciativa patriótica êle aplaudia”, vem corroborar a certeza da nossa afirmativa. No entanto o ramal que partindo da Estação de “Murta” vai ter à Capela, é obra exclusivamente sua, fato êste que ninguém contesta, diante do amor que votava

êle a terra capelense de onde quase se fizera natural. Esta por sua vez já está ligada a N. S. das Dôres por uma bem regular estrada de rodagem. Em construção está uma rodovia ligando Capela à Carmo, que também já está ligada à Aracaju.

Ainda de Capela partem boas rodovias para as usinas Proveito e S. José do Junco, construídas pelos seus proprietários, que se têm revelado agricultores adiantados e progressistas, para não falar noutras, muito menores, construídas também por iniciativa particular, como sejam as que vão ter às usinas Recursos, Lavagem e Palmeira.

Como se vê, a iniciativa particular não tem esperado pela ação do governo, nas suas três esferas — Município, Estado e União, — que têm o dever de “promover por todos os meios a construção imediata e intensa de estradas de rodagem para viação comum”, como bem conclue o Dr. Juscelino Barboza (Cong. Estradas 1924). “São as estradas, acrescenta êle, que facilitam e apressam a realização verdadeira e prática dos objetivos fundamentais da administração — política, higiene e instrução popular — trazem o desenvolvimento econômico e, portanto, apressam também a restauração financeira”.

O desenvolvimento econômico de uma região, de um lugar, depende de suas boas estradas. Dai o aforismo que se já vai firmando: “dize-me as estradas que tens e dir-te-ei o que vales”.

Por isso, asseguramos à Capela um novo surto de progresso, devido à iniciativa dos seus filhos. A cidade é servida por uma agência de correio de (3.^a classe), por uma estação telegráfica (de 4.^a) e por uma rede telefônica.

Capela dista aproximadamente, 10 léguas de Propriá; 3 léguas de Japaratuba; 5 léguas de Rosário; 5 léguas de Maroim; 3 léguas de Siriri, 3 léguas de N. S. das Dôres e 3 léguas de Muribeca.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

É ministrada no Grupo “Coelho e Campos”, em quatro classes reunidas, além do ensino de ginástica e canto orfeônico, regidas por professoras. Em cada um dos povoados, Tamanduá, Pedras, Miranda, Angás, Cruz do Conga, Taboleiro e Boa Vista existe

uma escola mixta. As escolas reunidas no grupo, funcionam sob as vistas de um diretor, no ex-edifício da Intendência Municipal, que, por conveniência de adaptação, foi permutado com o prédio doado ao Estado pelo Ministro COELHO E CAMPOS, para nêle ser instalado o grupo. O edificio do grupo, depois das modificações sofridas, foi devidamente mobiliado de acôrdo com os modernos principios pedagógicos. Ultimamente foi reconstruído, inteiramente, pelo interventor Maynard. O município mantém três escolas mixtas na cidade, uma no povoado **Estreito**, uma noturna, ainda na cidade, e três distritais. Enquanto o ensino primário é assim cuidado, o secundário é inteiramente abandonado, não só pelos poderes públicos, como, também, pelos particulares. No regimen monárquico Capela teve uma cadeira de Latim criada pela lei de 16 de Julho de 1847, e o conceituado colégio Vieira. Há pouco tempo fundou-se um colégio de irmãs "Clarissas", denominado **Colégio da Imaculada Conceição**, melhoramento êste de iniciativa de Ariovaldo Barrêto e Antão Corrêa de Andrade, o qual por decreto n.º 86, de 29 de Julho do corrente ano, foi equiparado à Escola Normal Rui Barbosa. Também existe naquela cidade um grémio de letras com a denominação — Casa do Livro, um asilo denominado S. José, para amparo e educação de órfãos, que tem como diretora D. Maria Evangelina Cabral e o colégio S. José, dirigido pelo cônego José da Mota Cabral.

Na cidade existem cinco escolas particulares e uma mantida pela Liga contra o analfabetismo, subvencionada pelo Município.

IMPrensa

Existiram em Capela os seguintes jornais:

O CAPELENSE — Hebdomadário — 1897. Proprietário e Editor José Ferreira da Silva.

O BRASIL — Periódico — 1900. Propriedade de uma associação. Gerente Durval Rocha.

SERGIPANO — Periódico, 1901. Proprietário, Nilo José de Melo.

O NORTE — Periódico 1908. Redator e Empresário Gotardo C. de Araújo Junior.

A IMPRENSA — Periódico — 1901, 1922 e 1923. Proprietário, Oswaldo Carvalho na 1.^a e 3.^a fases e na 2.^a João Fonseca Lima.

O VIGIA — 1921. Propriedade de uma associação. Redator, proprietário Francisco Rosa e Silva.

A LUZ — 1922. Hebdomadário. Propriedade de Manoel Francisco. Redator, J. Leal.

O MOMENTO — Redator-proprietário José Ferreira da Silva.

O MIMO — Redator Américo Cardoso.

O TEMPO E O ESPIÃO.

EDIFÍCIOS PRINCIPAIS

A Igreja da Matriz, a do Amparo, a Prefeitura Municipal, o grupo escolar Coelho e Campos, o Hospital de Caridade com regular patrimônio, o Mercado, o Teatro Municipal e a Estação da Estrada de Ferro e o Colégio da Imaculada Conceição.

REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Coletoria e Exatoria que arrecadam as rendas da União e do Estado e a repartição Fiscal do Município.

RECEITA E DESPESA

Em 1925, a receita orçada foi de 33:380\$00 e a despesa fixada de 32:808\$686. Dai para cá tem aumentado gradativamente, como se vê do quadro demonstrativo que vai abaixo:

1928 —	Receita orçada	39:161\$3130
	Despesa fixada	36:877\$00
1929 —	Receita orçada	62:130\$992
	Despesa fixada	36:870\$000
1937 —	Receita orçada	94:000\$000
	Despesa fixada	94:000\$000

A PENA DE MORTE E SUA EXECUÇÃO EM CAPELA

Em 1856 foi executado em Capela um escravo condenado a pena capital, por ter assassinado o seu Senhor ou proprietário. Caetano era o seu nome. Foi supliciado na praça do Amparo, lugar onde fôra armada a fôrca.

A êsse horrível espetáculo assistiram muitos escravos mandados pelos seus senhores, para que o fato servisse de exemplo. Consta que no momento da execução a corda da fôrca partira-se três vêzes, sem que isso abalasse os sentimentos da senhora ou patrôa do supliciado. O escravo morreu resignado, pedindo aos seus pareceiros nunca praticassem o crime que êle praticara, que fôsem sempre bons e obedientes. Vem a propósito lembrar que a pena de morte fôra abolida, de fato, no Brasil, antes de o ser de direito, devido a um êrro judiciário ocorrido em Itabaiana (Sergipe), com a execução do condenado **João Gomes**, fato que abalara a clemência do Imperador, pois que o poder moderador se exercia no sentido de impedir aquela pena. (Vide AFRÂNIO PEIXOTO *Psico Patologia Forense*, pág. 72 nota 1).

CURIOSIDADES NATURAIS

Ao sul da vila, descreve o Major José Guilherme, "e à distância de meia légua, há duas quebradas profundíssimas, paralelas e muito próximas, formando um estreito de não mais de 10 braças, de cada uma das quais rebenta um abundante jorro d'água.

A leste da vila e ainda a meia légua de distância, há outra quebrada, notável por sua profundidade, que serve de manancial a um riacho e que forma igualmente um estreito com uma gruta que lhe fica paralela. Além destes, há mais outros estreitos, um ao NORTE e outro ao SUL da vila, formados do mesmo modo que os primeiros.

As principais estradas por onde se fazem as comunicações da vila para os municípios vizinhos passam entre grandes quebradas ou rebentações do solo, por um caminho plano de terreno firme".

A CIDADE DA CAPELA, SUA FUNDAÇÃO

J. Dantas Martins dos Reis

Data a fundação da Capela de 1735, quando o Capitão LUIZ DE ANDRADE PACHECO e sua mulher PERPETUA DE MATOS FRANCA, aos nove dias do mês de janeiro, fizeram, por escritura pública de dote de capela, passada em notas, no cartório da vila de **Santo Amaro das Brotas**, da comarca e **Capitania de Sergipe**, doação de **cem mil reis** que tomaram no todo ou em parte do sítio que possuíam, dentre outros bens, entre as duas Japarutabas, denominado **Coité** e os deram para dote de uma capela que havia de ser erigida com a invocação de N. S. da Purificação, no sítio de terras chamado **Taboleiro da Cruz**, onde residiam, nos limites do Jacaré Mirim, ficando em mãos dos doadores a referida quantia a juros de seis e um quarto por cento, para compra de paramentos da dita capela, devendo passar o aludido sítio **Coité** aos seus herdeiros com o mesmo encargo de pagarem os juros dos referidos cem mil réis aos administradores que lh'os sucedessem.

E para maior garantia obrigaram suas pessoas e bens, móveis e de raiz havidos e por haver.

Em 1737, foi dada por construída, preparada e apta para a celebração de missa a igreja ou capela, depois de feita, a cujos fundadores foi imposta a obrigação de dotá-la com duas ordens de ornamentos e cômoda para a guarda deles.

Com a freqüência de missas e festas, promovidas pelo Padre LUIZ DE ANDRADE PACHECO, filho do doador, casas foram sendo construídas para moradia e rancho do povo vizinho, que ali afluía.

E, assim, foi aumentando o povoado até que em 1813, aos nove dias do mês de fevereiro, foi ereta em freguesia, desmembrada da do **Pé do Banco**, com a denominação de freguesia de **N. S. da Purificação da Capela** (1).

O nome do antigo povoado, hoje cidade, provem da capela que fôra construída, que passou a emprestar seu nome ao antigo sítio em que fôra edificada.

Mortos os doadores, seu filho **DIOGO PEREIRA SOARES**, doou à mesma capela 500 braças de terra em quadro, no mesmo lugar da sua edificação, que constituem grande parte do patrimônio ainda hoje existente.

Mais tarde, em 1848, o Padre **PEDRO VIEIRA DE MELO**, representado por seu procurador Vigário Francisco Muniz de Melo e o representante do patrimônio de Nossa Senhora, **DORINDO JOSÉ DA ROSA**, fizeram permuta de cinqüenta mil réis que tinha Nossa Senhora, no sítio **Palmeira**, hoje usina **Palmeira**, de propriedade do referido Padre **PEDRO VIEIRA DE MELO**, por igual quantia, em terras que possuía o dito Padre no sítio das Pedras e isto realizaram mediante prévia concessão de licença, ficando assim uniforme e aumentado o referido patrimônio.

Em 1833, na execução do Código do Processo Criminal, Capela foi pelo Presidente da Província, em conselho, elevada à

(1) Capela teve como seu primeiro vigário o Padre Gratuliano José da Silva Porto (1823). Foi substituído pelo vigário Francisco Vieira de Mello, que tomou conta da freguesia em 19 de Julho de 1874, tornando-se estimado e respeitado dos seus Paraquianos "pelas suas raras virtudes e pelas atos de caridade que costumava praticar, envolto sempre no manto da sua habitual modestia", no dizer de José Guilherme Vieira, falecendo em 1.º de Junho de 1896, substituíram-no, sucessivamente, os vigários encomendados Padre Virgílio do Rosário Montalvão (Julho de 1896 à Março de 1898), Leandro Ribeiro dos Santos (Março de 1898 à Janeiro de 1909) e José da Motta Cabral (1.º de Janeiro de 1909 até a presente data). O Padre Gratuliano, primeiro vigário da freguesia, teve como seus coadjutores, o Padre Francisco da Silva Porto, seu sobrinho, reputado um dos maiores oradores sacros do seu tempo e por isso cognominado — o Barralinho — e Domingos de Mello Rezende. O Padre Gratuliano era filha de D. Maria Perpetua de Sá Porto, que promoveu a criação da freguesia de Japaratinga, o que se realizou em 2 de Janeiro de 1811, para que dela fôsse vigário colado o seu filho Gratuliano irmão da padre José Francisco da Silva Porto e do padre Dr. Manuel José da Silva Porto, ordenados em Coimbra. Este último foi lente de direito eclesiástico na Faculdade de Direito de Olinda, em 1828, cargo que deixou para servir o de Juiz de Direito da Comarca de Vila Nova do Rio São Francisco. Exerceu também o cargo de secretario da Faculdade (27 de Abril de 1829) (CLOVIS BEVILAGUA, Historia da Faculdade de Recife, vol. 1.º, pag. 103).

categoria de vila, elevação que, em 1835, foi aprovada pelo Dec. de 19 de fevereiro. (2)

Criada a comarca da Capela em 1861, a vila do mesmo nome passou a ser sua sêde.

Só em 1888 é que foi a vila elevada à categoria de cidade (Lei n.º 1331 de 28 de agosto).

A Capelinha primitiva foi demolida em 1824, por frei CANDIDO, quando, pela primeira vez, pregou Santa Missão, ocasião em que principiou a erigir um novo templo — o atual — que já tem passado por algumas modificações. (3)

(2) Em 1935, quando se quis comemorar a elevação de "Capela" a vila, publicamos, o autor desta notícia e o advogado Adraldo Campos eleito deputado à Assembléa Constituinte do Estado, um trabalho por nós elaborado, no "O Estado de Sergipe" de 19-2-935 e em avulso, sob o título "Defendendo a historia da Capela", em que se encontram os seguintes esclarecimentos, firmados em documentos antigos, no mesmo trabalho inseridos: "O centenário da elevação de Capela a categoria de VILA foi no ano de 1933! A sua elevação a vila, repetimos, se deu em 1833, pela Presidente da Provincia, em conselho, na execução do CODIGO DO PROCESSO CRIMINAL. O Conselho Geral da Provincia, era uma especie de poder legislativo. Tinha por principal objeto propor, discutir, e deliberar sobre os negocios mais importantes da sua Provincia, formando projetos peculiares, e acomodados às suas localidades e urgencias. (Constituição do Imperio, art. 81). O objetivo da referida elevação foi para que a Capela pudesse gozar vantagens que só às Vilas eram conferidas. Dentre ellas, enumeramos as seguintes: Criação da Camara, criação do 1.º tabelião do público, judicial e notas, escrivão de orfãos, provedoria e anexos. (Constituição cit., art. 167). Assim de fato e de direito, a elevação de Capela a Vila data de 1833, época em que começou a disfrutar as prerrogativas asseguradas na lei. Não se venha com o argumento de que a elevação parte da aprovação do ato que lhe deu aquela categoria. A aprovação ou confirmação não era ato obrigatorio da Assembléa. Era pratica meramente facultativa. Desde aquele ano (1833) estava a Capela organizada politico-juridico-administrativamente".

(3) Publicamos aqui as escrituras referentes. Os dados desta notícia foram decaçados em notas particulares escritas pelo Major José Guilherme Vieira, cujo testemunho é merecedor de todo acatamento, por ter sido um varão inteligente, respeitável e bastante estimado no meio em que viveu, pela inquebrantabilidade moral dos seus atos.

“Escriptura do Patrimônio da Capella da Purificação de Nossa Senhora, que fazem o Capitão LUIZ D'ANDRADE PACHECO, e sua mulher PERPETUA DE MATOS FRANCA, para fundarem em seu sítio do taboleiro da Cruz, no Jacaré Mirim como abaixo se declara. Saibam quantos este público instrumento de escriptura de dote de Capella ou como em direito melhor nome tenha e por assim virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil e setecentos e trinta e cinco, aos nove dias do mez de Janeiro do dito anno, n'esta villa de **Sto. Amaro das Brottas**, comarca da Capitania de Sergipe d'El-Rey, no escriptorio de mim tabellião, compareceram ahi presentes, outorgantes doadores, a saber o Capm. LUIZ DE ANDRADE PACHECO e sua mulher PERPETUA DE MATOS FRANCA, moradores no seu sítio **Taboleiro da Cruz**, no limite do **Jacaré-Mirim**, termo desta villa, pessoas que as reconheço pelas proprias que aqui faço mansão e por elles ambos juntos como marido e mulher me foi dito a mim Tabelião, em presença das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, que elles eram senhores e possuidores, de bom titulo de um sítio de terras aonde viviam no limite do Jacaré Mirim, termo d'esta villa chamada **Taboleiro da Cruz**, e bem assim outro sítio de terras entre as duas Japaratus e que chamam **Coité**, também no termo desta villa, que houverão de herança de seu pai e sôgro o defunto Francisco de Andrade Pacheco, e como estas terras mais nas Pedras Brancas, as quaes todas tem situadas com gado, e possuem mais outros bens como taes vinte e tantos escravos, e que destes bens não deviam coisa alguma, por quanto vivem desempenhados, e nestes termos declararão em presença das testemunhas adiante nomeadas e assignados que de suas livres vontades tomarão no seu sítio **Coité**, em todo ou em parte d'elle cem mil réis, em suas terças d'alma e os dava como com efeito tinham dado para dote da Capella da Purificação de Nossa Senhora que querem erigir no dito seu sítio **Taboleiro da Cruz**, ficando de hoje em diante nas suas mãos os ditos cem mil réis a razão de juros de 6 e 1/4%, para compra dos paramentos da dita sua Capella, passando o dito sítio do **Coité** a seus herdeiros com o mesmo encargo de pagar os juros dos ditos cem mil réis aos administradores que depois d'elles, donos forem

pelo tempo adiante, e que para satisfação do dito dote e seus juroz obrigação suas pessoas e bens, moveis e de raiz, havidas e por haver e o melhor para d'elles se pagarem os ditos juroz e rendimentos dos ditos cem mil réis, para ficarem para sempre para dote da dita sua Capella da Purificação de Nossa Senhora, que querem erigir no dito sitio **Taboleiro da Cruz**: e querem que esta doação se lance e tombe, aonde for necessario, para d'ella ficar memoria para sempre pelo grande bem que se lhe seguiu de erigir a dita capella e a terem para suas consolações do pacto espirital, além do bem commum de que se pode aproveitar os mais povos circumvisinhos daquella distancia em que vivem de sua igreja Matriz, e de outra qualquer: Em testemunho da verdade assim disserão e outhorgarão do que me requereram lhe fizesse este instrumento n'esta nota que assignarão, pedirão e acceitarão: Eu Tabellião acceito em nome dos ausentes o que tocar possa como pessoa publica estipulante e acceitante, sendo a tudo presente as testemunhas, Semeão Antunes Freire e Albano da Silveira Passos, moradores n'esta villa que aqui assignarão com os outhorgantes doadores depois que por elles virão e ouvirão ler este instrumento nesta nota e pela outhorgante doadora não saber ler nem escrever rogou ao Reverendo Frei José da Sta. Clara Passos religioso de Nossa Senhora do Monte Carmo que por ella assignou.

Eu José Ferreira de Passos escrivão que escrevi:

Luiz de Andrade Pacheco

Assigno a rôgo da outhorgante doadora Frei José de Santa Clara Passos

Semeão Antunes Ferreira

Albano da Silveira Passos"

(Conservou-se a mesma orthographia e redacção do original).

* * *

"Escriptura de troca que faz o PADRE PEDRO VIEIRA DE MELLO de cinquenta mil reis em terras que possui no **Rio das Pedras** por outra igual quantia que possui Nossa Senhora da Purificação desta villa, no **Sitio Palmeira** como abaixo se declara. Saibam quanto este publico instrumento de Escriptura de troca,

ou como em direito melhor nome tenha e lugar haja virem, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e oitocentos e quarenta e oito, aos vinte e quatro dias do mez de Fevereiro do dito anno, nesta Villa da Capella, comarca de Villa-Nova, Provincia de Sergipe D'EL-Rei, em meu cartorio compareceram presentes o Reverendo VIGARIO FRANCISCO MUNIZ DE MELLO, como procurador do Reverendo Padre de Mello, e por outra parte o Administrador do Patrimonio de Nossa Senhora, DORINDO JOSÉ DA ROSA, pessoas reconhecidas de mim Tabellião, e pelo procurador do Reverendo Padre **Pedro Vieira de Mello**, me foi dito em presença das testemunhas abaixo assignadas, que muito de seu gosto, sem constrangimento de pessoa alguma dava em troca da quantia de cincoenta mil reis que tinha a mesma senhora, no **Sítio Palmeira**, igual quantia em terras que possui no **Sítio das Pedras**, e pelo Administrador me foi dito que accetava a troca da quantia de cincoenta mil reis, que em terras tinha Nossa Senhora no **Sítio Palmeira**, por igual quantia no **Sítio Rio das Pedras**, visto que convinha a bem do mesmo Patrimonio, e havia obtido previa concessão de licença. E por esta foram e por ser esta distribuida pelo Distribuidor do Juizo Guilherme José da Silveira. Em fé do que em testemunho da verdade assim o disseram, outorgarão, assignarão e accetarão, e eu Tabellião como pessoa publica accetei em nome dos ausentes e pessoas a quem tocar possa a favor deste instrumento, que lavrei nesta nota por me ser requerido presente por testemunhas o Doutor, digo testemunhas João Evangelista Vieira e João Alves Corrêia. E eu Antonio José Barbosa escrivão que o escrevi em publico e raso de que uso. Em testemunho da verdade o primeiro Tabellião Antonio José Barbosa.

Pe. Francisco Muniz de Mello
Dorindo José da Rosa
João Evangelista Vieira
João Alves Correia".

TEMPESTADE NO MÔRRO

Silva Ribeiro Filho

A Freire Ribeiro,
grande poeta e dileto amigo

O casebre, ao pé do môrro,
Esperava um temporal
Para acabar de cair;

* * *

Mas a preta fatalista
Achava que o bem e o mal
Só vêm quando têm de vir;

* * *

E dormia a sono sôlto,
Em seu casebre bizarro,
Como dorme em seus suspensos
Palácios o João-de barro;

* * *

A cobertura — metade
Zinco, metade esteira —
Tinha buracos enormes
E por êles espiavam,
E por êles espiavam,
A noite inteira, as estrêlas!

Outro assim, tão miserável,
Não se via na Favela,
Mas foi capa de romance,
Deu motivo a uma aquarela;

* * *

Negra velha resadeira,
Contava histórias de santos
E com ramos de alecrim
Dava cabo de quebrantos;

* * *

Uma noite choveu grôso.
Chuva, chuva, ventania.
Pelo môro um rio sujo
Raivosamente descia...

* * *

Já rompendo a madrugada,
A gente aflita do môro
Olha um quadro que apavora:
Lá vão no pronto-socorro
Caçula e o filho de peito;
Aos ferimentos de Lula
Não tem doutor que dê jeito;

* * *

Chico, Rosinha, Inocência
Levados na correntêsa...
.....
O céu castigára o môro,
O môro é todo tristêsa;

E quando, sob destróços,
Descobriram Minervina,
Foram tantos Padre-Nossos
Resadinhos em surdina,
Junto do corpo inda quente,
Que à defunta não fêz falta
Missa de corpo presente;

* * *

Iluminava o seu rosto
Um sorriso que o bom gôsto
Da morte immobilizou;

* * *

O sorriso da purêza,
Que Nosso Senhor lhe deu
E o mundo não lhe tirou...

MARIA AUXILIADORA

Silva Ribeiro Filho

(No seu 1.º aniversário)

Pode ser como as outras a menina,
Que no outono da vida Deus me deu,
Mas outra existirá — tão pequenina —,
Que tenha um riso que se iguale ao seu?

* * *

Raio de sol na névoa vespertina,
De quanta luz o coração me encheu
O riso angelical desta menina,
Que no outono da vida Deus me deu!

* * *

Mas... se vislumbro o termo do caminho,
Pouco lhe posso dar do meu carinho,
Pouco receberá de tanto amor!

* * *

Ampare-a pela vida a Mão Divina,
Cresça pura e feliz esta menina,
Do meu outono solitária Flor!

FALECIMENTOS

Sócios falecidos nos anos de
1961 a 1965

EFETIVOS

Paulo Costa, Dr.	em Aracaju, a 05.01.1961
José de Góes Duarte	em Aracaju, a 14.02.1961
Etelvino de Menezes Tavares, Dr. ..	em Aracaju, a 10.10.1961
Edgard Lacerda Ferreira	em Aracaju, a 29.12.1961
José Eduardo de Oliveira	em Aracaju, a 20.03.1962
Cacildo Dantas	em Aracaju, a 12.07.1962
Edélzio Vieira de Melo, Dr.	em Aracaju, a 23.12.1962
Celso Oliva, Dr.	em Aracaju, a 13.02.1963
Ladislau Estevão Milett, Dr.	em Aracaju, a 28.04.1963
José Conrado de Araujo	em Aracaju, a 09.05.1963
Alvaro Santos	em Aracaju, a 22.05.1963
Luiz Kráus	em Aracaju, a 31.12.1963
José de Alencar Cardoso, Prof.	em Aracaju, a 04.05.1964
Francisco de Souza Porto	em Aracaju, a 10.07.1964
Gerinand Lacerda Filho	em Aracaju, a 06.08.1964
Onésimo Araujo Pinto	no Rio Jan. a 07.08.1964
João Melo de Oliveira	em Aracaju, a 06.04.1965
Antônio Correia de Melo, Dr.	em Aracaju, a 07.05.1965
Otávio Teles de Almeida, Desemb.	em Aracaju, a 08.12.1965

BENFEITORES

Afonso Quintiliano da Fonseca na Bahia a 07.10.1961

HONORÁRIOS

Antônio Augusto B. de Medeiros, Dr. no R. G. Sul a 25.04.1961
Paulo de Figueiredo P. Horta, Dr. . na Guanabara a 08.07.1961

CORRESPONDENTES

José Mesquita, Desembargador ... em Mato Grosso 23.06.1961

I N D I C E

	Pág.
Retorno à Publicidade.....	3
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe — Epifânio Dória	4
Breve Discurso Proferido pelo Presidente do Instituto — Dr. Urbano Neto	8
Ferreira Neto no Instituto — J. Pires Wynne	9
Discurso — Dr. Ferreira Neto	15
Alocução — Dr. Urbano Neto	19
Discurso — Epifânio da Fonseca Dória	20
Palavras do Acadêmico — J. Freire Ribeiro	25
Discurso — Dr. Antônio Garcia Filho	34
Discurso — D. José Bezerra Continho	41
O Desenvolvimento Cultural de Sergipe na primeira metade do século XX — Dr. José C. Brandão da Silva	46
Exposição Filatélica Sergipana — Ulisses Siqueira de Jesus	58
Diário do Imperador D. Pedro II na sua visita a Sergipe em 1860	64
O Palácio Olímpio Campos — Urbano de O. L. Neto	79
Recordações — Edilberto Campos	97
Revolução de 31 de março de 1964 — Democracia e República — J. Pires Wynne	120
Refolhos da história nas páginas de um diário — Arivaldo Prata	129
A vida de um pintor — Oséas dos Santos	134
Histórico do quadro de Oséas dos Santos sobre Ruy Barbosa	167
Lembrando um grande mestre — Paulo Fábio Dantas	169
Encontro às vinte e uma — João Marques Guimarães	174
Ata da sessão solene de 11 de maio de 1965	177
Palavras de agradecimento — Isaura dos Santos	179
A Cidade da Capela e seu Município — J. Dantas M. dos Reis	181
A Cidade de Capela, sua fundação — J. Dantas M. dos Reis	190
Tempestade no mórro — Silva Ribeiro Filho	196
Maria Auxiliadora — Silva Ribeiro Filho	199

1850
 A. J. de Souza
 A. J. de Souza
 A. J. de Souza

Este é o relatório me, bem
 referido meu, d'este prazo.
 Uma que se trata de uma
 obra que se encontra em
 sua proteção, em nome de
 Trinceira e no nome, a conclusão
 das obras da Capella de
 Santo Gabriel de Hupacá, no
 povoado de Cachambu, município
 de Baxpendy. Esta obra tem

projectado desde seu cargo,
pela Trinceira, tem certo
empulso a principalmente
devido aos esforços de Sr.
e de seu illustre filho o illustre
engenheiro Dr. Christiano

Platão da Luz;
Luz para que's grande
satisfação, saber que um filho
ella abandonada, mas que
mancha para sua condencia.
Fazendo pois no espirito
republicano de J. P. e de seu digno
filho, de um sentimento de

iniciado que nos tem mostrado
esta esperança que mais uma
vez tem sido em suas obras
podem sempre benficamente

apresentado em suas obras e
oportuno de para ventar
He a expressão de meus
sentimentos de particular
consideração e estima

Castel de Torres

Paro da concórdia, Comarca de
Rio de Janeiro, 17 de novembro
de 1859



REGINA

SS